ELEIÇÕES NA ALEMANHA FEDERAL — ARTIGO DE RAUL RÊGO (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 799 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

A Oposição Democrática prepara-se para concorrer pela primeira vez em todos os círculos do Continente

• Reveladas as listas da U. N. de Setúbal e de Faro

De acordo com a lei eleitoral, termina hoje, pelas 17 horas, o prazo para a entrega dos processos dos candidatos a deputados á Assembleia Nacional, a eleger no dia 26 de Outubro próximo, na respectiva autoridade administrativa.

A União Nacional, como sempre tem sucedido, concorre em todos os círculos, disputando, assim, os seus candidatos, os 130 lugares da Camara.

A Oposição Democrática, pela primeira vez, prepara-se para disputar as eleições em todos os distritos do Continente, o que corresponde a 98 lugares na Assembleia. Além disso, supõe-se que serão também apresentadas candidaturas oposicionistas, pelo menos, no Funchal, Ponta Delgada e Moçambique. Se assim suceder, a disputa eleitoral entre a U.

(Continua na 15.ª pág.)

A CASA PORTUGUESA DE GLÓRIA SWANSON

Esta é a casa portuguesa de Glória Swanson, situada entre a Praia Grande e a Praia das Maçãs. Conhecida pelo «Casal da Padroeira» foi, pela «estrela», denominada «Casal de Sta. Adelaide».

(Ler na pág. 8)

CATÓLICOS E PROTESTANTES lutaram de novo em Londonderry e a tensão no Ulster voltou a subir perigosamente. Um homem morreu durante os recontros. Revelam-se, assim, inoperantes as tentativas para restaurar a paz na Irlanda do Norte e soldados britânicos, dos quais alguns se vêem na foto, continuam a intervir para separar grupos rivais. (Ler na pág. 10)

SPD favorito

—indica uma sondagem alemã acerca da campanha eleitoral

BONN, 25 — (A. N. I.) — Na sua maioria, os habitantes da Alemanha Ocidental prefeririam um Governo de Sociais-Democratas a um Governo de Democracia Cristã — revela um inquérito à opinião pública, realizado esta semana pelo instituto demoscópico de Allensbach e publicado em Bonn.

Trinta e dois por cento das pessoas interrogadas declararam que preferiam um Governo formado unicamente pelo Partido Social-Democrático de Willy Brandt ou, então, em coligação com os

(Continua na 11.ª página)

Os generais Medice e Lima entre os mais prováveis sucessores de Costa e Silva

RIO DE JANEIRO, 25 — (R.) — Os generais do Exército Emilio Garrastazu Medice e Aonso de Albuqerque Lima parecem ter surgido hoje como os sucessores mais prováveis do presidente Artur da Costa e Silva, que se encontra doente.

(Continua na 11.ª página)

SMRKOVSKY DEMITE-SE?

(LER NA PÁGINA 11)

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

«HIPPIES» DESALOJADOS — A Polícia londrina desalojou, há dias, os 300 «hippies» que se tinham instalado num velho palácio britânico, em Picadilly, tomando conta de tudo o que nele se encontrava. Três minutos durou a operação de «despejo». No final, foram detidos cerca de 100 «hippies», entre os quais se contavam um rapaz de 12 anos e 22 raparigas com idade inferior a 17 anos. Na foto, uma jovem é levada pela Polícia para fora do edifício

A REPARAÇÃO DE APARELHOS DE TV FEITA POR TÉCNICOS... IRRESPONSÁVEIS

• Uma carta da firma Teverápida

A propósito do artigo e da carta que, sob o título «Um problema grave que requer urgentes providências — A reparação de aparelhos de TV feita por técnicos irresponsáveis», que publicámos nos dias 15 e 17 do corrente, recebemos da firma Teverápida, assinada pelo sr. David J. Cordeiro, uma carta de resposta àqueloutra, do nosso leitor, escritor e editor Rodrigues de Oliveira.

Uma parte da carta do sr. David J. Cordeiro constitui-se de considerações que, por não serem propriamente de resposta, nos abstemos de publicar. Relativamente a um passo da carta, porém, compete-nos esclarecer que o artigo publicado é de exclusiva responsabilidade do nosso jornal e para a sua elaboração tomou-se em conta as queixas e os protestos que nesse sentido nos dirigiram diversos leitores, entre eles o sr. Rodrigues de Oliveira, que é pessoa que nos merece todo o crédito e a maior consideração.

Própriamente em resposta àquele nosso leitor, a carta da Teverápida diz o seguinte:

«Quis o editor Rodrigues de Oliveira trazer a publico o seu caso pessoal e, assim, obriga-nos também publicamente, a dar os devidos esclarecimentos:

1.º) O aparelho do sr. Rodrigues de Oliveira reparado pelos serviços técnicos da firma que representamos não levou apenas uma válvula, mas sim mais material;

2.º) Para efectuarmos a assistência ao aparelho, com a máxima brevidade e nas melhores condições possíveis, deslocámos um carro laboratório, equipado com aparelhagem electrónica completíssima e que representa para a empresa um investimento de cerca de 200 mil escudos;

3.º) A reparação foi efectuada na presença da esposa do proprietário do aparelho, a qual confirmou as boas condições em que ficou após reparado;

4.º) A Esposa do sr. Rodrigues de Oliveira prontificou-se á liquidação imediata da guia de reparação sem que tal fosse exigido;

5.º) Só após alguns dias chegou á recepção o pedido de assistência de garantia, o qual foi imediatamente atendido. Verificou-se, então, com nosso grande espanto, a existência no bloco de canais de uma placa de contacto partida; portanto: uma avaria totalmente diferente da reparada anteriormente;

6.º) No entanto, tendo-se em consideração o facto de termos prestado uma assistência poucos dias antes, apresentámos um orçamento muito inferior aos encargos de mão-de-obra que a nova reparação originou em virtude da fragilidade do sector avariado; mesmo assim, devido á dificuldade de se encontrar no mercado a placa necessária, vimo-nos em sérios embaraços para efectuar a reparação. (O que aliás, como é do conhecimento geral, não é inédito nem acontece sómente com a empresa que representamos, estando-se dependentes de problemas que transcendem as próprias fronteiras do País). Seria, evidentemente, mais fácil a aplicação de um bloco de canais completo; porém, essa solução iria onerar de tal modo a reparação que não nos atrevemos a propô-la.

7.º) Pelo acima exposto, temos de lamentar o comentário do sr. Rodrigues de Oliveira á apresentação do segundo orçamento por ele não corresponder á verdade; esse orçamento, frise-se bem, refere-se a uma reparação totalmente diferente da anterior, sem qualquer relação com a primeira. (Conforme «doutrina» do citado senhor, se mandássemos reparar o motor de um automóvel, iríamos, passados alguns dias, reclamar á oficina reparadora uma avaria nos amortecedores?). No entanto, estamos convencidos de que o autor da nota e carta não teve qualquer intenção em prejudicar a nossa firma, tendo trazido o assunto a publico por mera irreflexão.»

Seguem-se outras considerações que nada têm a ver também com o caso concreto, e outras ainda tendentes a testemunhar «a competência dos quadros ao serviço da empresa», a existência de modernissimo equipamento», etc. E em certo passo da carta chega a escrever-se:

«Por nossa parte, com o espírito de cooperar nesse debate publico e oferecer a possibilidade de se aquilatar as condições de trabalho da nossa empresa, tanto sobre o ponto de vista do funcionamento dos serviços gerais e técnicos, como dos sistemas de reparação por nós adoptados, endereçando a todos os técnicos e engenheiros electrotécnicos um convite para visitarem as nossas instalações, espalhadas por diversos pontos do País, afirmando de que, se a maioria for desfavorável no seu parecer, não hesitaremos em encerrar imediatamente essas instalações».

No que se refere ao caso concreto e apresentado, o sr. Rodrigues de Oliveira dirá sobre ele o que se lhe oferecer. Quanto á muito original forma de «plebiscito» proposto pela firma referida, também sobre ela não pretendemos fazer comentários...

DE ONTEM PARA HOJE

ABALROAMENTO NO TEJO

Um dos maiores petroleiros do Mundo, o «Universe Japan» (320 mil toneladas), encontra-se, desde o dia 19, fundeado no Tejo, a oeste da ponte, em frente da Banática. Recebe beneficiações, as quais consistem em trabalhos no hélice. Para as realizar com eficiência, afunda-se a proa do navio, que fica abicado, de popa levantada, posição em que oferece, sempre perigo. Foi o que ontem, ao fim da tarde, aconteceu, devido á força da corrente. O «Universe Japan» garrou e foi encostar a outro navio, o panamiano «Ina», ali fundeado com 20 mil toneladas de produtos petrolíferos, aguardando descarga. Este garrou igualmente, impulsionado pela força daquele, que lhe encostou a popa á amurada. Chamados rebocadores, safaram os navios. Não houve desastres pessoais nem avarias de grande monta. No entanto, o choque poderia ter ocasionado a faísca que faria voar as 20 mil toneladas de ramas do «Ina», originando uma tragédia.

O QUE PODE O CIÚME!

Quando, com sua mulher, se encontrava na sala de embarque do aeroporto da Portela, a fim de tomar o avião para Londres, onde vivem, o sr. Sebastião António Ramalho, de 33 anos, natural de Portel, foi abordado por uma mulher que, em estado de grande excitação procurou atingi-lo com um frasco de ácido sulfurico, o que não conseguiu. Este partiu-se e deixou marcas no pavimento. A mulher foi detida e, por ter desmaiado, conduzida ao Hospital de S. José, onde foi reanimada, seguindo depois para a esquadra do aeroporto. Trata-se de Maria da Graça Neves Mendes Leal de 42 anos, casada, doméstica, natural do Entroncamento. Vivera seis anos com o Ramalho, antes deste casar, há cerca de dois.

COMANDO DA P. V. T.

A sede do comando da Polícia de Viação e Transito foi ontem visitada pelo ministro das Comunicações, que percorreu demoradamente as suas dependências, na companhia dos srs. major Enes Ferreira e capitão Cravo Sanches, respectivamente comandante e 2.º comandante daquele organismo.

MORTE DE UMA CRIANÇA

Por ter ficado entalada entre um carro de bois e uma parede, veio a morrer, a caminho do hospital de Montemor-o-Velho, o menino Albertino Lopes da Silva Bernardes, filho de Alcides da Silva Bernardes e de Virgínia Lopes, residentes no lugar de Moinho da Mata, daquela vila.

MINISTRO DAS FINANÇAS

A fim de participar na reunião anual do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, partiu para os Estados Unidos o ministro das Finanças. A delegação portuguesa inclui, ainda, os srs. dr. Faria Blanc, prof. dr. Luís Maria Teixeira Pinto, dr. Luís Figueira e Marin Lencastre Cabral.

MORTE POUCO VULGAR

Um automóvel que seguia com destino á Vagueira, conduzido pelo sr José do Nascimento Marques Moura, de 53 anos, casado, natural e residente em Palhaça (Oliveira do Bairro), teve uma avaria mecanica. Uma furgoneta que seguia com o mesmo destino, e á qual ligaram o carro por uma corda, começou a rebocá-lo. Mas a corda partiu-se e o carro foi projectado por uma ribanceira, tendo morrido o seu condutor.

GOVERNADOR DA GUINÉ

O governador da Guiné, general António de Spínola, visitou no Hospital Militar Principal e no Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas, na Boa Hora, os soldados feridos ou doentes vindos da Guiné e que se encontram ali internados.

Necrologia

FALECIMENTOS

Joaquim Rebelo

Faleceu o sr. Joaquim Rebelo, natural de Atei (Mondim de Basto), viúvo, de 69 anos, antigo motorista da Praça do Príncipe Real. O seu funeral realiza-se amanhã, às 10 horas, saindo da igreja das Mercês para o cemitério da Ajuda.

Lécticia Júlia de Abreu Garcia da Silva

Faleceu a sr.ª D. Lécticia Júlia de Abreu da Silva, de 74 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. Francisco Álvaro Garcia da Silva. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 11 horas, saindo da sua residênci, Rua Joseph Black, 30, no Alto do Dafundo, para jazigo no cemitério do Alto de São João.

FUNERAIS

António José de Oliveira

Da igreja de S. Paulo para o cemitério da Ajuda saiu, esta manhã, o funeral do sr. António José de Oliveira, de 53 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Ema da Conceição Cardoso Sampaio de Andrade e Oliveira.

O extinto, que exercícia a função de técnico de contas do «Jornal do Comércio», gozava da maior simpatia entre todos os colegas de trabalho, não só pelas suas qualidades profissionais como pela afabilidade de trato.

SUFRÁGIOS

D. Maria Teresa Martins Chorão Vinhas

Por iniciativa da família, celebra-se hoje, às 18 e 30, na igreja de São João de Brito, missa de 30.º dia por alma da sr.ª D. Maria Teresa Martins Chorão Vinhas.

O Município de Vendas Novas gastará em 1970 mais de 20 mil contos

VENDAS NOVAS, 25. — O presidente da Camara Municipal, sr. dr. José Manuel de Castro Ennes Ferreira, acaba de apresentar o plano de actividades e bases do orçamento para o ano económico de 1970. Afirma que «continuará a pratircar-se uma política de sanidade financeira».

As despesas a efectuar são computadas no montante de 20 332 926$00, não prevendo o Município a realização de qualquer empréstimo.

Evocação de memória de António Menano

COIMBRA, 25

Na reunião da Camara Municipal o sr. dr. Viriato Namora evocou a figura do dr. António Menano, e pediu que o Município junte o nome desse extraordinário cantor coimbrão aos de tantas outras figuras célebres de Coimbra numa das ruas da cidade que não o esquece.

Comissão administrativa no Grémio dos Proprietários de Fragatas e Batelões

Por portaria do Ministério da Economia (Secretaria de Estado e Comércio), é substituída a actual direcção do Grémio dos Proprietários de Fragatas e Batelões do Porto de Lisboa por uma comissão administrativa constituída pelos srs. drs. Mário de Oliveira, inspector do quadro do pessoal permanente da Comissão de Coordenação Económica, presidente; Rui César de Carvalho Vasques, chefe de repartição da Direcção-Geral do Comércio, e Manuel da Costa Pessoa Alçada Padez, adjunto do director dos serviços de contencioso da Inspecção-Geral das Actividades Económicas.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO

CONVOCAÇÃO PARA A ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

A requerimento dos interessados e usando da competência que me confere o art.º 43.º dos estatutos, convoco a assembleia geral extraordinária deste organismo para o dia 27 do corrente, pelas 21 horas, no salão da Fundação Nacional para Alegria no Trabalho, sito á Praça da Batalha, n.º 32, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

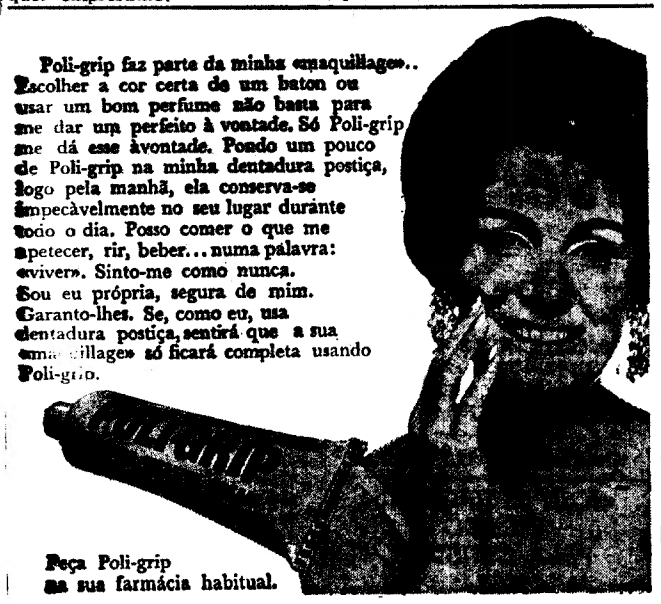
1 — Esclarecimento das razões justificativas da anormalidade directiva do Sindicato, e das diligências efectuadas ou a efectuar com vista á homologação e posse dos corpos gerentes eleitos em 26 de Fevereiro de 1969.

2 — Deliberar sobre a atitude a tomar pelo Sindicato relativamente á demora que se verifica para início das negociações com o Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, segundo proposta de revisão e actualização do Contrato Colectivo de Trabalho apresentada em 31 de Maio.

Se á hora marcada não comparecer numero legal de sócios, funcionará a assembleia meia hora depois, com qualquer numero.

Porto, Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto, 24 de Setembro de 1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
JOAQUIM COELHO DOS SANTOS



LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE
CURSO NOCTURNO
CICLO PREPARATÓRIO
2.º CICLO
3.º CICLO (todas as alíneas)
Abertas as inscrições em todos os dias úteis, excepto os Sábados, das 18 h. às 20 h.
INFORMAÇÕES NA SECRETARIA

Eleições na Alemanha Federal 1

A PROPAGANDA ELEITORAL NAS RUAS DE BONN

Por RAUL RÊGO

Deixamos Lisboa em germinação eleitoral para virmos cair em Bonn a viver os momentos graves das decisões com os partidos a disputarem-se a preferência deste e daquele cidadão, dirigindo-se-lhes individualmente, na Imprensa e nas ruas, nos comícios, solicitando seus gostos, suas vontades.

Gastam-se milhões e milhões nestas campanhas. Mas não é considerado dinheiro atirado á rua, mas indispensável á consciencialização cívica do povo; e tanto assim que o Estado participa nas despesas que os partidos têm com a propaganda eleitoral. Verdadeiramente é esta a segunda campanha eleitoral a que assisto, embora tenha até sido candidato há quatro anos e o seja também neste momento, pelo círculo de Lisboa; mas eu vi a primeira autêntica campanha eleitoral livre, em 1932, em França. Foram as eleições que deram a vitória radical e, no círculo a que pertence Orly onde eu me encontrava, a luta foi particularmente rija porque ao deputado cessante, o sr. Brocard, partidário de Tardieu, se opunha um jovem comunista chamado Maurice Thorez. E levou ele a vitória, no segundo escrutínio.

E não deixa de ser curioso dizer que a trinta e sete anos de distancia, tenho a impressão de ter bem mais vivacidade a campanha eleitoral francesa do que a deste momento na Alemanha Ocidental. Verdade seja que o que me foi dado ver até agora foi o ambiente exterior das cidades e ouvir as opiniões de alguns intérpretes oficiosos dos três principais partidos alemães. Estamos ainda a mais de uma semana do dia das decisões.

Ao desembarcar no aeroporto, já noite, nem um cartaz, nem um símbolo, nem uma frase atirada a carvão para qualquer parede. Depois, pela estrada fora, lá iam aparecendo, de vez em quando, umas caras fugidias. Poucas. Tanto assim que um meu colega francês, vindo no mesmo avião, não deixou de assinalar: — A campanha nem por isso parece muito renhida. Poucos cartazes...

Em Bona e noutros centros arrabaldinos, a propaganda aumenta, é claro. E em certas estradas de tráfego intenso, os retratos dos candidatos sucedem-se, fixados nos postes da iluminação, nas paredes de algumas cabinas, ou em escaparates propositadamente ali colocados. Uns muito grandes são colados alto, outros são postos á altura de pouco mais de meio metro, de forma que quem passe dê com os olhos neles. E as caras dos chefes políticos da Alemanha repetem-se por aí fora.

A monotonia dos cartazes

Serão sugestivos os cartazes? Sobretudo achamo-los monótonos, sem imaginação, parecendo tirados a papel químico uns dos outros. Até os retratos se assemelham. É o chanceler Kiesinger, a meio corpo, na parte fundeira do cartaz ressaindo uma aste dos óculos que deve ter na mão direita. É o ministro dos Estrangeiros Willy Brandt num gesto oratório igual ao de outro do prof. Karl Schiller, e a outro do candidato Kurt Wuster, também social democrata, e todos eles igualmente sofisticados. Todos os quatro homens publicos nos são dados a três oitavos. E bem podíamos perguntar:—Não serão seus programas mais variados do que as suas propagandas?

Concentra-se, ao que parece, a propaganda nos retratos dos chefes dos partidos. E compreende-se que assim seja porque o alemão tem dois votos: um para o candidato da circunscrição a que pertence; o outro para o partido seu preferido. Aos 248 candidatos dos 248 círculos, individualmente eleitos se juntam os 248 deputados eleitos em listas partidárias federais, proporcionalmente aos votos obtidos por cada um dos partidos. Aos 496 deputados ocidentais vêm depois acrescer os 20 de Berlim, estes escolhidos pela Câmara dos Representantes dessa cidade. Ao todo 518 deputados.

As personalidades escolhidas pelos eleitores em votação directa nominal, em cada um dos círculos, engrossam também, quase todas, as fileiras partidárias, pois a lei alemã prefere esse partidarismo aos chamados independentes. Quem se apresentar individualmente por este ou aquele círculo, tem de ter 200 eleitores a propô-lo, enquanto os representantes apresentados pelos partidos foram por estes escolhidos, na respectiva região.

Ao todo 2635 candidatos se apresentaram para os 496 lugares. Entre eles 249 mulheres. O mais novo deles tem 27 anos e o seu nome anda nos jornais. É farmacêutico e chama-se Wolfgang Flad. Não se pode dizer que seja muito generosa para com a juventude a lei alemã, exigindo 25 anos para ser apresentável e 21 para ser eleitor. Mais generosa é a lei portuguesa — ao menos nisto! — que não impediu o Jaime Gama de ser meu colega de lista, apesar de estar ainda com 22 primaveras. Vinte e dois anos e um ideal a realizar!

O fatinho do Geraldo

Vim encontrar em Bad Godesberg o Geraldo Moser, o mais pacífico de todos os homens. Veio do Rio Grande do Sul botar ferro neste centro da Europa. Fala-nos do Erico Veríssimo e do Graciliano e de tantos mais. Bate papo com Geraldo é lembrar amigos, na sua voz dolente, meada. Mas ele tem sangue alemão e foi esse sangue a arrastá-lo para aqui para dar novas de cá para todos os jornais brasileiros. Foi mesmo.

—E de eleições, como vamos, amigo Geraldo?

E ele ri-se satisfeito, torce a cabeça enorme, de gaforina negra e os óculos bem grossos.

— Você não quer saber? Ainda há dias fui a um

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

O ESTILO QUE SE PRATICAR...

TERMINA HOJE O PRAZO para a entrega formal dos processos de candidatura com vista às eleições para deputados à Assembleia Nacional que, como se tem presente, estão marcadas para de amanhã a um mês, domingo 26 de Outubro. Já se pode, pois, tentar o inventário das forças em presença. A identificação das peças do inventário, bem como o balanço da operação só mais tarde poderão fazer-se, mas algumas observações consideram-se possíveis a partir do momento em que, ao que presume, se conhecem todas as listas. As correcções viriam de surpresas de última hora, que parecem pouco possíveis.

Este primeiro esboço de inventário mostra-nos, como de costume, a organização da «União Nacional» presente com listas completas em todos os círculos. Do lado oposicionista vê-se em primeiro lugar e pela primeira vez a sua presença parece que também em todos os círculos da metrópole e nalguns ultramarinos. E vê-se também a sua repartição em duas tendências que se coligaram por toda a parte menos em Lisboa, Porto e Braga. Ao mesmo tempo dispuseram-se a intervir outras tentativas de formação, ditas «independentes» e «monárquicos independentes».

Estes surtos de «independência» tiveram igualmente o seu reflexo no campo a que poderá, por convenção ou desejo de identificação, chamar-se republicano, com o aparecimento público de um outro grupo de pessoas que a si mesmo se conferiram a designação de «Terceira Força». O que, tudo junto, permite efectivamente o dizer-se que se constituíram as condições efectivas ou pelo menos aparentes para que se verificasse um surto de interesse pelo fenómeno político, em que se propõe intervir um número de diversificações de posição que pode já considerar-se como o primeiro esquema de um rearranjo pelo menos de tendências.

Falamos de tendências e não de forças porque estas efectivamente não existem como organização. Poderá dizer-se, por parecer a verdade verdadeira, que nem mesmo como pré-organizações. Mas veio ao lume das coisas o bastante para se perceber quai poderá ou poderia vir a ser o primeiro lugar de agrupamentos se, para além do processo eleitoral prosseguir ou prosseguisse uma actividade de definição e esclarecimento de posições. De qualquer modo, o País já deu conta. E o Governo também, o que não deixa de ser elemento decisivo para a avaliação do que seja o mapa político do País e, sobre ele, desenhar as linhas da sua própria orientação.

Esta recolha de dados está naturalmente o Governo a fazê-la com a maior atenção. Desde que o Presi influenciados pelo peso do que acontecer e como longo das duas coordenadas de «continuidade e evolução», naturalmente que os dois pratos da balança em que elas estão depostas hão-de ser influenciadas pelo peso do que acontecer e como acontecer. Quanto mais os participantes no acto eleitoral se mostrarem responsáveis e capazes de efectivar essa sua responsabilidade, no que cabe tudo quanto o bom-senso inspira, tanto mais o Governo se poderá sentir forte no desejo, que porventura tenha, de prosseguir ou alargar uma experiência com que acenou.

Mas há outras forças. O Governo, certamente ou porventura, terá o desejo ou a necessidade de atender a todas. Atender, queremos dizer atentar nelas, considerar a sua existência para procurar a posição de equilíbrio que lhe compete. E das forças existentes, algumas delas estão mais que outras próximo do Governo e, por isso, em condições de mais imediatamente se fazer ouvir e fazer pesar a sua influência. Do estilo que for escolhido para a campanha eleitoral pelos grupos nela participantes dependerá, bem nos parece evidente, uma boa parte da orientação do Poder. O País apercebe-se disso. E não saberia compreender o que pudesse interpretar-se como a «política do pior». Seria deitar tudo a perder.

RECTÂNGULOS DA VIDA

O AVÔ, O NETO E O SONHO

Um homem idoso, magrinho e de cabelos brancos, passeando pelas praias ao fim da tarde, sempre que a maré está vazia. Caminha pela areia molhada, mesmo à beira daquela onda tão suave que nem sequer tem espuma a debruá-la, atento, no entanto, a não molhar os sapatos de lona. Nesses passeios solitários leva sempre consigo uma bengala. Às vezes detem-se junto a um outro pequeno rochedo, procura com expressão ausente o quer que seja na areia, junto dele, ou não procura nada, é um tique. A ponta da bengala agita-se um pouco, sempre do lado esquerdo das pedras. As praias por onde o velho passeia ficam voltadas ao Sul.

Depois o passeio continua, e ele parece esquecido das pessoas que ainda por ali andam, dentro e fora da água. Até às oito horas e mais, dentro e fora da água. Escusado será dizer que isto era em Agosto.

O neto acompanhou-o uma tarde. Neto ou bisneto? Um garotinho pequeno, cabeludo, sempre às corridas para trás e para diante, como um cachorrinho solto na natureza. De súbito estacou, olhou meditativo para aquela bengala tão inquieta.

«Avô...?»

por **MARIA JUDITE DE CARVALHO**

«O que é?»

«Avô...? Procura alguma coisa?»

«Se procuro alguma coisa?»

«Sim, ao pé das rochas.»

O velho sorriu vagamente, encolheu os ombros.

«Queres mesmo saber?»

«Pois quero.»

«E prometes não contar?»

«Sou um poço, avô.»

«Quando eu tinha a tua idade... Pois bem, sonhava que havia de encontrar um dia um tesouro numa praia. Assim, ao lado de uma rocha, na maré vazia. No meu sonho a praia era deserta. Já lá vão tantos anos! Pode lá sonhar-se com uma praia assim, hoje em dia!»

«Está quase, avô.»

«É. A esta hora já faz jeito.»

O garotinho riu:

«E podia ser, não podia? Quero dizer, acharmos o tesouro?»

«Claro que podia. Claro que *pode*.»

Prosseguiram o seu caminho, e o neto já não corria, agora olhava atentamente para as rochas e para a bengala do avô. Houve então um sorriso na boca do velho, talvez por sentir que o seu sonho, insignificante como era, inútil como era, não morreria com ele, um dia destes.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Costuma ler romances policiais?

«Há sempre um crime por descobrir» (Sherlockonfúcio)

— Não, não costumo — *diz-nos Raul Araujo, de 19 anos, aluno das Belas-Artes.* — As minhas leituras orientam-se noutro sentido.

— Ficção?

— Sim, ficção. O último livro que li foi «**A aranha**», de Henry Troyat.

● *Chama-se Emílio Ferreira Pinto o nosso segundo entrevistado. Tem 19 anos, é empregado de escritório numa casa de representações.*

— Romances policiais? Leio, sim senhor. E gosto muito.

— Porquê?

— Porque me entretém fora das horas de serviço e porque sempre aprendemos algumas coisas...

— O que é que se aprende?

— Uns truques...

— Nunca leio — *começa por nos dizer D. Maria Fernanda Belém Pereira Lima Cabaço Gomes, de 23 anos de Vila Real, acabada de chegar de Lourenço Marques.*

E continua:

— Já houve um tempo em que lia tudo quanto

me aparecesse, incluindo os policiais, está claro. Andava aí nos meus 15 anos.

— Qual era então o seu detective preferido?

— Poirot... Mas, como lhe digo, as minhas leituras preferidas são outras: Miguel Torga, Érico Veríssimo, etc.

A agradável conversa com D. Maria Fernanda Gomes prometia. Mas o repórter pôs-lhe cobro, pois estava interessado em voltar ao Simenon que levava debaixo do braço. Quem diabo teria morto a velha?

Os lucros (em 1968) da T. L. P. foram de 150 mil contos

- *Trezentos mil contos serão o investimento do próximo ano*
- *Postos instalados no último exercício: 45 072*
- *Um infantário para os filhos das empregadas*

O Relatório e Contas da T. L. P., (Telefones de Lisboa e Porto) aprovado em 16 de Junho do ano corrente, e agora divulgado, mostra que «as receitas de exploração obtidas apresentam um excesso da ordem dos 6000 contos, fundamentalmente por a procura dos serviços da empresa e a sua satisfação terem excedido as previsões. Por sua vez, as despesas de exploração situaram-se áquem do previsto em cerca de 2000 contos. Finalmente, as reintegrações efectuadas e os encargos de administração coincidem com as previsões efectuadas».

O Relatório sublinha ainda que «convém acrescentar que, em virtude da satisfação daquela maior procura, se excederam as previsões contidas no III Plano de Fomento revistas em 1967, pois previa-se a existência em 31-12-1968 de 447 mil postos telefónicos, quando a existência real foi de 451567 postos telefónicos.»

A oportunidade do Decreto-lei n.º 46083, de 14 de Novembro de 1964, que autorizou a compra da companhia inglesa e ao mesmo tempo consentiu determinado aumento de taxas, é esclarecida deste modo:

«O Governo não hesitou na aquisição da universalidade do estabelecimento da antiga concessionária, como o respectivo contrato fundamentalmente estabelecia, visto que verificou que com um tarifário módico era possível não só efectuar essa aquisição, mas também permitir a esta empresa publica auferir lucros em medida suficiente para o seu autofinanciamento, em termos razoáveis».

Mais adiante, lê-se no Relatório que no «exercício de 1968 se investiram cerca de 250000 contos e que, segundo as previsões, o investimento necessário em 1969 será da ordem dos 300000 contos. em 1970 a 1972 excederá esse quantitativo em cada ano, em 1973 e 1974 excederá os 350000 contos, em 1975 atingirá 400000 contos — e assim sucessivamente.»

Os lucros ilíquidos obtidos no exercício de 1968 são de 150000 contos, isto é, um pouco mais de metade daquilo que se investiu, havendo-se recorrido aos fundos especiais da empresa para o restante.

Quanto a trabalhos realizados, apura-se no Relatório que «se deu execução ao plano de trabalhos preparado em colaboração com The Anglo-Portuguese Telephone Company Limited, tendo sido instalados 45072 postos telefónicos, daí resultando um aumento líquido de 28144 postos, números estes nunca anteriormente atingidos».

Na rubrica «Pessoal», o Relatório demonstra que, presentemente estão ao serviço da empresa 6428 funcionários. E o Relatório sublinha: «Fixou-se, por via convencional, a idade limite de 65 anos para o serviço na empresa estabelecendo-se simultaneamente que todos os reformados, quer por velhice, quer por invalidez, passem a receber um adicional á pensão da Caixa de Previdência calculado de modo que esta passe a ser equivalente ao produto da aplicação da percentagem regulamentar sobre o último vencimento percebido».

O Relatório, por fim, refere-se ás Obras Sociais da empresa: um Centro de Ensino, prémios de aposentação, festas para o pessoal, subsídios, etc. Refere ainda as diligências para a montagem de um Infantário em Lisboa, a inaugurar no ano corrente, destinado aos filhos das empregadas.

Eleições na Alemanha Federal

(Continuação da pág. anterior)

comício, em recinto fechado. Ia eu com este fatinho; e estava cá atrás. Por coisas! Não gosto de me meter no centro das gentes, não! Pois eu estava bem atrás. Ouvi uns gritos lá à frente, em discussão com o ministro que falava. Era o Strauss mesmo fino. E de repente vem pelos ares um ovo podre esborrachar-se na cara de um guarda que estava mesmo atrás de mim. Ora veja você se em vez de dar nele vinha dar no meu fatinho! Pois o guarda até chorou. Mas se dava no meu fatinho como ficava eu, sem lá ter outro?

E o Geraldo ri-se agora de consolado ao sentir o seu terno limpinho ainda no corpo.

Mas as eleições serão assim sinónimos de balburdia, a estragar os fatos e as caras de todos os assistentes? Qual o quê! Dos milhares de cartazes que se vêm nas ruas de Bonn e Bad Godesberg, raríssimos se vêm rasgados e muito poucos riscados. Nem se estragam os cartazes quanto mais os ternos e as caras! Cada um olha, vê, considera e no dia 28 vai votar conforme achar melhor. Mas em 38,6 milhões de eleitores, evidentemente, que um ou outro também tem o argumento dos ovos podres.

RAUL REGO

VICE-PRESIDENTE DO MUNICÍPIO DE MONCORVO

MONCORVO, 25 — O chefe do distrito de Bragança conferiu posse do cargo de vice-presidente do Município de Moncorvo ao sr. eng. João Carlos de Castro Serra.

XI VOLTA À ILHA DA MADEIRA EM AUTOMÓVEL

1969

EM 29 CONCORRENTES SÓ CHEGOU UM

AMÉRICO NUNES

UTILIZANDO PNEUS

Continental RADIAL

RIGOROSAMENTE DE SÉRIE

Externato Sá de Miranda

PRIMÁRIO ★ C. PREPARATÓRIO ★ LICEAL

● Inexcedível Corpo Docente
● Instalações fupncionais a aprazíveis

R. ALEXANDRE BRAGA, 17 (À ESTEFÂNIA)
Telefs.: Secret. 45310 — Direcção 537532

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «Comissário X três panteras azuis»
Produção — inglesa
Realização — Frank Kramer
Intérpretes — Tony Kendall, Brad Harris e Erika Blanc
Género — aventuras
Distribuição — Filmes Lusomundo
Processo — normal a preto e branco
Classificação — 12 anos

Helena Tavares reaparece perante o publico de revista no original «Esperteza Saloia», que dentro de dias sobe á cena no Teatro Maria Vitória. Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, a revista «Esperteza Saloia» também tem no elenco Eugénio Salvador, José Viana, Barroso Lopes, Mariema, Dora Leal, Vítor Mendes, Mariano Franco, Dina Maria e a atracção filipina «The Melodies»

COLISEU

AMANHÃ, às 21.30
(Maiores 6 anos)
INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA DE CIRCO
ESTREIA GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL
As maiores atracções
SÁBADO
À tarde, entrada gratuita ás crianças até 10 anos
À noite para maiores de 6 anos

MARIA VALEJO NO FESTIVAL DA CANÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Na mais importante mostra mundial de melodias ligeiras (o «Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro») toma parte uma artista portuguesa: a jovem Maria Valejo, que vai interpretar num «pareo» entre cançonetistas de quarenta e dois países, a composição «Domingo em Lisboa», com letra de Eduardo Damas e musica de Manuel Paião.

O «Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro» vai desenrolar-se no Estádio do Maracanãzinho, prevendo-se que na sua jornada derradeira seja visto por 58 milhões de brasileiros (servidos por 22 emissoras de TV) e divulgado em trinta e sete países através de uma transmissão directa que se processa «via satélite».

Além disso, é feita uma gravação em «video-taje» que a Europa verá algumas horas depois das Américas.

Maria Valejo (que, recentemente, na Grécia, foi intérprete finalista das «Olimpíadas da Canção») sucede, no tablado do Maracanãzinho, a outros cançonetistas portugueses que, em edições anteriores do certame, ali compareceram: Simone de Oliveira, Madalena Iglésias e o Duo Ouro Negro.

Para o juri internacional (de catorze membros, entre os quais Barbra Streisand, Jommy Last, Frank Sinatra, George Harrison, Aretha Franklin e Dean Martin) continua prevista Amália Rodrigues, actualmente em Boston.

A grande mostra de canções (42 países em desfile) terá reportagens no «Diário de Lisboa»

Os quarenta e dois artistas participantes no Festival pertencem aos seguintes países:

Áustria, Austrália, Alemanha Federal, Argentina, Andorra, Bélgica, Brasil, Chile, Colombia, Canadá, Checoslováquia, Estados Unidos, França, Grécia, Hungria, Inglaterra, Israel, Itália, Luxemburgo, México, Mónaco, Marrocos, Holanda, Japão, Jugoslávia, Peru, Paraguai, Portugal, Polónia, Malta, Noruega, Nova Zelandia, Quénia, Togo, Uruguai, Venezuela, Líbano, Espanha, Suécia, Irlanda e San Marino.

A composição que Maria Valejo vai cantar («Domingo em Lisboa») foi orquestrada por Jorge Machado e está já gravada para a etiqueta «Alvorada»: o disco, porém, apenas pode ser colocado no mercado no dia 6 de Outubro. Isto é: imediatamente após a «final» do Rio de Janeiro.

O «Diário de Lisboa» acompanhará todas as fases deste concurso musical. Para tanto, desloca-se ao Brasil o nosso camarada de trabalho Neves de Sousa, que fará reportagens e entrevistas com os mais destacados intervenientes no «Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro».

Maria Valejo parte ao fim da tarde (18 horas) do Aeroporto da Portela.

Maria Valejo: depois da Grécia, o Brasil

UM NOVO FILME DE Claude Lelouch

VIVER AMAR MORRER

(LA VIE, L'AMOUR ET LA MORT)

com AMIDOU, CAROLINE CELLIER, JANINE MAGNAN, MARCEL BOZZUFFI, PIERRE ZIMMER, CATHERINE SAMIE

ADULTOS

UM FILME POLÉMICO APAIXONANTE, ACTUAL!

3.ª SEMANA

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

(MAIORES 6 ANOS)

CORUCHE

— FEIRA DE S. MIGUEL — DOMINGO, 28, às cinco da tarde

UM GRANDE CARTEL PARA TOIROS GRANDES

David R. Telles
Gustav Zenki
Fernando Salgueiro
Sommer de Andrade

e a discutida cavaleira

EDITH EVANS

que faz a sua apresentação nesta Praça

2 Grupos de Forcados em competência: **AMADORES DO RIBATEJO**, cheflado por Parente de Almeida; e **AMADORES DE VILA FRANCA DE XIRA**, comandado por Miguel Palha

6 **PODEROSOS TOUROS**, da ganadaria de D. Maria M. Andrade Salgueiro (4), e Irmãos Moura de Monforte (2)

O melhor COMISSÁRIO X

+Mais acção
+Mais aventura
+Mais suspense
+Mais mulheres

FILMES LUSOMUNDO

1.. ANOS COLORIDO

COMISSÁRIO X
Tres Panteras azuis

TONY KENDALL — BRAD HARRIS — ERIKA BLANC

HOJE Estreia no **POLITEAMA**

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «A Mulher Infiel» («La femme infidèle» — 1968)
REALIZAÇÃO — Claude Chabrol
INTÉRPRETES — Stephane Audran, Michel Bouquet, Maurice Ronet

Que um marido enganado não conheça o título do filme de que é protagonista, eis um facto perfeitamente normal. Simplesmente, um título é sempre uma forma de nos orientar (ou deliberadamente não orientar) na abordagem da obra.

O filme de Chabrol parte de uma situação criada antes do começo da narrativa. Nós espectadores, estamos informados dessa situação por um elemento frágil: um título. A primeira parte do filme não é uma acção (isto é, uma série de sequências que se articulam num sistema de funções), mas uma exposição da situação, que vive de determinados índices. Sob uma harmonia aparente existe uma história clandestina. Dela apenas recolhemos alguns efeitos: sintomas, índices. Esses signos suscitam e promovem uma leitura (das personagens, e nossa). Mas nós, prevenidos, temos a leitura verdadeira. Contudo, não sabemos até que ponto o marido (enganado) se engana e não sabe ler os signos que se organizam. É dessa indeterminação que se alimenta grande parte de «A Mulher Infiel». A duplicidade dos signos provoca cenas de um humor gélico. Dois exemplos: quando Helena diz que foi ao cinema, que foi rever o «Doutor Jivago», e que desta vez gostou mais, esse «gostar mais» transfere-se para o adultério cometido, que a mentira (que o pretende ocultar) torna mais visível; e ainda: quando Charles, o marido, obtém a confirmação das suas suspeitas, a mulher em casa festeja com champanhe o bom rendimento escolar (em história) do filho e proclama: «É um dia memorável», o que Charles repete, mas deslocando o sentido.

O humor de Chabrol manifesta-se ainda em dois aspectos: por um lado, em referências discretas de puro divertimento para uma cumplicidade do espectador atento (passa pela tela um anúncio de «Les Biches», filme anterior de Chabrol); por outro lado, o recurso a cenas cómicas no esquema da comédia tradicional (a conversa entre o marido e o amante), embora envolvidas num tom que as torna inquietantes.

Há ainda um outro pormenor de estilo: a mansidão, a tranquilidade de quase toda a narrativa, os gestos de feltro do protagonista, a lentidão do olhar-câmara, que parece significar a harmonia e o á-vontade (a riqueza a facilidade de existir nas coisas). Este olhar lento e manso é apenas agitado pelo tom sacudido que sucede ao crime.

O que acentua o clima levemente inquietante do filme é também a acumulação de falsos índices, confundindo-se um pouco com os verdadeiros: a secretária de Charles, por exemplo, é, na sua excessiva amabilidade e leviandade, um signo que não chega a significar; o mesmo acontece com o bêbado do bar donde Charles telefona. A utilidade destes **signos suspensos** consiste em reforçar o modo como os índices se propõem á leitura: isto é, criar uma atmosfera **densa**.

Toda a parte final de «A Mulher Infiel», com um inquérito de polícia premeditadamente **omitido**, é a história de uma conversão: o crime que Charles não confessa a Hélène, é uma prova de amor (**l'amour fou**). Hélène aceita o pacto de cumplicidade tácita: novo jogo em que cada um dá o que anteriormente não tinha, o amor perdido. A família reconstitui-se, mesmo na separação (pela prisão de Charles), ou ainda: **através dela**. E o recuo da câmara, na sequência final, é o olhar de Charles a realizar a união enfim readquirida.

É evidente que a história é banal. É evidente que está bem contada. O que é menos evidente (e por isso convém reafirmar) é que **uma história bem contada nunca é banal**. A arte de Chabrol consiste, segundo creio, em duas qualidades: uma inteligente **acumulação de índices na imagem e no som**; uma **partilha calculada do saber** (entre um e outro, nunca se sabe bem até que ponto um sabe e o outro ignora, e até que ponto um sabe que o outro sabe ou sabe que o outro ignora). São estes os dois factores que permitem que em cada cena se entreveja uma outra cena, oculta, reservada, que interiormente a trabalha.

«A Mulher Infiel» é um dos melhores filmes de Chabrol, o que quer dizer que é um dos melhores filmes do actual cinema francês.

EDUARDO PRADO COELHO

• NO ODEON

TÍTULO — «Passaporte para a Morte»
REALIZAÇÃO — Júlio Coll, 1968 (Espanha)
INTÉRPRETES — Tom Tryon, Lorenza Guerrieri e Ana Castor

Júlio Coll (o malogrado autor da co-produção espano-portuguesa «Fim-de-Semana com a Morte»), homem de nenhum talento e de ambições só comerciais, engendrou nova película de «acção explosiva»: «Passaporte para a Morte». Para o papel principal escolheu o marterizado **cardeal** (Tom Tryon) a quem ofereceu «um novo mundo tenebroso em toda a nua verdade de uma guerra secreta» Depois, mexeu «homens com a vida suspensa por um fio ...» com «mulheres para quem o amor só tem um preço» e o resultado, em Technicolor e Eastmancolor, estreou-se ontem no Odéon. O público constituído na sua maioria por adultos (maiores de 17 anos) reagiu bem e gostou. Gostou mesmo muito, o que prova que os **passaportes para a morte** continuam com procura...

L. A.

SENSACIONAL!

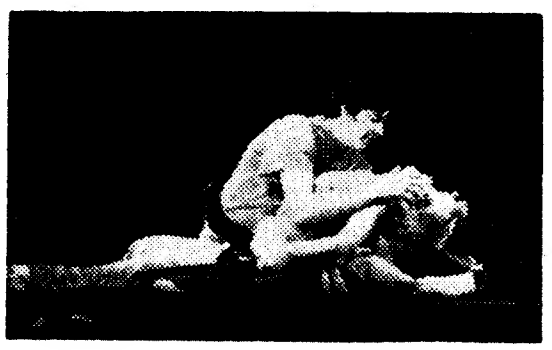
VASCO MORGADO
APRESENTA com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa de Sol no

TEATRO LAURA ALVES (ADULTOS)

«A MAÇÃ» de JACK GELBER

10 ÚNICOS DIAS
A PARTIR DE AMANHÃ
ÀS 21.45 H.
as bilheteiras abrem hoje, às 18 horas

na interpretação de VÍTOR RIBEIRO ☆ JOÃO VASCO ☆ ZITA DUARTE ☆ ANTÓNIO MARQUES ☆ AUGUSTO LEAL ☆ CÉU GUERRA e SANTOS MANUEL



Cenário de ESPIGA PINTO
Tradução de MÁRIO DELGADO
Subsídios de FUNDO DE TEATRO E FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Encenação de CARLOS AVILEZ
SÁBADO TARDE PARA ESTUDANTES

O MAIS RECENTE ÊXITO DO
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

O PÚBLICO RI PERDIDAMENTE

VARIEDADES 11.ª semana

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, À NOITE, ÀS 21.45 (Adultos)
2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUÍSA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO

Um êxito clamoroso!
15.ª SEMANA DE ENCHENTES
A revista dos PARODIANTES DE LISBOA
com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS
— um espectáculo de VASCO MORGADO
em TERCEIRO MÊS de lotações esgotadas na sala fresquinha do

MONUMENTAL
HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

VASCO MORGADO APRESENTA
TEATRO VILLARET
HOJE
2 SESSÕES ÀS 21 E ÀS 23 HORAS
ADULTOS

UMA PEÇA DE "SUSPENSE CÓMICO"
RAÚL SOLNADO

peça de Murray Schisgall
dirigida por Paulo Renato

10.ª SEMANA
HELGA
O SEGREDO DA MATERNIDADE
no Cinema
maiores de 21 anos

APROVEITE ESTES ÚLTIMOS DIAS DE PRAZER E SATISFAÇÃO E DIVIRTA-SE NA MAIOR ATRACÇÃO DA CIDADE
FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
HOJE — NOITE MARIA BOTIJA — HOJE
COM A COLABORAÇÃO DO DEPOSITÁRIO PARIA LISBOA IMPERLUZ
1.º prémio — 1 fogão «Presmalt» (3 bocas e forno e 1 carga 13 kg Sonapgás
2.º prémio — 1 esquentador «Vaillant» 5 litros e 1 carga 13 kg Sonapgás
3.º prémio — 1 calorífero «Siul» e 1 carga 13 kg Sonapgás
4.º prémio — 1 fogareiro «Presmalt» 2 bocas e 1 carga 13 kg Sonapgás
A QUE FICAM HABILITADOS TODOS OS VISITANTES QUE ATÉ ÀS 23 HORAS ADQUIRAM BILHETES DE ENTRADA NO LUNA-PARQUE DE ENTRECAMPOS
ABERTURA ÀS 19 HORAS
HABILITE-SE AO SORTEIO MENSAL DE 5 MOTORIZADAS CASAL, OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

•• BICO DOURADO ••
APRESENTA O GRANDE
TONY AMARAL
RUA DA MISERICÓRDIA, 12 — Telefone 36 86 49

Dizem os leitores...

O 7.º ANO... TRIMESTRALMENTE

Do nosso leitor Rui Jorge da Costa Borges, sobre o problema e a possível solução do caso dos empregados-estudantes, recebemos a seguinte carta:

«Peço desculpa de vir incomodar V. Ex.ª, sabendo que o assunto de que vou falar é mais da competência do Ministério da Educação do que do seu jornal, mas sei que, se V. Ex.ª achar válida a minha ideia, terei uma grande ajuda.

«Sou empregado, já fiz o serviço militar — sempre no Continente — e tenho a frequência do 7.º ano dos Liceus, com uma disciplina feita. Gostaria de poder continuar a estudar, mas V. Ex.ª sabe bem que não é muito fácil trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

«Não acha V. Ex.ª que poderiam autorizar que o empregado-estudante, no caso especial do 7.º ano, fizesse as disciplinas trimestralmente?».

A SITUAÇÃO DIFÍCIL DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

Recebemos do sr. Mário Baptista Ferreira, de Lisboa, a carta que, a seguir, se reproduz, relacionada com a situação difícil dos empregados de escritório, para que se torne conhecida das entidades competentes:

«Como estou habituado, há longos anos a ler o jornal que V. é mui digno diretcor, e portanto conhecedor da imparcialidade como os diversos assuntos são aí analisados, tomei a liberdade de vir junto de V. pedir para, através das colunas do «Diário de Lisboa», seja dado conhecimento a quem de direito da alarmante situação dos empregados de escritório.

«Sou sócio do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, o qual em 29-4-961, assinou com o Grémio dos Armazenistas de Drogas e Produtos Químicos e Farmacêuticos do Sul um contrato colectivo de trabalho, que ainda se encontra em vigor, e assim desactualizado, em virtude da alteração que se verificou de 1961 a 1969.

«Para dar uma pálida ideia a V. da actualização do dito contrato, basta indicar os maiores ordenados previstos pelo mesmo, abaixo dou nota:

«*Grupo A* — Guarda-livros ou chefe de secção, 3500$00; correspondente em línguas, 2500$00; 1.º escriturário, 2500$00; 2.º escriturário, 2400$00; 3.º escriturário, 2000$00.

«Além dos minusculos ordenados, a minha classe não beneficia do subsídio de férias, regalia essa que abrange a maioria dos profissionais da caneta.

«No entanto para V. analisar o interesse do nosso sindicato pelos seus associados, basta dizer que, em Abril de 1968, a minha quota era de 20$00 (vinte escudos) e, no mês seguinte, passei a pagar 30$00, possivelmente pelo facto de as regalias que passámos a ter por um novo contrato, que esteve em estudo durante três anos e que ainda se mantém na gaveta á espera de melhor oportunidade.

ABASTECIMENTO PÚBLICO

Um decreto-lei permite ao sr. ministro das Finanças reduzir ou isentar de direitos e isentar dos emolumentos do artigo 11.º da tabela II da Reforma Aduaneira a importação de produtos destinados ao abastecimento público.

VIDA SOCIAL

PROF. DR. GOMES DA COSTA

Partiu para Hamburgo, onde, por convite, vai fazer duas conferências na Reunião da Sociedade Alemã de Nutrição e Metabolismo, o prof. Gomes da Costa, catedrático de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina de Lisboa.

DR. PIRES PEREIRA

Seguiu para Paris o dr. Pires Pereira, urologista dos Hospitais Civis de Lisboa e assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa, que vai participar no Congresso Anual da Associação Francesa de Urologia.

MILITAR FALECIDO

BISSAU, 25 — Vítima de desastre, morreu na Guiné o soldado n.º 17'6150? José Ascensão Barata natural de Torresendo, Covilhã, filho de Manuel Carrola Barata e de Maria da Ascensão Simplício — informa o Serviço de Informação Pública das Forças Armadas. (A. N.)

No intuito de acompanhar a evolução da vida moderna, o BANCO DE FOMENTO NACIONAL criou um novo distintivo.

O símbolo, que se baseia na ideia de expansão do Banco, é ilustrado pelo movimento de um elo sem fim. Apresenta uma continuidade de movimentação, completada por um conceito tradicional: "o domínio dos portugueses nos sete mares," simbolizado pela estrela de sete pontas. Esta realização gráfica ilustra tanto a pluralidade das actividades do Banco de Fomento Nacional, como a universalidade do seu campo de acção no espaço económico português.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

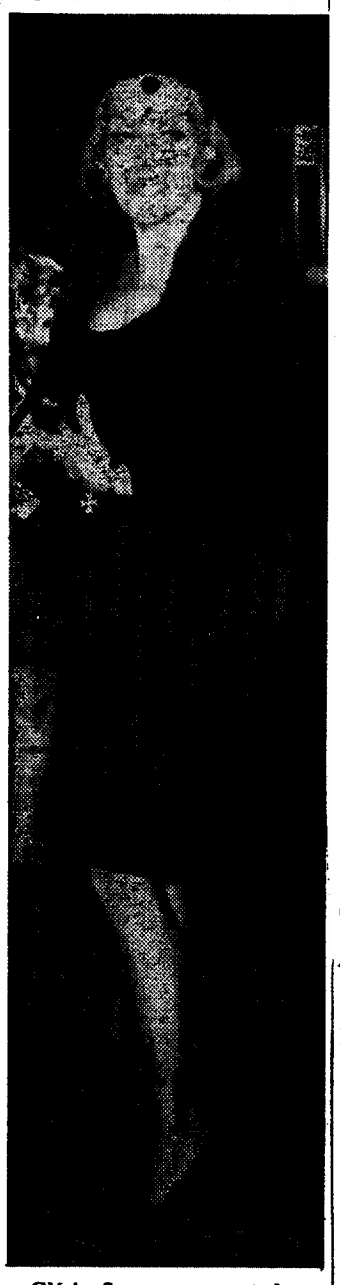
EM COLARES

A casa portuguesa de Glória Swanson

Não tem piscina a casa portuguesa de Glória Swanson, mas desfruta de panorâmica maravilhosa para a estrada de Sintra e a Praia das Maçãs. Sobretudo de silêncio, isolamento e de ar puro tão apreciado pela famosa «estrela» de cinema, que considera a nossa atmosfera das menos violadas do mundo.

— *Foi um casa feita com o coração!* — disse-nos o filho do malogrado arquitecto Vasco de Morais Palmeiro (Regaleira), que a construiu e nela habitou. — *Uma casa onde fomos felizes, mas já todos morreram...*

Quem passa na estrada para a Praia Grande, não dá conta da vivenda escondida por muro baixo e árvores frondosas. O «Casal da Padroeira», que Glória Swanson rebaptizou de «Casal de Sta. Adelaide», é uma propriedade concebida para nela se viver uma vida íntima intensa. A felicidade. O que pretende furtar-se á curiosidade dos outros. Verdadeiramente uma casa para artistas do espírito. A imagem vulgar de estrelas de Hollyood não cabe naquela casa. Glória Swanson não é, porém, uma estrela vulgar. É uma senhora. Mulher de espírito. Deve enquadrar-se no carácter personalizado da propriedade.



Glória Swanson, a «estrela» de cinema americana que vem residir em Portugal depois de uma carreira fulgurante

Escreveu Bill Kennedy no «Herald Examiner» de Los Angels que Glória Swanson inauguraria ainda este mês a sua casa de campo de Colares. Não nos parece isso possível. A vivenda — rés-do-chão e primeiro andar — não foi ainda restaurada. A marca dos anteriores proprietários continua viva. Ficaram cortinados, espelhos nas casas de banho, vestígios ténues nas paredes. São precisas obras no interior, que vão ser feitas, informam-nos. Quando? Breve. A cozinha será alargada; instalado aquecimento. A personalidade vincada do interior não sofrerá radicais transformações, talvez.

Como é a casa de Glória Swanson

Quanto pagou Glória Swanson pela casa? Não o informa ela, que actualmente se encontra fora de Portugal; a embaixada silencia também o preço, talvez a pedido da «estrela». Sabemos, porém, que foi vendida por menos de dois mil contos.

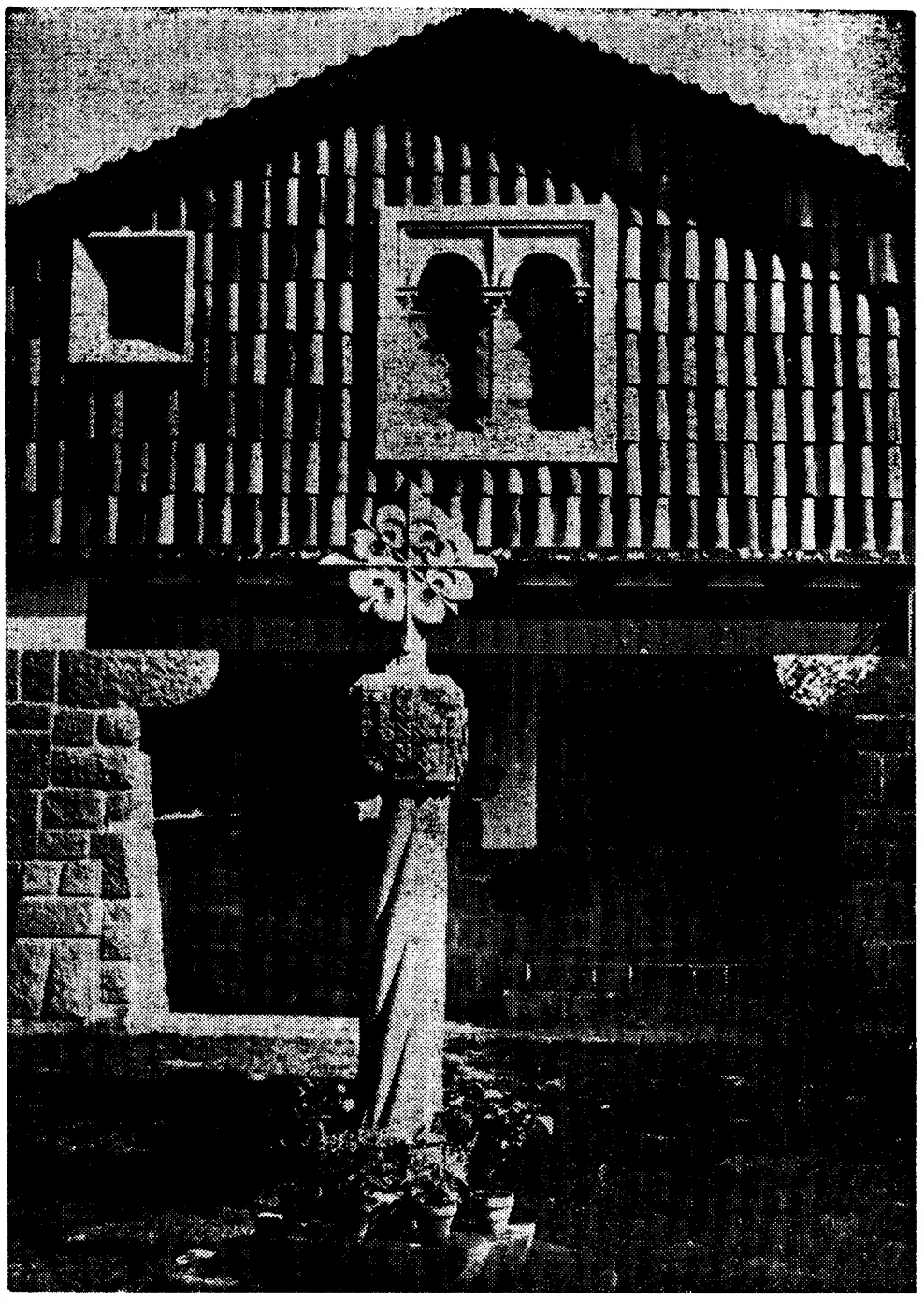
A propriedade é composta pela casa, jardim e anexos: garagem, cavalariça e casa do caseiro. Incorporado no corpo central, mas independente, o apartamento das criadas.

A casa pròpriamente dita é composta, no rés-do-chão, pela sala comum — duas salas ligadas por arco trabalhado, decoradas com belos azulejos, fogão de sala e um nicho de madeira com portas pintadas à mão, possivelmente século XVII —, três quartos a confluírem num «hall» e duas casas de banho, além da cozinha.

Sobe-se ao andar superior por uma escada de caracol que desemboca num «hall» espaçoso com fogão de sala simulado e, à esquerda, sem portas, para uma saleta com vista deslumbrante. À direita e em frente ficam mais três quartos e outras duas casas de banho, uma das quais em mármore rosa. A casa é enriquecida com madeiras; a porta principal é trabalhada. Por todos os lados, roupeiros incrustrados na parede.

Como elemento primordial de valorização da casa: a paisabem!

A correspondência é já endereçada para Glória Swanson, «Casal de Santa Maria Adelaide», talvez a santa de devoção da «estrela».



O pelourinho, em face da fachada principal, requinta o ambiente em que se enquadra a vivenda de Glória Swanson. Cerca de cinco mil metros quadrados escondem-na de olhares curiosos

«Fando e Lis» estreia-se amanhã na Casa da Comédia

Amanhã, ás 22 horas, a Casa da Comédia estreia, no seu teatro de bolso das Janelas Verdes, á Rua Francisco de Borja, 22, a peça de Fernando Arrabal, «Fando e Lis», representada com êxito nas principais cidades da Europa e das Américas.

Com tradução e direcção de Norberto Barroca e cenários e figurinos de Costa Reis, são intérpretes: Manuela de Freitas, Norberto Barroca, Jorge Vale, José Raimond e Fernando Saraiva.

Norberto Barroca, bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, partirá para Londres onde frequentará um curso de encenação, pelo que a peça só poderá estar em cena até 5 de Outubro.

Marcação de lugares, a partir das 18 e 30, todos os dias, pelo telefone 677229.

Espectáculos para maiores de 17 anos.

A Casa da Comédia é subsidiada pelo Fundo de Teatro.

Em três linhas

Foi prorrogado o prazo para conclusão das obras do Hotel de Espinho, em construção naquela vila.

///

Uma portaria do Ministério da Educação aprova a instituição e os respectivos regulamentos dos Prémios Engenheiro Vasco de Quevedo Pessanha e Engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, com o fim de galardoar os alunos da Escola Industrial e Comercial de Aveiro.

///

Um decreto, pelo Ministério da Educação, insere algumas providências relativas ao ensino secundário agrícola e ás escolas técnicas femininas de Lisboa e Porto.

///

Foi aprovada a alteração ao plano de uniforme da P. S. P.

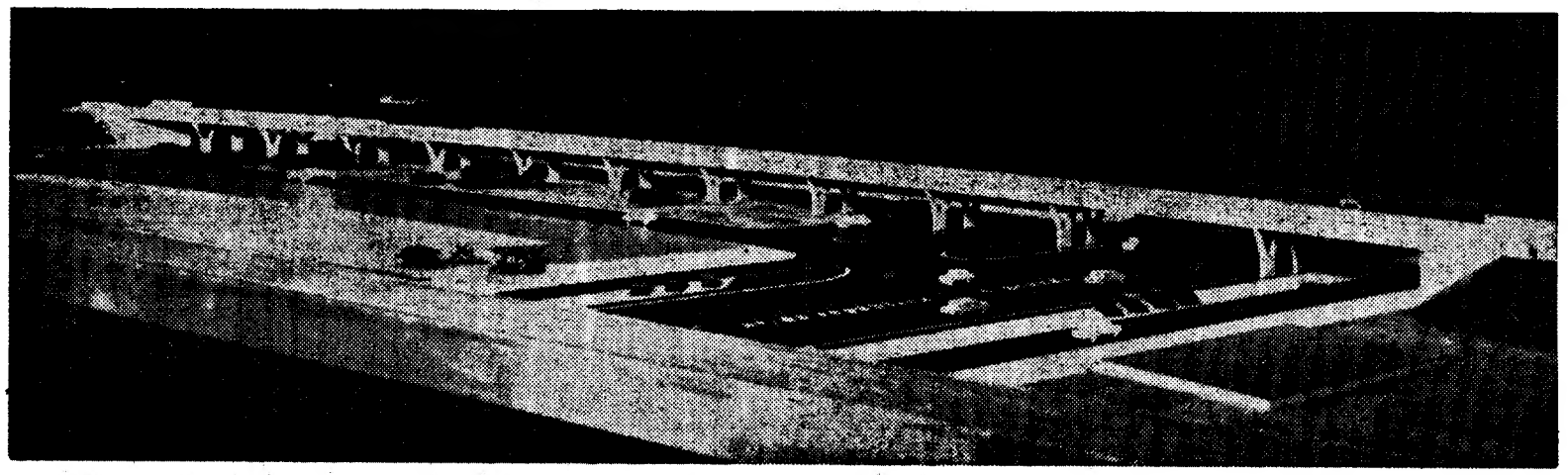
FORAM CINCO (E NÃO TRINTA) OS ESTUDANTES INTOXICADOS NA CANTINA DE CIÊNCIAS

Dos Serviços Sociais da Universidade de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Conforme notícia publicada ontem por um jornal da tarde com o título «Trinta estudantes vítimas de intoxicação na cantina da Faculdade de Ciências», vêm os Serviços Sociais da Universidade de Lisboa esclarecer que foram apenas cinco os estudantes que se sentiram indispostos, a saber: Maria Manuela Mota Pereira, Maria Celeste Guerra Neto, Maria Helena Dias Garvão, João Pedro Homénio Pereira e António Manuel Andias da Paula.

Observados no Hospital de Santa Maria, anteontem, 23, entre as 15 e as 16 horas, pelo médico de serviço, este diagnosticou, nos três primeiros uma simples reacção alérgica, e nos outros dois uma indisposição.

Completamente refeitos, todos estes alunos almoçaram ontem na Cantina, não havendo qualquer motivo para o alarme que a notícia pressupunha. No entanto, e conforme superiormente foi determinado, os Serviços Sociais estão procedendo a averiguações.»



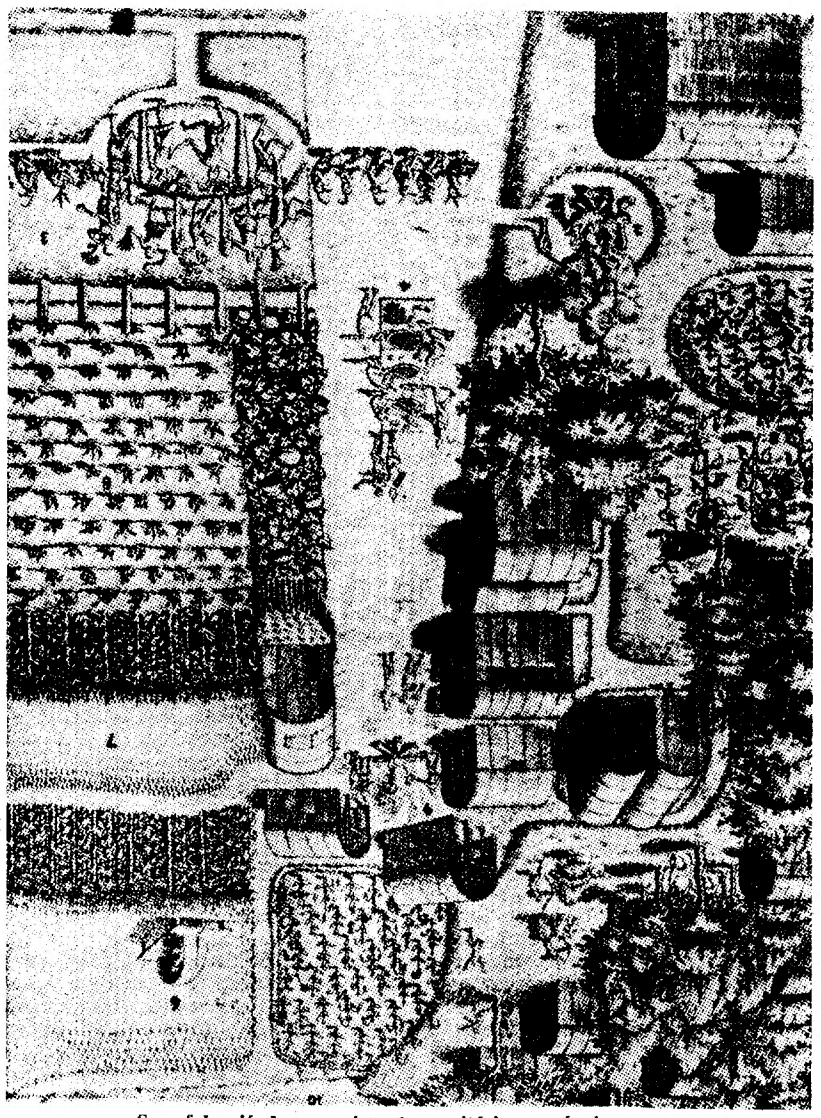
O PRÓXIMO VIADUTO DA CIDADE — O viaduto ferroviário da Avenida da Republica, cuja construção principiará em 1 de Outubro próximo virá solucionar o problema da garganta da Avenida 5 de Outubro, junto do recinto da Feira Popular. A «maquette», como se pode observar na gravura, mostra a harmonia de um tráfego e de um trânsito fluentes. A primeira fase dos trabalhos (terraplenagens) colocará as duas artérias ao mesmo nível, suprimindo um ligeiro aterro que as separa. A obra, que importa em 18 875 contos, prolongar-se-á por 365 dias. O viaduto terá a extensão total de cerca de 225 metros e o traçado está adaptado ao novo perfil da Avenida da Republica e á actual ou futura estação do Rego

impressões dos ESTADOS UNIDOS

por A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

III—Nacionalismo e Imperialismo

OS ASPECTOS DE RURALISMO provinciano que ajudam a definir a grande massa do povo dos Estados Unidos reflectem-se no seu exacerbado nacionalismo e no seu desinteresse pelo que se passa fora do meio em que vive. O localismo vai ao ponto de se reduzirem ao mínimo, nos jornais e nos noticiários teletransmitidos, os acontecimentos, mesmo nacionais, ocorridos fora do Estado respectivo, e até fora do distrito administrativo da localidade emissora. Nada mais desolador, para um estrangeiro habituado aos copiosos noticiários internacionais da Europa, que escutar «notícias do mundo» dos programas de televisão difundidos por Jacksonville ou Miami, tidas por grandes metrópoles do Sul. O «mundo» exterior aos Estados Unidos reduz-se muitas vezes ao Vietnam, que já faz parte da História da América. Nas frequentes viagens que fiz pelo continente americano, pernoitando nos famosos «motéis» cujos quartos estão sempre equipados com um aparelho de TV, tive ocasião de verificar que esse panorama noticioso se repete de Estado para Estado, com excepção de Nova York onde a janela aberta para o mundo é francamente mais ampla. Quanto aos jornais locais, mesmo os de cidades universitárias como Gainessville, na Florida com uma população de 20 mil estudantes, é frequente não inserirem **uma única** notícia do estrangeiro! Para estarem a par do que vai pelo mundo, o estrangeiro e o americano interessado têm de recorrer ao «New York Times» — na verdade excelente como fonte informativa — ou à leitura de vários periódicos combinados com revistas especializadas (a este respeito, é sintomático comparar qualquer das duas revistas de grande circulação nos U. S. A., a «Life» e a «Look», espampanantes em ilustração colorida mas paupérrimas no conspecto mundial, com uma boa revista europeia, género «Paris-Match»).



«Sem falar já da conquista do território aos índios»

Simpatiquissimo como é para com os estrangeiros que visitam o seu país o Americano raras vezes consegue esconder o seu complexo de superioridade em relação ao mundo exterior. Revela-o em inúmeros pormenores do quotidiano, das conversas de salão e de «party», nos artigos e livros que escreve, na maneira como se comporta fora da sua terra. Não há para ele universidades melhores, nem automóveis mais potentes, nem maior liberdade e tolerância que nos Estados Unidos. A civilização norte-americana alcançou o máximo de bem-estar e de felicidade possíveis nesta Terra. Tudo isto se deve essencialmente ao esforço e à capacidade de organização dos Americanos que sobrelevam a todos os outros povos. Mesmo entre os intelectuais, são poucos os que se debruçam a analisar cuidadosamente estas várias meias-verdades e a tentar comparar as realizações americanas com as dos outros países do globo. Os próprios fracassos admitidos por toda a gente são em geral interpretados e explicados em termos nacionais, sem preocupação comparativa alguma. E quando uma comparação se procura fazer, é sempre «transferindo» o problema americano para os outros países, sem qualquer alteração, a partir dos mesmos dados e com as mesmas soluções possíveis. É o caso da questão racial que se tenta por vezes compreender e desculpar apresentando-a como fenómeno mundial, próprio de todas as nações, sejam elas o Brasil, a Rodésia ou o México, e generalizando a essas nações as coordenadas especificamente americanas.

Um dos conceitos vulgarmente teorizados nos Eestados Unidos e expostos, com cópia de argumentos, por escrito e oralmente, diz respeito à tradição histórica de pacifismo e de anti-imperialismo do povo americano. Sem falar já da conquista de território aos índios, acompanhada de um massacre em larga escala, esquece-se nesta visão simplista da própria história que uma terça parte dos Estados Unidos se conseguiu graças à expoliação violenta feita ao México em meados do século XIX. Esquece-se ainda o roubo das colónias perpetrado sobre a Espanha em 1898, que deu à América o seu primeiro «império» ultramarino. Mas para a média dos Americanos, nunca se tratou de conquistas nem de ambições: o propósito consistiu sempre em libertar povos oprimidos e em permitir-lhes o acesso à plena independência (embora as Filipinas tenham

(Continua na página seguinte)

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM 420 PORTO

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM 73 LISBOA

«Não há para ele universidades melhores»

Três novos professores da Faculdade de Letras de Coimbra

COIMBRA, 25

Na reitoria da Universidade foi conferida posse aos novos professores extraordinários da Faculdade de Letras, srs. drs. Valter de Sousa Medeiros (1.º Grupo — Filologia Clássica); Manuel de Oliveira Pulquério (1.º Grupo — Filologia Clássica) e Alexandre Fradique Gomes de Oliveira Morujão (6.º Grupo — Filosofia).

O acto foi muito concorrido, e estiveram presentes, além do director da Faculdade, sr. prof. dr. Costa Pimpão, muitos outros professores daquela e de outras Faculdades.

Usando da palavra, o reitor, sr. prof. Andrade Gouveia saudou os empossados, e pôs em relevo os seus méritos de investigadores e pedagogos (em nome dos quais agradeceu o sr. prof. Alexandre Morujão, o mais antigo dos três empossados, que, no final, foram muito felicitados.

Concurso da Faculdade de Medicina

Os srs. profs. Mário Moura Brás e Arsénio Antunes, da Universidade de Lisboa e Carlos Ribeiro da Silva Lopes, do Porto, foram nomeados para fazerem parte do juri das provas para professor extraordinário (4.º Grupo), da Faculdade de Medicina.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

A China interessada em entrar na ONU

— segundo o ministro canadiano Mitchel Sharp

NAÇÕES UNIDAS, (Nova York), 25 — (R.) — A China pretende definitivamente juntar-se á O. N. U. e pediu ao Canadá para apoiar a sua admissão, — segundo afirmou a noite passada o ministro canadiano dos Negócios Estrangeiros, Mitchell Sharp.

No passado, a China não tem manifestado qualquer interesse em entrar para a organização mundial, mas Sharp declarou recentemente julgar que a China estava agora interessada em juntar-se á O. N. U.

Sharp informou ontem o secretário de Estado norte-americano, William Rogers, da recente mudança de opinião da China no que respeita á filiação nas Nações Unidas, conforme teve conhecimento por intermédio de funcionários canadianos empenhados em discussões sobre o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e o Canadá.

O ministro canadiano declarou aos jornalistas que Rogers se mostrara interessado, mas que não manifestara qualquer opinião num sentido ou noutro sobre a entrada dos chineses na O. N. U.

Ao ser-lhe perguntado se tivera a sensação de uma maior flexibilidade por parte dos Estados Unidos acerca da filiação chinesa, Sharp respondeu: «Não senti qualquer mudança na atitude americana quanto á China».

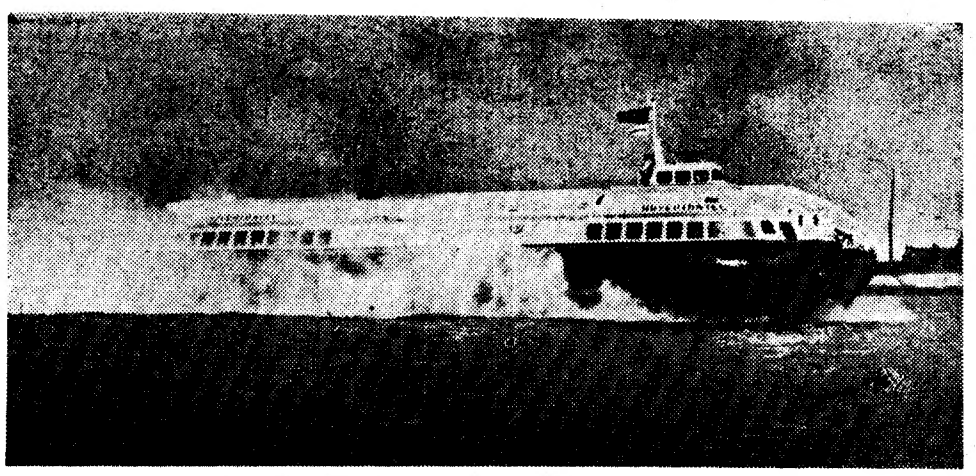
O ministro afirmou, porém, que ficara com uma impresão muito forte de que os Estados Unidos continuariam a considerar a questão da filiação chinesa como um assunto de grande importância.

Sharp acrescentou que fora feito algum progresso nas negociações do seu país com a China sobre o estabelecimento de relações diplomáticas e que Pequim parecia interessada em continuar as conversações.

O DR. DIAS ROSAS NOS EUA

NOVA YORK, 25 — (A. N. I.) — Chegou a Nova York, vindo de Lisboa, o ministro português das Finanças e da Economia, dr. João Augsto Dias Rosas, que chefiará em Washington a delegação de Portugal á reunião do Fundo Monetário Internacional.

O dr. Dias Rosas faz-se acompanhar pelo seu assistente Martin Cabral.



MELHOR QUE OS «FERRY-BOATS» — Este é o novo «hovercraft» de fabrico inglês, o VTI-001, que desloca 90 toneladas e pode transportar 146 passageiros e 10 automóveis (ou 270 passageiros na versão de cruzeiro). Novidade: a substituição das hélices de ar pelas convencionais hélices de mar, uma forma simples de reduzir o ruído — e o custo de cada unidade

Mao assistirá às comemorações do vigésimo aniversário da República Popular da China?

TÓQUIO, 25 — (R.) — O presidente Mao Tse Tung assistirá em Pequim ás comemorações do dia 1 de Outubro assinalando o 20.º aniversário da fundação do Estado comunista, segundo anuncia hoje o jornal japonês «Asahi».

Citando notícias da Rádio Sinkiang, escutadas no Japão, o jornal afirma que o dirigente chinês, de 75 anos, receberia pessoalmente delegados ás comemorações.

A emissão da Rádio sobre a planeada aparição pessoal de Mao regista-se no meio de especulação provocada por notícias da Imprensa ocidental, durante a última semana, de que o presidente chinês se encontrava gravemente doente e quase á morte.

Segundo a emissora, o comandante do distrito autónomo de Sinkiang declarou a delegados do distrito autónomo de Uighur, quando partiram na terça-feira passada de Urumchi, capital provincial de Sinkiang, para Pequim, que Mao assistiria ás comemorações.

As notícias da doença de Mão foram descritas por um informador chinês em Moscovo como «mentiras e calúnias típicas da Imprensa burguesa americana que é hostil para com a China Popular».

Novas barricadas em Londonderry

LONDONDERRY (Irlanda do Norte), 25 — (R.) — Novas barricadas foram erguidas apressadamente ás primeiras horas de hoje nesta cidade e aumentaram perigosamente as paixões, após um recontro entre protestantes e católicos devido ao qual morreu um homem.

Católicos voltaram a erigir á pressa as barricadas nas ruas, que tinham retirado durante os últimos dias.

O recontro da noite passada num bairro comercial, foi o primeiro acto de violência em Londonderry desde as grandes desordens do último mês. Soldados britânicos, de capacete de aço, separaram, á força, os bandos rivais de jovens, que atiravam uns contra os outros pedras e garrafas.

Paddy Doherty, um dirigente da população católica da cidade, afirmou: «A situação é muitissimo perigosa. Temos mil homens de prevenção».

Por volta das 2 horas locais (1 hora T. M. G.) grandes multidões concentravam-se no bairro católico de Bogside. Vigilantes católicos, armados com cacetes, interrogavam pessoas nas ruas.

Uma das pessoas que assistiu ao recontro da noite passada foi o juiz «sir» Leslie Scarman, que dirige agora um inquérito acerca das desordens no Ulster.

«Sir» Leslie declarou: «Vi uma pessoa ser atingida por um projéctil, ficando ferida».

TEMPO DE ESPERA

A NOMEAÇÃO DE TON DUC THANG TERIA SIDO DITADA PELA POSIÇÃO DIFÍCIL DE HANÓI ENTRE MOSCOVO E PEQUIM

MOSCOVO, 25 — (F. P.) — Deve ter satisfeito o Kremlin a nomeação para sucessor de Ho Chi Minh, na presidência da República do Vietnam do Norte, de um homem pouco inclinado para a tendência chinesa. A rapidez com que a agência Tass, antes de Hanói, anunciou a eleição de Ton Duc Thang e publicou a sua biografia, confirmam esta impressão.

De resto, Moscovo não deve ter sido colhida de surpresa pela nomeação de Ton Duc Thang, que representa um tempo de espera na solução do conflito de influências gerado pelo desaparecimento de Ho Chi Minh. Foi a difícil posição de Hanói entre os dois países comunistas que incitou os dirigentes norte-vietnamianos a escolher um homem idoso, de tendência centrista.

NOVO ATENTADO NO SUL

SAIGÃO, 25 — (R.) — Morreram seis civis e ficaram feridos mais oito na cidade de Chau Doc durante um novo atentado á bomba perpetrado pelo Vietcong contra um restaurante cheio de fregueses no delta do Mekong.

Foi o segundo de tais atentados em dois dias.

Um informador militar governamental disse hoje em Saigão que todos os mortos e seis dos feridos devido ao atentado de ontem em Chau Doc, a 160 quilómetros a oeste de Saigão, eram vietnamianos. Os outros dois foram descritos como estrangeiros, presumivelmente americanos.

Sugerida a extradição do general Molinari

CHARLEVILLE - MEZIERES (França), 24 — (R.) Um município perto desta cidade pediu, a noite passada, ao Governo francês para exigir a prisão e extradição do general alemão Karl Molinari, o qual — afirma-se — foi responsável pela morte de 106 jovens combatentes da resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial.

O pedido foi feito pelo município de Vivier-Au-Court, próximo desta cidade no norte das Ardenas.

Na sua resolução o município alegava que o general Molinari fora responsável pelo massacre de combatentes da resistência do Bois de Manises, perto de Fumay, nas Ardenas, em Junho de 1944.

Embora condenado á morte á revelia por um tribunal militar de Metz em Abril de 1951, o general Molinari ocupava actualmente uma posição de relevo na Alemanha Ocidental, revelou o município.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

NOVIDADES
D. QUIXOTE
ARMANDO DA SILVA CARVALHO
Os Ovos D'Oiro
CADERNOS DE POESIA — 7
A. BERGE, B. SPOCK, A. S. NEILL E MAKARENKO
Educação Sexual
DIÁLOGO — 5
VASSILIS VASSILIKOS
Como ser Anjo
novela — CADERNOS DE LITERATURA — 6
MALCOLM X, S. CARMICHAEL, N. MAILER E OUTROS
Black Power — Poder Negro
CADERNOS D. QUIXOTE — 18
publicações dom quixote

Nacionalismo e Imperialismo

(Continuação da pág. anterior)

ficado colónia até ao fim da segunda guerra mundial, Puerto Rico continue sob «crontrôle» americano e Cuba só tenha conquistado a independência — e precária — depois de quatro anos de nova luta, agora contra quem a «libertara» da opressão espanhola).

Este nacionalismo exacerbado está na base de um autêntico imperialismo norte-americano. Não me refiro agora aos imperalismos económico, político ou militar, bem fáceis de discernir e de compreender a partir de raízes económicas, políticas e militares. Refiro-me a um imperialismo psicológico, nacionalista, que está na base de todos os outros. O Americano é imperialista em espírito, antes mesmo de o ser em acto. A sua formação intelectual, de cunho profundamente cristão combinado com uma dogmática política muito simplificada (uma espécie de «decorar» das bases da Revolução Americana e dos princípios da Constiuição dos Estados Unidos) leva-o a aceitar sem discussão uma série de verdades pelas quais entende que o homem se realiza a si próprio e os povos adquirem a felicidade e o progresso. Não há outra via senão a que ele, Americano, já trilhou, com os resultados que estão à vista. Logo, é seu dever ensinar essa via a todas as nações e a todas as raças, levá-las a conquistar a liberdade e a igualdade, a efectivar a autêntica democracia — que ele, de perfeita boa-fé, julga firmente possuir nos Estados Unidos.

Tudo isto ajuda a explicar a desastrada política externa norte-americana, quase sempre baseada num desconhecimento das realidades do mundo e num genuíno desejo de «ajudar» os outros povos com as «luzes» da civilização e do bem-estar material. Uma tal atitude inclui igualmente boa dose de missionarismo cristão, firmemente convencido de estar na posse da verdade e de a querer espalhar pela face do globo.

ARMADA DE PLÁSTICO

LONDRES, 25 — (A. N. I.) — E' provável que a Royal Navy venha a ter barcos de plástico, caso dêem bons resultados as experiências a que se está a proceder, em Dumfermline, com a secção de um lança-minas, construída de plástico reforçado com fibra de vidro.

Junto dessa secção do navio foram deflagradas cargas de profundidade, que não causaram «danos importantes» e contra o casco foram disparadas cargas explosivas, «práticamente sem efeitos» — segundo declarou Michael Westlake, chefe de serviços do Centro de Pesquisas da Construção Naval (NCRE).

COMÍCIO OPERÁRIO EM TURIM

TURIM, 25 — A. N. I. e F. P.) — Decorrem calmamente as primeiras horas da greve de quarenta e oito horas dos 450 000 operários metalúrgicos de Turim. As delegações afluem em autocarros aos cinco pontos escolhidos pelas três grandes organizações sindicais para depois se reunirem todos num comício na Praça de S. Carlos.

Aparecem estandartes vermelhos. As bandeirolas dizem: «Viva a unidade dos trabalhadores e dos sindicatos».

O serviço da ordem é importante mas discreto. Os destacamentos da Polícia estão a uma distância respeitável dos cinco pontos de reunião.

No centro, Turim mostra a sua animação habitual. Mas os proprietários das lojas nos itinerários dos cinco cortejos que se dirigem para a Praça de S. Carlos, tomaram a precaução de descer os taipais de ferro.

Os sindicatos pretendem com estas greves, propagadas a vários ramos de actividade, forçar as entidades patronais a recomeçarem as negociações sobre novos contratos que abrangem cinco milhões de trabalhadores.

SMRKOVSKY DEMITE-SE

—consta em Praga

PRAGA, 25 — (F. P.) — Josef Smrkovsky enviou ao parlamento uma carta em que apresenta a demissão de presidente da Câmara do Povo — soube-se hoje de manhã, de boa fonte.

Em contrapartida, Alexandre Dubcek recusaria obstinadamente a demissão do cargo de presidente da Assembleia Federal. Portanto, terá de ser «destituído das suas funções» pela Assembleia.

«HIPPIES» DETIDOS

LONDRES, 35 — (F. P.) — Sessenta e duas pessoas, entre as quais 14 raparigas, foram detidas pelos agentes da Polícia que atacaram a noite passada o reduto «hippye» de Endell Street em pleno centro de Londres.

Os jovens responderão hoje mesmo num tribunal londrino. São acusados de vários delitos, designadamente de resistência ás forças da ordem e de posse ilegal de estupefacientes.

Os mais prováveis sucessores do presidente Costa e Silva

(Continuação da 1.ª página)

Fontes geralmente fidedignas desta cidade afirmam que Garrastazu Medice era o eleito pelos chefes militares, enquanto que Albuquerque Lima estava a realizar uma campanha para conseguir apoio entre oficiais de patentes mais baixas.

Não havia, porém, confirmação oficial dessas notícias, que circularam no meio de grande especulação sobre quem seria o chefe de Estado a seguir á embolia cerebral que o presidente Costa e Silva, de 66 anos, sofreu há 26 dias.

Essas fontes disseram ainda que o general Garrastazu Medice, forte partidário da política do presidente Costa e Silva, fora já solicitado para ocupar o alto cargo e que aceitará.

Poderia assumir a presidência antes deste fim-de-semana ou em 3 de Outubro, data do 67.º aniversário natalício do marechal Costa e Silva — declararam as mesmas fontes.

Contudo, a candidatura privada do general Albuquerque Lima, que goza de reputação como nacionalista, podia transtornar esses planos — prosseguiram as referidas fontes.

Críticos consideram-no como adoptando provávelmente uma política de duro nacionalismo, no estilo peruano, incluindo a confrontação com capitalistas estrangeiros, especialmente dos Estados Unidos.

Entretanto, outra «guerra privada» está a travar-se entre o palácio presidencial e o 1.º Exército, com Q. G. no Rio de Janeiro — afirmaram círculos autorizados.

D. Yolanda, a esposa do presidente, e amigos íntimos de Costa e Silva têm advogado aparentemente a continuação da actual junta provisória de ministros das Forças Armadas, formada pelo general Aurélio de Lyra Tavares, almirante Augusto Rademaker e marechal do Ar Márcio de Sousa e Melo.

Contudo, os censores do Exército têm fiscalizado todas as declarações do palácio para evitar qualquer crença pública de que o marechal Costa e Silva podia permanecer no poder — acrescentaram os mesmos círculos.

Campanha eleitoral na Alemanha

(Continuação da 1.ª página)

democratas livres, pequeno grupo liberal actualmente na oposição.

Vinte e sete por cento respondeu que preferia um Governo formado pela União da Democracia Cristã de Kiesinger, sózinha ou em coligação com os democratas livres.

Todavia, 53 por cento das pessoas responderam que o Partido de Kiesinger possui maior numero de possibilidades de vencer as próximas eleições. Um grupo de 28 por cento está convencido de que a vitória do próximo domingo caberá aos sociais-democratas.

GOLDA MEIR EM FILADÉLFIA:

ISRAEL PRONTO PARA NEGOCIAÇÕES DIRECTAS COM O EGIPTO

FILADÉLFIA, 25 — (R.) — A sr.ª Golda Meir, primeiro-ministro israelita, afirmou nesta cidade que Israel estava pronto a participar em negociações directas com o Egipto em qualquer altura e local e sem condições prévias.

A sr.ª Meir respondia a perguntas de jornalistas, a seguir a observações feitas na O. N. U. pelo ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, indicando que o Cairo estaria disposto a assinar um tratado de paz com Israel se as potências mundiais pudessem aceitar uma fórmula aceitável.

A declaração da sr.ª Meir foi feita a noite passada poucas horas antes de se iniciarem hoje em Washington dois dias de conversações oficiais com o presidente Nixon, durante as quais se espera que ela procure obter mais assistência militar e económica dos Estados Unidos.

Entre outras alíneas, julga-se que a sr.ª Meir pretenda mais 25 caça-bombardeiros «Phantom F-4» e 80 «Skyhawks A-4», para a Força Aérea israelita.

ESCLARECIMENTO EGÍPCIO

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 25 — (F. P.) — Um informador egípcio altamente colocado deu um esclarecimento acerca da informação segundo a qual o ministro dos Negócios Estrangeiros da R. A. U., Mahmoud Riad, se teria prontificado a um diálogo directo com os israelitas, para chegar a um acordo de paz.

O informador fez notar que Riad disse estar o Governo do Cairo disposto a aceitar eventualmente um processo semelhante ao que em Rodes, em 1949, permitiu ao mediador da O. N. U., Ralph Bunche, obter um acordo de armistício entre os beligerantes da Palestina.

Riad propôs que seja restabelecida a missão de Gunnar Jarring e disse que um acordo semelhante ao de Rodes é possível, se os israelitas renunciarem formalmente ao expansionismo.

Baixa da libra

LONDRES, 25 — (F.P.) — Baixou esta manhã a libra esterlina em consequência do encerramento dos mercados de câmbio alemães. Até agora, porém, o Banco de Inglaterra não parece ter sido forçado a intervir, dado o reduzido volume das transacções.

COLABORAMOS CONSIGO

assistência é a base das nossas vendas

Conheça o nosso eficiente serviço de assistência pós venda

A Ceifeira-Debulhadora não pode, em virtude de ser curta a campanha de colheitas, estar parada. Portanto, Senhor Lavrador, a assistência deve ser muito mais rápida do que para qualquer outra espécie de máquinas. Por isso, colaboramos consigo através da nossa pronta assistência técnica, prestada pelos nossos Mecânicos de Serviço.

SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA.

Ceifeiras-Debulhadoras CLAAS '69

claas

ECOS

A republicação dos poemas admiráveis contidos na «Biografia» de José Régio, obra delicadamente ilustrada por Júlio, com equivalências líricas e plásticas de um impressionante acerto, vem mostrar ao público como é certo que a beleza, quando por tal se entenda não só criação de forma mas encontro com a verdade, revelação dos mais fundos recessos da natureza humana, não envelhece, embora os modelos estéticos lògicamente se substituam e se sucedam no tempo e até, por vezes, no lapso de tempo de uma década, sobretudo agora que os prodígios da ciência e da técnica vertiginosamente transformaram a face do mundo. Não raro acontece que, sem prejuízo da tão forte e pronunciada originalidade de José Régio, nos seus poemas de dúvida e exaspero vibram ecos dos sonetos de «Santo Antero». Exemplo, este imperecível «Logro»: «Vejo, enfim, que, sem ti, nada me presta! / Sem ti, quebrada a lança, inane o escudo. / Silêncio e escuro, — o cego surdo-mudo, / De qualquer vida, eis ao que chega nesta. / Inútil tentar mais! que não me resta / Mais do que o vício, solitário e agudo, / De tentar por tentar, é achar em tudo / O azedo a cinza após a febre e a festa. / Só tu me podes restituir a mim, / Revelar um Princípio no meu fim, / Compenetrar de Ser a morte e o nada. / Cheguei! se aqui mandaste que eu chegasse. / Mostra-me, pois, de novo, a tua face, / Que até essa ilusão me foi roubada!»

★

A doença, real ou diplomática, de Nasser e a sua recusa em ir negociar a Moscovo continua a preocupar os observadores atentos de todo o mundo. Afirma, com satisfação, o **Al Jaryda**, jornal reaccionário que se publica em Beirute, que a «eliminação» de Ali Sabry e da corrente marxista por ele encabeçada (eliminação aliás mal esclarecida, se é que se verificou) resultaria das divergências cada vez mais graves entre Nasser e os dirigentes do Kremlin acerca de questões de armamento, da influência da U. R. S. S. no Egipto e da apreciação da conjuntura política no Médio Oriente. Certo é que o mundo árabe não é o condutor Nasser, mas fundamentalmente o povo dos países árabes, e quiçá esse mesmo povo virá em hora não muito distante a dar uma resposta histórica, já encetada pela «El Fatah», às suas questões internas.

★

APRAZ-NOS recordar esta admirável frase de Henry Miller: «Feliz o pai que é incomodado desde o amanhecer até ao fim do dia por filhos sãos e insaciáveis. Feliz o pai que aprende a ver através dos olhos dos seus filhos.»

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

A C. E. U. D. de Lisboa discutiu e apreciou a planificação da sua propaganda

Recebemos da C. E. U. D. o comunicado que a seguir publicamos:

1. Reuniu-se mais uma vez a comissão coordenadora da C. E. U. D., juntamente com a comissão económica. Foram dados os ultimos retoques no Manifesto a apresentar ao País, na abertura da campanha eleitoral. Passou-se depois á análise do documento sobre a Educação, tendo sido aprovado o esquema de trabalho apresentado pela comissão encarregada da sua redacção

2. Entrou-se a seguir na discussão e apreciação da planificação da propaganda eleitoral, tendo a propósito sido analisada a recente nota do Ministério do Interior sobre o assunto.

3. Realiza-se hoje noite a anunciada reunião a fim de se debaterem sugestões sobre os pontos a versar na campanha eleitoral que mais directamente se liguem com a política educacional e intelectual do País.

Pelos candidatos José Carlos Megre e Mário Soares».

Constituída a comissão eleitoral de oposição de Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 25 — Está formada a Comissão Eleitoral de Oposição Democrática de Castelo Branco, de que fazem parte as seguintes individualidades:

Manuel Antunes Ferreira, advogado; João Borges Terenas Junior, industrial; Guilherme Raposo de Moura, advogado; Manuel António Rodrigues da Mouta Pintassilgo, debuxador; Augusto Lopes Teixeira, agente comercial; Jerónimo dos Santos, profissional de seguros; Armando José Gomes Farias, industrial; José Fernandes de Lemos, técnico de contas; José Silvestre Ribeiro, industrial de camionagem; João Pinto Aguia de Moura, comerciante; António Rogeiro Junior, operário têxtil; João Bernardo Gíria, industrial; Orlando Barandas Ferreira Baptista, médico; João José Pinto Pessoa, caixeiro viajante; Álvaro de Morais, médico; António Fernando Fazenda Sobral, operário têxtil; Manuel Dias Henriques, empregado forense; António Tomás Pereira, técnico da industria de lanifícios; João Valentim Mendes Madeira, gerente comercial; José da Conceição Borrata, operário têxtil; António Afonso Ascensão, gerente comercial; José Vicente Milhano, operário têxtil; José Madeira dos Santos Fonseca, empregado comercial; Porfírio Carapito, operário têxtil; *todos da Covilhã;* António Ascensão, comerciante; José Teixeira Almeida, operário têxtil; Alfredo Craveiro de Matos, auxiliar de fabricação; José Gomes Rodrigues, operário têxtil; Joaquim Rodrigues Pinheiro, operário têxtil; António Baptista Carvalho, operário têxtil; Álvaro Alexandre Mineiro Fonseca, estudante; Fernando Gomes de Sena, empregado de armazém; *todos do Tortosendo;* António Augusto Rebordão Gascão Nunes, advogado; António Maria Paulouro, comerciante; Joaquim Paulo Leal Gascão Nunes, comerciante; José Pais Martins, comerciante; José Baltasar Dias Mendes, comerciante; Carlos Hernani Carneiro Isaac Simões, empregado de escritório; Adelino de Jesus Madeira, comerciante; Elias dos Reis, industrial; José António Ferreira, agente comercial; Joaquim Leitão Pires, tipógrafo; Henrique Brito dos Santos, marceneiro; José Maria Antunes Pião, industrial; Américo Dias de Oliveira, empregado de escritório; Manuel Antunes Belchior, industrial; António Gil Morão, sacerdote católico; *todos do Fundão;* Manuel Salvado Sanches, comerciante, de Vale de Prazeres; José Armando Marques Macedo Fino, debuxador, da Covilhã; Joaquim Rei Barata, profissional de seguros, do Ourondo; José Pinheiro Fonseca, empregado bancário, da Covilhã; Armindo Gonçalves Ramos, economista; Carlos Alberto de Sousa Vale, comerciante; António de Matos Pereira, industrial; Manuel João Vieira, advogado; Mário de Deus Branco, advogado; *todos de Castelo Branco;* Fernando José Pinto Simões da Cunha, técnico têxtil, da Covilhã; Américo Mendes Vaz, operário têxtil; João Taborda Pinto, comerciante; Alfredo Gomes Pombo, operário têxtil; António Manuel Raposo da Sil-

(Continua na página seguinte)

Malograda a última diligência para a apresentação de uma só lista da Oposição Democrática do Porto

Da Comissão Democrática Eleitoral do Porto, recebemos o seguinte comunicado:

«I — Já por diversas vezes a Comissão Democrática do Porto veio a público defender o princípio da unidade de todos os democratas, sem quaisquer descriminações ou exclusões, pois sempre estivémos profundamente convencidos que a forma mais correcta de desenvolver a luta pelos direitos democráticos exige a unidad de todos.

Pois não podíamos ficar insensíveis aos apelos que nos eram dirigidos para que fizessemos tudo o que estivesse ao nosso alcance para se conseguir uma lista unica da Oposição no nosso distrito.

«II — Sem demagogias, meias palavras e subterfúgios sectários tão usados por certos democratas (que, porventura, esquecidos de exemplos de unidade e de luta que alguns no passado deram, sacrificam hoje os interesses unitários a uma política pessoal e de grupo), a Comissão Democrática do Porto fez tudo quanto era humanamente possível pela unidade.

«III — Ainda no passado domingo, em Leiria, no decorrer do IV Encontro Nacional da Oposição Democrática, em resposta ao apelo da unidade tão veementemente formulado pelos democratas presentes, a Comissão Democrática, do Porto, mais uma vez, teve a iniciativa de propor conversações aos elementos da C. E. U. D., para a constituição de uma lista unica da Oposição.

Na segunda e na terça-feira, em sucessivas trocas de correspondência formulámos à C. E. U. D. as nossas propostas, e essa Comissão enviou-nos a sua contra-proposta.

Na reunião distrital da Comissão Democrática do Porto, realizada na terça-feira, à noite, e na qual estiveram presentes mais de meia centena de democratas, foi aprovada uma «proposta final» da nossa Comissão, para além da qual não podíamos, em boa verdade, aceitar a unidade:

«Que cada comissão (Comissão Democrática do Porto e C. E. U. D.) escolhesse cinco dos dez candidatos que a lista do Porto comporta».

«Transcrevemos o texto da nossa proposta final: «alínea *a*, cada uma das duas comissões escolheria cinco dos dez candidatos; *b*) Os candidatos aceitarão o compromisso anexo; *c*) Os princípios e reivindicações da lista de candidatos serão os da plataforma de acção comum de S. Pedro de Muel.

• COMPROMISSOS DOS CANDIDATOS DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

Considerando as vantagens de uma lista única da Oposição Democrática por este distrito, para a próxima eleição e campanha que a antecede; considerando as divergências até agora existentes que estiveram prestes a conduzir à apresentação de duas listas concorrentes; e considerando que uma lista unificada, consubstanciada nos candidatos aqui compromitentes, que são todos os dez a apresentar pelo distrito do Porto, só pode ser obtida por acordo, com muita pouca antecedência em relação ao início da campanha; todos os candidatos aceitam e se comprometem solenemente, a manter o seguinte:

1. — Os candidatos ficam definitivamente estabelecidos por livre escolha de cada uma das comissões distritais da Oposição Democrática actualmente existentes no Porto — C. D. e C. E. U. D.;

2. — Os candidatos comprometem-se a não desistir da concorrência efectiva às urnas, se não por decisão nesse sentido assinada por todos, nenhum candidato po-

(Continua na página seguinte)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1850
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Anglo – Continental School of English
CURSO DE INGLÊS — 2 SEMANAS A 1 ANO
BOURNEMOUTH – LONDRES – OXFORD
PREÇOS A PARTIR DE 5.990$00
INCLUINDO:
VIAGEM AÉREA — CURSO — ALOJAMENTO E REFEIÇÕES — EXCURSÕES
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
CAPRISTANOS / CITIRAMA
AGENTE GERAL PARA PORTUGAL
LISBOA — Av. Duque de Loulé, 47-A — Tel. 560171

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Ford à frente
Ford 15M XL
O familiar m
da sua classe
Interiores de classe. In
Tablier e portas com a
Conforto (bancos indivi
Estofos de primeira. Es
FORD 15M XL — Potente
Os últimos requisitos d
CIESA-ARCK-15-07
À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIO

PERFIL DOS CANDIDATOS

Segundo dados fornecidos pela respectiva Comissão Eleitoral, publicamos a seguir a biografia do dr. Duarte Vidal, que substituiu o candidato da C. E. U. D., dr. Pedro Amadeu Santos Coelho.

Duarte Vidal

Duarte Justumiano da Rocha Vidal, casado, natural de Vagos, distrito de Aveiro, exerce a advocacia em Lisboa desde 1956.

Frequentou o Liceu de Aveiro e a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, cujo curso interrompeu, durante a ultima conflagração mundial, por ter sido mobilizado, como oficial miliciano, para os Açores, onde foi louvado pelas autoridades militares pelos serviços prestados.

Após a sua desmobilização foi funcionário do Ministério das Finanças, em Lisboa, tendo igualmente sido louvado pelos seus serviços. Ainda funcionário do Ministério das Finanças regressou ao curso de Direito, como aluno voluntário, tendo-se licenciado em 1955.

DUARTE VIDAL

Tem participado nos mais importantes julgamentos políticos, no Plenário de Lisboa, e no Tribunal Militar, podendo citar-se a tentativa revolucionária de 12 de Março de 1959, o caso de Beja e o processo dos estudantes.

É coa-autor, como o seu colega e companheiro de lista dr. Salgado Zenha, do trabalho intitulado «Justiça e Polícia», apresentado no 2.º Congresso Republicano de Aveiro e tem colaborado em várias publicações designadamente o Dicionário Jurídico da Administração Publica, a Enciclopédia Focos e Jornais.

CANDIDATOS DA U. N. DO PORTO

De acordo com os elementos fornecidos pelo respectivo organismo, publicamos a seguir os principais dados biográficos dos candidatos a deputados pela U. N. no distrito do Porto:

Alberto Maria Ribeiro de Meireles

O sr. dr. Alberto Maria Ribeiro de Meireles nasceu na cidade do Porto a 14 de Novembro de 1912. Cursou Direito na Universidade de Coimbra, onde concluiu a licenciatura em 1935. Preside à Comissão Arbitral de Assistência do Porto. Nos quadros da União Nacional foi presidente da Comissão Distrital de Viana do Castelo e vogal da Comissão Distrital do Porto. Desempenhou diversos cargos públicos, nomeadamente os de subdelegado e delegado do I. N. T. P. e juiz dos Tribunais de Trabalho. Foi presidente das Caixas de Abono de Família do distrito do Porto e de Viana do Castelo e da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes. Publicou diversos trabalhos sobre temas sociais e económicos dos meios rurais.

Foi deputado à Assembleia Nacional pelo círculo do Porto, na VIII Legislatura.

ALBERTO MARIA RIBEIRO DE MEIRELES

Francisco de Almeida e Sousa

O sr. eng. Francisco de Nápoles Ferraz de Almeida e Sousa é natural de Coimbra, onde nasceu em 1921. Licenciado em Ciências Físico-Químicas pela Universidade de Coimbra, formou-se também em Engenharia pela Universidade do Porto. Especializou-se em Metalurgia em Paris. Dirigiu diversas instalações e fábricas metalúrgicas, em Coimbra e Lisboa.

Actualmente desempenha os seguintes cargos: chefe de serviços na Hidroeléctrica do Cávado; presidente do Grémio dos Industriais Meta-

(Continua na página seguinte)

A lista de candidatos da C. D. E. de Coimbra foi ontem entregue

COIMBRA, 25 — Foi ontem apresentado no Governo Civil o processo de candidatura dos srs. prof. eng. Henrique de Barros, prof. dr. Orlando de Carvalho, dr. Rui Clímaco, dr. António Arnaut, dr. Mário Torres e António Campos, candidatos democráticos pelo círculo de Coimbra.

Acompanhavam este processo, certidões de noventa eleitores, com as assinaturas devidamente reconhecidas pelo notário; juntava-se ainda a declaração de aceitação pelos candidatos, com as suas assinaturas devidamente reconhecidas e as respectivas certidões de eleitores; igualmente se juntava a autorização para que os dois funcionários pudessem figurar como candidatos.

Hoje, pelas 12 horas, realizou-se a audiência solicitada ao chefe do distrito pelos responsáveis pela candidatura democrática de Coimbra, juntamente com alguns candidatos, a fim de esclarecer dúvidas suscitadas pela recente alteração da legislação eleitoral.

C. D. E. da Figueira da Foz

A Comissão Concelhia da C. D. E. da Figueira da Foz, que tem a sua sede na Rua da República, 131 (sala 34), e que se encontra aberta todos os dias, depois das 21 e 30, está a trabalhar activamente em colaboração com todas as comissões de freguesia.

Também ali se estão a receber os necessários fundos destinados à campanha, sendo responsável por este sector o sr. Francisco Martins Antunes.

A lista da oposição de Viana do Castelo foi já entregue no Governo Civil

VIANA DO CASTELO, 25 — A Comissão de Apoio á candidatura dos deputados da Oposição Democrática do distrito de Viana do Castelo acaba de montar o serviço de secretaria na Rua de Manuel Espergueira desta cidade, ali podendo receber os democratas que queiram tratar de assuntos relativos às próximas eleições. A mesma comissão efectuou ontem uma sessão de trabalhos na nova sede com a participação de delegados de alguns concelhos do distrito. Foi feita a entrega, no Governo Civil, da lista dos candidatos da mesma oposição. São os seguintes: contra-almirante Jorge Maia Ramos Pereira, drs. António Feio Ribeiro da Silva e Alberto de Oliveira e Silva (advogado) e dr. Álvaro Salema de Araújo (licenciado em Letras e jornalista).

CHOCOLATES TAGUDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

OBJECTIVOS DA «TERCEIRA FORÇA»

Num comunicado que recebemos do «Secretariado da Terceira Força», além de outras considerações afirma-se:

«A Terceira Força» discute entre os seus membros a posição que deve tomar em face da campanha eleitoral — uma vez que, como se verá do seu programa político, tem sobre a actuação e até sobre a existência política da Assembleia Nacional, ideias próprias e perfeitamente definidas».

...«A Terceira Força» não se propõe obedecer ou aceitar a orientação de elementos que não traduzem claramente o que querem no plano da defesa da Nação — ou antes, escondem que votam na antinação. Por isso a «Terceira Força» não só não se integra na «plataforma política de S. Pedro de Muel», como a repele pois não pode aceitar — a resolução pacífica e política das guerras do Ultramar na base do direitos dos povos á autodeterminação precedida de um amplo debate nacional — implicação final que por si contradiz a orientação inicialmente aprovada — o que é magnífico para condimentar uma excelente salada russa — saborosa iguaria própria deste fim de estação, embora, dum modo geral repelida pelo paladar português.

A «Terceira Força» aceita evidentemente a solução pacífica e política da guerra no Ultramar — mas exige como condição basilar o reconhecimento da soberania portuguesa — uma vez garantida a todo o nativo a igualdade de direitos, atingidas que sejam as condições legais para o exercício dos direitos de cidadania.»

JOSÉ CARDOSO PIRES

JOSÉ CARDOSO PIRES NA UNIVERSIDADE DE LONDRES

Partiu ontem para Inglaterra o nosso distinto colaborador José Cardoso Pires, que ali vai assumir funções docentes na Universidade de Londres.

Convidado a reger um curso livre de Literatura Portuguesa num dos ramos daquela universidade — o «University College» — José Cardosoo Pires permanecerá alguns meses em território britânico. Entretanto o programa do «University College» prevê para este ano lectivo a ida a Inglaterra de especialistas de várias matérias, entre eles o jovem realizador alemão Alexander Kluger, que leccionará também um curso livre.

O «Diário de Lisboa» não pode deixar de congratular-se com o significado do convite dirigido a José Cardoso Pires cuja colaboração neste jornal tem sido inestimável e lamentamos vivamente ver interrompida, ainda que por pouco tempo.

REUNIÃO DE DEMOCRATAS EM SEVER DO VOUGA

SEVER DO VOUGA, 25 — Com a presença dos candidatos drs. Alvaro de Seiça Neves e Carlos Canda, que presidiram, efectuou se na vila uma reunião de democratas do concelho, entre os quais Diamantino Pereira da Cruz, (comerciante); José Domingos Nogueira, (proprietário); Henrique Marques da Silva (metalurgico); António Bastos Leite, (comerciante); Manuel Morais, (proprietário); Adriano Rodrigues Basto, (estudante); Rufino Pinto Soares, (proprietário); Henrique Figueiredo Bastos, (estudante); José Manuel Pereira Bastos, (estudante); Alfredo da Silva, (industrial); e Custódio Martins da Silva (operário fabril).

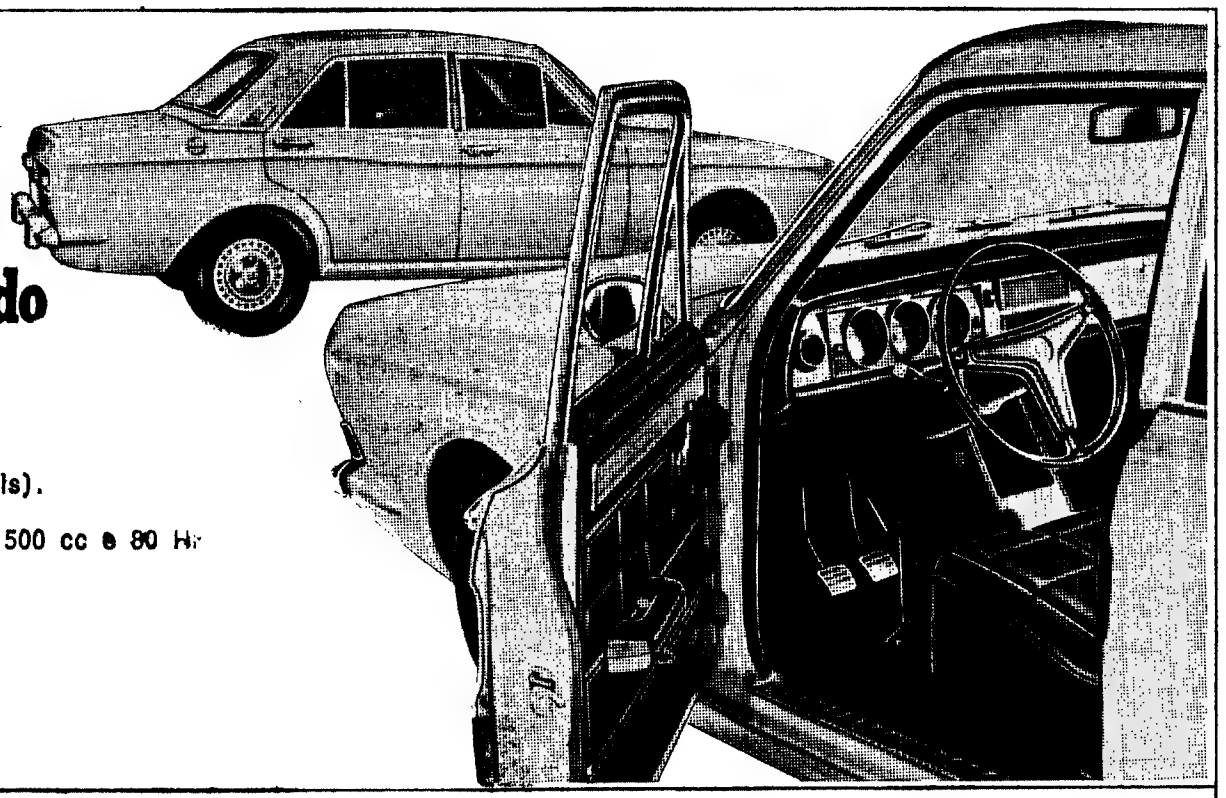
Assistiram também o dr. Eduardo Sousa Santos, e Alfredo do Sameiro Pereira Bacelar, do secretariado das candidaturas.

Foram ventilados assuntos respeitantes á constituição das comissões de freguesia e fiscalização do acto eleitoral e resolvido editar-se um manifesto concelhio, assim como a realizar-se uma sessão de propaganda das candidaturas, marcada em princípio para o dia 5 de Outubro próximo.

MAIS ADESÕES À C. D. E. DE AVEIRO.

AVEIRO, 25 — A. C. D. E. desta cidade, cuja sede é na Travessa do Governo Civil, 4, continua a registar numerosas adesões, de democratas de todas as categorias sociais. Nos últimos dias estiveram ali a inscrever-se 73 pessoas.

nte em requinte
XL
r mais requintado
sse
e. Inultrapassáveis.
om aplicações em madeira.
individuais totalmente reclináveis).
a. Espessa alcatifa.
otente, condução empolgante (1500 cc e 80 Hp
tos de segurança.



Ford 15M

Ford

CESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66 • LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

PERFIL DOS CANDIDATOS

(Continuação da pág. central)

lúrgicos e Metalomecânicos do Norte; gerente da Fundição do Rio Sousa; vice-presidente da Associação

FRANCISCO DE NÁPOLES FERRAZ DE ALMEIDA E SOUSA

Industrial Portuense; administrador da Cooperativa dos Industriais Metalúrgicos do Norte (CIMNOR); e director da Associação Portuguesa de Fundição.

É vereador substituto da Câmara Municipal do Porto. Preside à Comissão Distrital do Porto da União Nacional. Tem representado Portugal em diversas reuniões e congressos da sua especialidade, no país e no estrangeiro. É director da «Revista Fundição» e da revista «Metal» e tem diversa colaboração publicada em jornais e revistas.

É candidato a deputado pela primeira vez.

Francisco de Sá Carneiro

FRANCISCO MANUEL LUMBRALES DE SÁ CARNEIRO

O sr. dr. Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro, que nasceu no Porto, em 1934, frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, concluindo a sua licenciatura, com distinção, em 1956.

Tem exercido a advocacia na terra da sua naturalidade. É director da «Revista dos Tribunais» onde publicou vários estudos, entre os quais um relativo à dissolução do casamento em face da Concordata e do Código Civil.

Sócio fundador da Cooperativa «Confronto», desempenhou funções de presidente da assembleia geral.

Pela primeira vez apresenta a sua candidatura à Assembleia Nacional.

Joaquim Carvalho Macedo Correia

Natural do Porto, o sr. eng. Joaquim Carvalho Macedo Correia, conta 41 anos. Terminados os estudos se-

JOAQUIM CARVALHO MACEDO CORREIA

cundários no Liceu Alexandre Herculano, matriculou-se em 1946 na Universidade do Porto, tendo concluído a sua formatura em Engenharia Electrotécnica em 1951.

Dedicou-se à actividade no sector privado, dirigindo actualmente uma importante empresa metalomecânica da zona do Porto. É director do Grémio das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Norte e presidente do sector metalúrgico e metalomecânico da Associação Industrial Portuense.

Durante alguns anos foi dirigente da União Católica de Industriais e Dirigentes de Trabalho — UCIDT. Tem colaborado em estudos sectoriais na elaboração dos Planos de Fomento

Defensor de soluções de liberalização e do estabelecimento de um diálogo na sociedade portuguesa, nunca até agora desenvolveu qualquer actividade política.

Joaquim Germano Correia da Silva

JOAQUIM CORREIA DA SILVA

O sr dr. Joaquim Germano Pinto Machado Correia da Silva tem 39 anos. Licenciado pela Faculdade de Medicina do Porto, nela exerceu funções de assistente e, na actualidade, é professor extraordinário da mesma. Foi assistente estrangeiro da Faculdade de Medicina de Paris.

Pertence à direcção da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e é director do jornal «Médico». Tem participado em diversas reuniões no país e no estrangeiro e publicou mais de duas dezenas de trabalhos científicos sobre temas da sua especialidade.

É candidato a deputado pela primeira vez.

João Ruiz de Almeida Garrett

O sr. prof. dr. João Ruiz de Almeida Garrett nasceu no Porto, em Agosto de 1923. Foi assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Ciências Políticas e Económicas em 1961.

É actualmente professor da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, onde se tem dedicado ao ensino e investigação no campo da política económica, regendo também a cadeira de Introdução às Ciências Sociais.

Como procurador à Câmara Corporativa, foi relator do Parecer Geral emitido sobre o III Plano de Fomento.

Presidente do Conselho Orientador do Centro de Estudos de Planeamento da Presidência do Conselho e vogal da Direcção do Centro do Instituto Nacional de Estatística e do Conselho Científico da Associação Fiscal Portuguesa, a sua bibliografia regista, além de trabalhos relativos à política económica internacional, teoria económica e direito fiscal, algumas conferências e lições sobre problemas sociais.

JOÃO RUIZ DE ALMEIDA GARRETT

É pela primeira vez candidato a deputado.

José da Silva

O sr. dr José da Silva nasceu em 1924 em Friande, Felgueiras. Depois de completar o Curso de Teologia no Seminário do Porto, licenciou-se em Filosofia, em 1949, com a mais alta classificação da Universidade Católica de Salamanca.

Dedicou-se ao ensino particular, exercendo funções docentes e o cargo de director de um colégio, no Porto, ao mesmo tempo que prosseguia, em regime voluntário, estudos de Direito na Universidade de Coimbra. Em 1955 licenciou-se, com distinção, em Direito, e em 1958 terminou o curso complementar de Ciências Jurídicas. A tese de licenciatura intitulou-se «A justiça como elemento do Direito». Exerce desde há anos a advocacia nos Tribunais Civis e Eclesiásticos. Tem-se dedicado, à margem da sua actividade profissional, à defesa dos direitos individuais à luz da doutrina social da Igreja e da Declaração Universal dos Direitos do Homem, promovido conferências e dirigido colóquios nos meios católicos.

Em 1963 publicou uma conferência sobre os direitos e deveres naturais do Ho-

JOSÉ DA SILVA

mem e as funções do Estado segundo a Encíclica «Pacem in Terris». Participou no I Congresso Republicano de Aveiro, apresentando uma comunicação sobre «A Concepção Cristã do Homem e algumas das suas Políticas».

É, pela primeira vez, candidato a deputado.

Leonardo Augusto Coimbra

O sr. dr. Leonardo Augusto Coimbra nasceu na Póvoa do Varzim, a 9 de Abril de 1914, e licenciou-se em Medicina em 1940. Foi assistente livre dos Serviços de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto desde 1940 a 1947; médico-chefe da Caixa Sindical de Previdência Têxtil desde 1944, foi transferido mais tarde para a chefia de um posto dos Serviços Médico-Sociais, exercendo, também, actualmente as funções de director clínico do Sanatório do Louredo da Serra.

Foi bolseiro, em 1948/49, em diversos serviços de cirurgia torácica no estrangeiro. De 1950 a 1955 ocupou o cargo de assistente das equipas de cirurgia do Sanatório D. Manuel II. Estudioso dos problemas sociais e humanos, dedicou-se à Medicina do Trabalho, criando alguns serviços e participando em Simpósios e Congressos nacionais sobre preven-

LEONARDO AUGUSTO COIMBRA

ção de acidentes de trabalho e doenças profissionais.

Deputado à Assembleia Nacional na IX Legislatura pelo Círculo do Porto, teve diversas intervenções para focar problemas relacionados com a promoção das condições de segurança e dignidade do homem, actualização da educação, sociologia da criança e da velhice e reabilitação e reintegração social dos diminuídos por acidentes de trabalho ou traumatismos da guerra.

É autor de diversas obras literárias.

Vasco Maria da Costa Ramos

Licenciado com alta classificação em Ciências Médico-Veterinárias, o sr. dr. Vasco Maria de Pereira Pinto da Costa Ramos iniciou a sua carreira profissional como assistente da Es-

VASCO MARIA PEREIRA PINTO DA COSTA RAMOS

cola Superior de Medicina Veterinária. Em 1947 ingressou nos quadros da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, organismo de que é, actualmente, delegado no Porto.

Exerce também as funções de delegado do Governo junto do Grémio Concelhio dos Comerciantes de Carnes do Porto; de presidente da Comissão Técnica Regional do mesmo distrito. É vogal da Comissão Distrital do Porto da União Nacional.

Tem participado em diversas comissões de estudo de problemas ligados à produção e ao comércio de produtos agrícolas, tanto no País como no estrangeiro. Tem publicado e colaborado em diversos trabalhos da sua especialidade, e da sua folha de serviços constam vários louvores oficiais.

É pela primeira vez candidato à Assembleia Nacional.

Malograram-se as tentativas de unidade no Porto

(Continuação da pág. anterior)

dendo desistir individualmente;

3. — As comissões constituídas (C. E. U. D. e C. D.) mantêm-se em funcionamento, com plena autonomia em relação às candidaturas, não podendo praticar quaisquer actos em nome ou em representação dos candidatos e comprometendo-se estes a aceitar todo o apoio que por elas ou qualquer dos seus órgãos ou aderentes lhes for prestado, sem qualquer desautorização ou repúdio, desde que tais actos sejam praticados em nome dessas comissões, órgãos ou aderentes;

4. — As decisões dos candidatos, seja em assuntos de interesse nacional, seja nos de interesse distrital, só poderão ser tomadas por seis ou mais dentre eles, em qualquer reunião de candidatos que terão lugar todos os dias úteis, às 18 e 30, a partir do dia seguinte ao da entrega da lista no Governo Civil, com excepção apenas daqueles em que haja incompatibilidade decorrente de actos interdistritais ou nacionais ou quando, por seis ou mais candidatos, tal for declarado desnecessário;

5. — Todas as deliberações dos candidatos são tomadas no plano distrital, só podendo vincular-se a qualquer outro plano, inclusive o nacional, por maioria de dois terços da totalidade da lista;

6. — No caso de necessidade de substituição de um ou mais candidatos, as substituições far-se-ão por livre escolha da comissão que indicou o candidato a substituir;

7. — Este pacto entra imediatamente em vigor e vigorará até ao final de todas as operações eleitorais a que se destina.

É feito em duplicado, sendo ambos os exemplares assinados por todos, com a mesma validade.

Porto, ... (Seguir-se-iam as assinaturas de todos os candidatos).

IV — Ontem, quarta-feira, cerca das 17 horas, recebemos da C. E U. D. uma carta em que nos confirmam que não aceitam a nossa proposta e em que declaram que «terminaram, assim, pelo insucesso, as negociações finais para a apresentação de uma lista unitária».

V — Não nos cumpre, de momento, fazer nenhum outro esclarecimento. Temos perfeita consciência de que fizemos pela unidade, não só com palavras mas principalmente com actos, tudo o que podíamos ter feito. Não queremos arvorar-nos em juízes da causa própria. O povo Português julgará».

A COMISSÃO ELEITORAL DE CASTELO BRANCO

(Continuação da pág. anterior)

va, empregado de armazém; Mário Alfredo Pereira Frances, empregado de escritório; José Dias de Oliveira, técnico de contas; Maria Luísa Pereira Barata de Oliveira, *todos do Tortosendo;* António Alexandre, negociante de adelo; Norberto Gomes de Sena, empregado de escritório, da Covilhã; e Frederico Antunes.

amanhã, a partir das 18 h.

na LIVRELCO

RUA JOSÉ CARLOS DOS SANTOS, 7, 1.º — LISBOA

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

autografa a 3.ª edição
(11 000 exemplares)

INQUISIÇÃO E CRISTÃOS NOVOS

COLECÇÃO CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

EDITORIAL INOVA/PORTO

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

Listas da Oposição Democrática já apresentadas oficialmente

BRAGA (C. D. E.) — D. Maria Margarida Braga Malvar (quintanista de Direito), dr. Lino Lima (advogado), dr. Joaquim Santos Simões (professor liceal e publicista), dr. António Marinho Dias (advogado), dr. Vítor de Sá (licenciado em Letras) e dr. Humberto Soeiro (licenciado em Letras e em Direito).

PORTO (C. D. E.) — Prof. Alberto Teixeira de Sousa (professor do ensino livre), dr. Armando Bacelar (advogado), dr. Armando de Castro (investigador de temas económicos), Francisco Hortas (técnico de contas), João Arnaldo Maia (jornalista), Joaquim Felgueiras (controlador fabril, José Cardoso (empregado de escritório), Papiniano Carlos (escritor), eng.ª Virgínia Moura (engenheira civil) e Zeferino Coelho (estudante universitário).

LISBOA (C. E. U. D.) — D. Etelvina Lopes de Almeida (escritora), dr. Francisco Salgado Zenha (advogado), dr. Francisco Sousa Tavares (advogado), arq. Gonçalo Ribeiro Teles (engenheiro-agrónomo e arquitecto paisagista), Jaime José Matos da Gama (estudante), dr. José Carlos Megre (professor do ensino secundário), dr. Mário Soares (advogado), Mário Pina Correia (empregado bancário), arq. Mário Jorge Bruxelas (arquitecto), dr. Raul Rego (jornalista), dr. Rui Belo (escritor) e dr. Duarte Vidal (advogado).

LISBOA (C. D. E.)—Prof. dr. Francisco Pereira de Moura (1.º assistente do I. S. C. E. F.), dr. Jorge Sampaio (advogado), dr. José Tengarrinha (historiador), dr João Bénard e Costa (licenciado em História), dr. Joaquim Mestre (advogado), dr. Mário Sottomayor Cardia (licenciado em Filosofia), dr. Vítor Wengorovius (advogado), eng. José Gaspar Teixeira (matemático), José Gouveia (gerente industrial), Firmino Martins (ferroviário), Glória Marreiros (auxiliar de enfermagem — parteira) e Rosalina Pinho (educadora infantil).

SETUBAL — Joaquim Palmeiro Gonçalves (quintanista de Direito e assistente social); Álvaro Ribeiro Monteiro (estudante universitário); dr. José António Tavares da Cruz (economista) e dr. José Malheiro (médico).

VIANA DO CASTELO — Contra-almirante Ramos Pereira; dr. Álvaro Salema (escritor e jornalista), dr. Oliveira e Silva e dr. Ribeiro da Silva (advogados).

LEIRIA — Dr. Vasco da Gama Fernandes (advogado), dr. José Henriques Vareda (advogado), dr. Sérgio Ribeiro (economista), Agulnaldo Espada dos Santos (agente técnico de Engenharia), eng.º Jorge Silvestre (engenheiro-agrónomo) e Alberto Bernardes Costa (quartanista de Direito).

COIMBRA — Prof. eng.º Henrique de Barros (catedrático do I. S. A.), prof. Orlando de Carvalho (da Faculdade de Direito, em Coimbra), dr. António Duarte Arnaut (advogado), dr. Rui Clímaco (médico psiquiatra), António Ribeiro Campos (regente agrícola) e dr. Mário Araujo Torres.

As listas da U. N. de Setúbal e de Faro

Pela União Nacional foram divulgadas as listas dos seus candidatos pelos círculos de Faro e de Setubal, e que têm a seguinte constituição:

FARO — Eng.º agrónomo António da Fonseca Leal de Oliveira, de 42 anos, de Faro, a desempenhar as funções de presidente da Comissão distrital da U. N. de Beja e delegado da Junta de Colonização Interna naquela cidade; almirante Henrique dos Santos Tenreiro, de 70 anos, natural de Campo Maior e presidente da Junta Central da Legião Portuguesa e da Junta de Fomento das Pescas e vice-presidente da Assembleia Nacional na actual legislatura; dr. Jorge Augusto Correia, médico, de 51 anos, presidente da comissão distrital de Faro da U. N. e presidente da Camara Municipal de Tavira e que já foi deputado pelo Algarve, na VIII legislatura; e dr. Manuel Elias Trigo Pereira, natural de Bragança e residente em Faro, intendente de Pecuária e vice-presidente da comissão distrital da U. N. de Faro.

SETUBAL — Dr. Miguel Rodrigues Bastos, de 57 anos, natural de Setubal, de que foi presidente da Camara e governador civil durante muitos anos. Foi já deputado nas V e VI legislaturas, e juiz-conselheiro do Tribunal de Contas e da Comissão Executiva da U. N., a cuja comissão administrativa preside; dr. Rogério Peres Claro, de 47 anos, natural de Setubal, de cuja Escola Técnica é director. Foi deputado nas ultimas legislaturas e preside á assembleia geral do Grémio da Imprensa Regional; Sr.ª D. Luzia Pereira Beija, assistente social e delegada distrital do Instituto de Assistência Familiar; Olímpio da Conceição Pereira, de 47 anos, ferroviário, presidente do Sindicato Nacional dos Ferroviários (pessoal do movimento e tracção).

Em Faro foram constituídas comissões eleitorais de apoio compostas por 120 elementos de que são mandatários o capitão (na reserva) Rafael Pereira e os drs. Leonel Rosa dos Santos Agostinho e Libertário dos Santos Viegas.

A C. D. E. DE BRAGA COMEMORA O 5 DE OUTUBRO

Da C. D. E. do distrito de Braga, recebemos um comunicado do seguinte teor:

«Os democratas do distrito de Braga que apoiam as candidaturas a deputados dos drs. A. Marinho Dias, Humberto Soeiro, A. Santos Simões, J. Vítor de Sá, Lino Lima e D. Maria Margarida Malvar, tomaram a iniciativa de promover uma condigna celebração publica da data histórica do 5 de Outubro, comemorativa da implantação da Republica em Portugal.

Assim, na manhã do próximo 5 de Outubro haverá romagens nas diferentes sedes do concelho ás campas dos republicanos falecidos Em Barcelos, a romagem terá lugar ás 12 horas no cemitério da cidade.

A tarde, haverá uma grande romagem ao tumulo do major Miguel Ferreira, em Fafe, na qual participarão todas as comissões democráticas constituídas no distrito. A romagem terá lugar ás 16 horas no cemitério do Ribeiro, perto da vila, e visa prestar homenagem póstuma ao mais antigo fiel companheiro dos candidatos, que sempre encontraram no saudoso major Miguel Ferreira o mais alto incentivo ás iniciativas distritais em prol da Democracia e da Republica.

À noite, terá lugar em Braga um grandioso banquete, para o qual se encontra desde já aberta a inscrição.

Os interessados poderão dirigir-se aos membros das comissões concelhias eleitorais já constituídas, ou ao escritório do candidato dr. Humberto Soeiro, Praça do Município, 74 — Braga».

A OPOSIÇÃO CONCORRE EM TODO O CONTINENTE

(Continuação da 1.ª página)

N. e a Oposição Democrática diz respeito a 111 lugares da Assembleia Nacional.

A constituição das listas oposicionistas previstas para os diversos círculos já é conhecida. Das listas da U. N. só a constituição das de Lisboa, Santarém, Ponta Delgada, Portalegre e Funchal não se conhecia ainda, a poucas horas do termo do prazo de entrega.

Em Lisboa haverá quatro listas a disputar as eleições: duas da Oposição Democrática, uma da U. N. e outra de monárquicos independentes. O mesmo sucede em Braga: duas da Oposição, uma da U. N. e outra de nacionalistas independentes.

No Porto haverá três listas: uma da U. N. e duas oposicionistas.

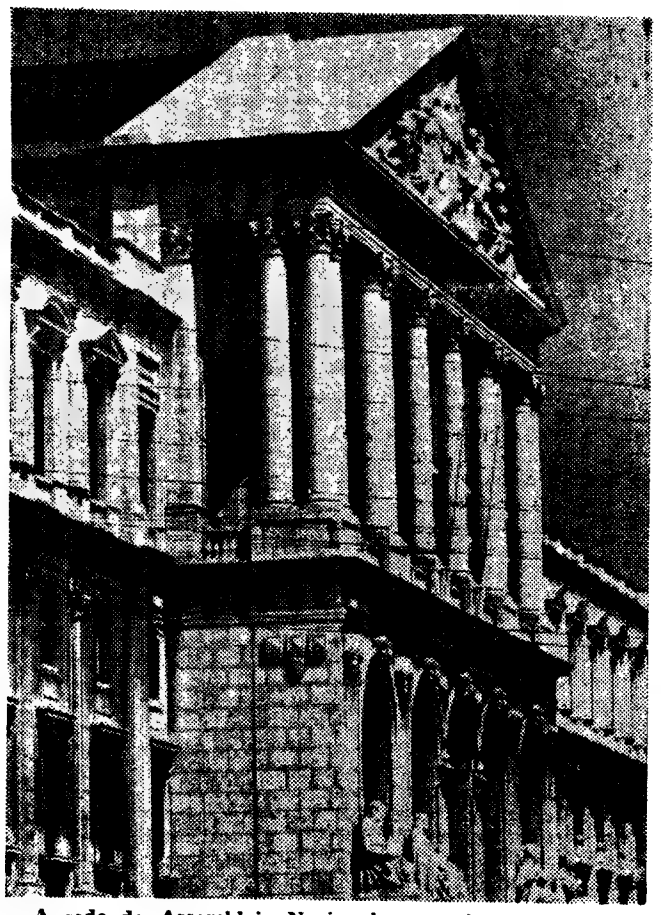
Nos restantes círculos haverá duas ou uma lista, conforme a Oposição concorre ou não.

Supõe-se que a U. N. estará sem concorrência oposicionistas nos seguintes círculos: Angra do Heroísmo (2 lugares na Camara), Horta (1), Angola (7), Cabo Verde (2), India (3), Guiné (1), Macau (1), S. Tomé e Príncipe (1) e Timor (1), o que corresponde a 19 lugares, na Assembleia Nacional, já garantidos.

TRESPASSA-SE

em Torres Novas, Alfaiataria Paris. Boa clientela, óptimas condições. Resposta a esta casa. Tel. 22466.

No TORTOSENDO o «DIÁRIO DE LISBOA vende-se na LIVRARIA E PAPELARIA CENTRAL — Praça Almeida Garrett.



A sede da Assembleia Nacional, em cuja renovação o eleitorado português vai ser convidado a pronunciar-se

Apreciável número de adesões à C. D. E. de Setúbal

Da Comissão Democrática Eleitoral do distrito de Setubal, recebemos com o pedido de publicação o seguinte comunicado:

«Na sua sede provisória, R. Dr. António José de Almeida, 12, Barreiro, realizou-se uma reunião da Comissão Distrital, tendo sido apreciados, entre outros, os seguintes assuntos:

1 — *Processo de candidaturas:* os esforços destes ultimos dias têm sido dirigidos, principalmente, no sentido de obter a instrução dos processos dos candidatos a deputados por este círculo eleitoral, a fim de serem apresentadas as listas, no respectivo Governo Civil, até amanhã, dia 24.

2 — *Delegações concelhias:* têm trabalhado activamente nas suas localidades.

3 — *Obtenção de fundos:* continua a ser uma das grandes preocupações a obtenção de receitas, pois prevê-se que a campanha venha a atingir uma despesa global de centenas de contos. Aqui fica um apelo aos democratas do nosso distrito!

4 — *Grupos de trabalho:* várias equipas de estudo e inquérito, fazem esforços na recolha de elementos;

5 — *Adesões:* na sede funciona um livro de adesões que conta já com apreciável numero de pessoas inscritas. Nas sedes concelhias também vários democratas têm manifestado o seu apoio e simpatia.

6 — *Realização de uma caravana:* com partida do Barreiro, pelas 8 horas, e de Almada, pelas 9, sairá no próximo domingo, dia 28, uma caravana automobilística que percorrerá todos os concelhos do distrito com a finalidade de abrir a Campanha Eleitoral e levar a toda a população o interesse pelo movimento da Oposição Democrática.

O mesmo comunicado tem ainda um outro ponto, em que se dá notícia de ter sido legalizada, por comunicação do governador civil, a Comissão Democrática Eleitoral de Setubal, pela qual ficaram responsáveis os democratas Manuel Cabanas, funcionário reformado, do Barreiro; Paulino Gomes, advogado, do Montijo; e Artílio Baptista, gerente industrial, do Barreiro. A lista de componentes da referida Comissão é subscrita por mais 53 democratas do distrito.

O DIREITO DE VOTAR NO CÍRCULO EM QUE SE RESIDE

Do sr. dr. Jofre Amaral Nogueira, professor efectivo do ensino técnico, residente no Porto, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

«Por notícias da Imprensa, relativamente ao município de Cascais, e pelo que acontece comigo, no que respeita a uma informação recolhida por interposta pessoa, junto do município de Viseu, parece que não se concedem, de acordo com a lei, certidões de eleitores que permitam votar fora do círculo eleitoral em que o cidadão se recenseou e residia á data do recenseamento.

Há um comunicado da C. D. E. de Lisboa que manifesta opinião contrária. Não sou perito em leis, mas verifico que, ainda há pouco, saiu nova legislação sobre o acto eleitoral, não havendo dificuldade de monta em alterar as normas existentes, quando haja motivo para fazê-lo. Ora, impedir um cidadão de votar no círculo em que reside, por haver mudado de residência entre o prazo do recenseamento e a data das eleições, corresponde práticamente a retirar-lhe um direito político, ou seja, a puni-lo sem que tivesse praticado qualquer infracção. O funcionário (como é o meu caso) que entretanto foi transferido fica impedido de votar? O militar que entretanto haja partido para o ultramar estará nas mesmas circunstancias? Poderá um eleitor ser candidato a deputado por um círculo diferente daquele em que está inscrito e não poderá exercer nesse outro círculo o seu direito de voto?

Não creio que o problema assuma carácter tendencioso ou de partidarismo, já que pode respeitar a indivíduos de qualquer tendência política. Mas ouvi dizer em tempos que haveria qualquer disposição legal antiga, ainda não revogada, que atribuía ao Estado ou ao Governo a categoria jurídica de «pessoa de bem» Sei que a Constituição afirma a Moral como limite da soberania. Não haverá motivos bastantes de moral, de justiça, de honradez, para anular uma norma que tira injustificadamente a um eleitor essa sua qualidade? Ou existirão razões válidas para que assim seja? Rogo que o problema seja posto a quem de direito, quer se trate de Suas Ex.as o Sr. Presidente do Conselho e Ministro do Interior, quer se trate dos eleitores que irão eleger os deputados duma legislatura que terá carácter constituinte.»

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

GRUPO XVI — Concurso para fornecimento de talheres em inox.

Até às 17.30 horas do dia 9, do próximo mês de Outubro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para o fornecimento em referência.

LISBOA, em 24 de Setembro de 1969

O CHEFE DO SERVIÇO

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

Comissões de Vila do Conde de apoio à C. D. E. do Porto

Da Comissão Democrática Eleitoral do Porto recebemos com o pedido de publicação o seguinte comunicado.

«1 — Recebemos da sede distrital da nossa comissão sita á Rua do Almada 43, 2.º a seguinte declaração:

«Os abaixo assinados conscientes do momento político actual, em concordancia e aceitação total com o principio de unidade sem discriminações, vêm pela presente declaração dar o seu inteiro apoio às candidaturas apresentadas pela Comissão Democrática do Porto e resolveram promover uma reunião magna para a escolha das comissões de freguesia e concelhia de Vila do Conde, a realizar brevemente.

a) Celso Pontes, (comerciante); António Armindo Reis Amorim (comerciante); Vasco dos Santos (proprietário e engenheiro); António Gomes Amorim (comerciante); Celso Maria da Cunha Ribeiro Pontes (estudante universitário); Manuel Martins da Silva (emp. comercial); Ventura da Silva Ramos (comerciante); Maria Guilhermina Amorim Simões Rodrigues (comerciante); Fernando da Silva (emp escritório); Eduardo Macedo (afinador textil); Maria Isabel de Sousa Dantas dos Santos (doméstica); Marcelino Soares da Cunha (industrial); Celestino Fernandes Ramalho (proprietário); João Evangelino Freitas (func publico); Domingos Carreira (industrial); Clotilde Maria da Costa Botelho (doméstica); Carlos Gonçalves Moreira (estudante universitário); Alfredo Ramos Mamede (encarregado comercial); Fernando António A. Gonçalves Moreira (eng quimico); António Saraiva Dias (emp. escritório); Manuel Lopes Ferreira (industria; de relojoaria); António de Sousa (operário têxtil); João Joaquim Martins dos Santos (emp comercial); Julio Silva Ribeiro (emp. comercial); Alexandre Vieira Soares (operário); António Fernandes da Costa (operário); José F Silva (emp. escritório); Joaquim Manuel Ramalho Santos (picheleiro); António da Silva Marques (proprietário); Maria Célia Pontes (estudante)

2. — Realizou-se ontem, em Santo Tirso, uma reunião democrática com vista ao desenvolvimento da organização concelhia e preparação da próxima campanha eleitoral. Após uma completa troca de informações, foi decidida a realização nos próximos dias de uma reunião ampla de democratas Oportunamente informaremos sobre a identidade dos democratas que integram a comissão concelhia de Santo Tirso e as comissões de freguesia a ela ligadas

3. — Convidam-se todos os democratas residentes na freguesia do Bonfim a comparecerem na sede distrital da Comissão Democrática do Porto pelas 21 e 30 de hoje, a fim de se ampliar a comissão eleitoral de freguesias e preparar a sua competente legalização

4. — Os democratas que apoiam as candidaturas do dr Armando Bacelar, dr Armando de Castro, Francisco Hortas, João Maia, Joaquim Felgueiras, dr. José Cardoso, dr. Teixeira de Sousa, Papiniano Carlos, eng.º Virgínia Moura e Zeferino Coelho tomaram a iniciativa de organizar a comemoração condigna da gloriosa data de 5 de Outubro. Convidam-se «todos» os republicanos e democratas do nosso distrito a associarem-se á organização destas comemorações, para as quais estão desde já previstas as seguintes cerimónias para o próximo dia 5: ás 11 horas, romagem ao túmulo dessa inolvidável figura da Republica que foi o dr. António Luís Gomes, bem como ao de outros destacados democratas, e ao monumento aos mártires de 31 de Janeiro no cemitério do Prado do Repouso; romagens nas várias sedes dos concelhos do distrito do Porto aos túmulos dos mais destacados republicanos e democratas falecidos; sessão publica comemorativa, á noite na cidade do Porto.»

O comunicado inclui uma lista de doze adesões

A PARTICIPAÇÃO NACIONAL NO CONSÓRCIO ZAMCO ATINGIRÁ MAIS DE 2450 MIL CONTOS

A participação nacional no consórcio Zamco (constituído para a execução do empreendimento de Cabora-Bassa) foi um dos temas abordados hoje numa reunião do secretário-geral daquele consórcio, dr Mário Ferreira, com representaates da Imprensa. Na reunião, em que estiveram ainda presentes os drs Pedro Reis adjunto do dr. Mário Ferreira e Fernando Cruz, consultor jurídico da ZAMCO, foram ainda abordados aspectos relacionados com o início dos trabalhos contratos de pessoal metropolitano e situação de firmas alemãs, membros do consórcio

O dr Mário Ferreira acentuou que a ZAMCO dispensou particular atenção á participação portuguesa no empreendimento, a qual será certamente da ordem dos 2 milhões e 450 mil contos distribuídos por mão-de-obra local metropolitana, subempreitada de construção civil, industria metalo-mecanica outras industrias, transportes, seguros, combustível, outros produtos, matérias e serviços

Essa participação ultrapassará largamente o montante acima mencionado se atendermos aos fornecimentos de cimento e á participação da industria portuguesa de condutores alumínio-aço, podendo atingir o quantitativo de 4 milhões de contos.

Papel preponderante está reservado ainda á Banca Portuguesa que, por sua conta, assegurará um financiamento da ordem de 1 milhão e 700 mil contos para a execução do projecto.

Dois mil metropolitanos para Cabora-Bassa

Por outro lado, o dr. Mário Ferreira disse ainda que a Zamco tem estado particularmente atenta quanto à participação da mão-de-obra nacional, prevendo-se que, para já, 2000 metropolitanos se instalem em Cabora-Bassa. Os contratos a firmar prevêem a deslocação á Metrópole, por conta da Zamco, de 18 em 18 meses de todos os metropolitanos que forem trabalhar no grande empreendimento.

Quanto ao início dos trabalhos: sabe-se já que será em 1 de Outubro, prevendo-se que, a partir de 15 do mesmo mês, se entre em ritmo acelerado

A Zamco é actualmente constituída por 19 empresas, das quais três sul-africanas, cinco alemãs, nove francesas, uma portuguesa (Sorefame) e uma italiana

JURAMENTOS DE BANDEIRA

No Regimento de Infantaria n. 5

CALDAS DA RAINHA, 25 — Realizou-se hoje, de manhã o juramento de bandeira do 3.º turno deste ano do curso de sargentos milicianos do Regimento de Infantaria 5

As cerimónias começaram ás 10 horas com a formatura da guarda de honra ás entidades oficiais convidadas pelo comando.

Seguiu-se a formatura geral dos 1200 soldados alunos, sob o comando do segundo-comandante da unidade major Manuel José Morgado.

Após a continência á bandeira nacional, o tenente miliciano Vinagre pronunciou uma alocução e o capitão Isaac leu os deveres militares.

Seguidamente, o comandante, coronel Giacomino Mendes Ferrari, procedeu á imposição de condecorações por feitos no Ultramar e de exemplar comportamento a cinco oficiais e nove sargentos.

Seguiu-se a distribuição de prémios aos soldados recrutas do curso de sargentos, com melhor classificação.

Os recrutas desfilaram depois perante o comandante da unidade e o batalhão de instrução percorreu a cidade.

No Regimento de Infantaria n.º 14

VISEU, 25 — Celebrou-se no Regimento de Infantaria 14, a cerimónia do juramento de bandeira pelos novos recrutas. Assistiram, além dos srs. governador civil e presidente do Município, diversas entidades. Junto do monumento aos Mortos da Guerra, o sr. eng. Engracia Carrilho e o comandante do regimento, sr. coronel José Manuel Castanha, colocaram flores e o capelão rev. Coelho celebrou missa campal.

Seguiu-se o juramento, tendo o sr. capitão Mano Soares lido a fórmula dos deveres militares; o sr. major Agostinho Gama, o juramento — aproveitando para dizer algumas palavras de despedida ao sr. coronel Castanha que foi colocado em Lisboa.

O sr aspirante miliciano Machado da Mota fez uma exortação patriótica aos soldados

Foram distribuidos prémios aos recrutas e o batalhão desfilou, sob o comando do sr capitão Mano Soares perante as autoridades. No final, o sr tenente António de Almeida, por delegação do seu comandante, foi depor um ramo de flores no monumento a Viriato

Na Escola da Armada

VILA FRANCA DE XIRA, 25 — No Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, realizou-se hoje a cerimónia do juramento de bandeira dos 718 recrutas, voluntários e alunos da Reserva Marítima, que constituem o 4.º turno da incorporação de 1968-1969

A cerimónia presidiu o comodoro Soares Branco, superintendente dos Serviços do Pessoal da Armada, interino, que foi recebido naquele Grupo de Escolas pelo 1.º comandante, capitão-de-mar-e-guerra Fragoso de Matos, oficiais que ali prestam serviço e outras entidades da Armada.

Na parada, onde se encontrava formado o batalhão de alunos sob o romando do director de instrução, capitão-tenente Vasconcelos Castelo, e perante a assistência das entidades referidas e numerosas famílias dos alunos, foi proferida, pelo secretário escolar, 2.º tenente R. N. Sousa Santos, uma alocução alusiva ao acto e procedeu-se á distribuição de vários prémios escolares.

Seguiu-se a leitura dos deveres militares e a ratificação do juramento de bandeira, após o que o batalhão de alunos desfilou em continência.

A cerimónia terminou com demonstrações de manejo de arma, preparação física e luta de dfesa e ataque, em que tomaram parte todos os alunos que constituem o batalhão escolar.

Dez grupos no Concurso de Arte Dramática

Foram seleccionadas para a fase final do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio e Grupos Dramáticos Independentes, organizado pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo, os seguintes grupos dramáticos:

Grupo de Teatro dos Estudantes do Instituto Industrial do Porto com a peça «Antígona», traduzida e adaptada por António Pedro; Associação Recreativa Aurora da Liberdade, de Matosinhos, com a peça «A promessa», de Bernardo Santareno; Grupo Mérito Dramático Avintense, de Avintes, Gaia, com a peça «Albergue nocturno», de Máximo Gorki; Círculo de Teatro de Aveiro, com a peça «O inspector-geral», de Nicolau Gogol e tradução de Orlando Neves; Mem Martins Sport Clube, de Mem Martins, com a peça «Quando a verdade mente», de Costa Ferreira; Grupo Mérito do Sport União Sintrense, com a peça «Duas causas», de Alberto Morais e Mário Duarte; Progresso Clube, do Algueirão, com a peça «Os primos Basílios», de Abreu e Sousa e Ascensão Barbosa; Grupo Dramático e Cultural de Aveiras de Cima, com peça «O gebo e a sombra», de Raul Brandão; Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, com a peça «Topaze», de Marcel Pagnol; Grupo «Amigos de Portimão», com a peça «Sabina Freire», de Manuel Teixeira Gomes.

A fase final realiza-se em Lisboa, no Teatro da Trindade, de 16 a 25 de Outubro.

Álvaro Cunhal conferenciou com Brejnev

MOSCOVO, 25 — (A. N. I.) — O chefe do Estado comunista Soviético, Leónidas Brejnev, conferenciou ontem com o secretário-geral do clandestino partido comunista português, Álvaro Cunhal — anuncia hoje a «Pravda».

Na reunião — acrescenta a notícia — também participou Boris Ponomarev, secretário da comissão central do Partido Comunista da U. R. S. S.

Comunicado do C. D. E. do distrito de Évora

Da Comissão Democrática Eleitoral de Évora recebemos o comunicado que a seguir publicamos:

«Na sede da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Évora, na Travessa do Cavaco, 23, Évora, reuniu-se ontem o Secretariado, que apreciou a decisão do Município de não ceder o Teatro Garcia de Resende para sessões de propaganda dos candidatos oposicionistas O Município fundamenta a sua resposta negativa numa das instruções recentemente distribuídas aos governadores civis a observar durante o período da campanha eleitoral, a qual afirma:

«Utilização de edifícios publicos — Não devem ser cedidos para fins de propaganda eleitoral, em virtude da perturbação que daí pode resultar para a sua utilização normal, os edifícios e recintos pertencentes a entidades publicas»

ESCLARECIMENTO DO SINDICATO DOS JORNALISTAS

O Sindicato Nacional dos Jornalistas pediu-nos a publicação do seguinte esclarecimento:

«A Direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas tem verificado que nas comissões e adesões relacionadas com o próximo acto eleitoral figuram muitas pessoas que apresentam como profissão a de jornalista, embora os seus nomes não constem dos registos deste organismo, que é o único órgão representativo da Classe.

Esclarece que, a partir desta data, será obrigada, como tem feito em casos semelhantes, a tomar providências para evitar o uso indevido do título de jornalista. Esclarece ainda, a propósito, que, como é evidente, esta tomada de posição não envolve qualquer critério valorativo das individualidades em causa, até porque há jornalistas, sócios do Sindicato, entre os participantes na actual campanha eleitoral».

Curso de Pneumonologia

De 3 a 8 de Novembro, vai realizar-se na Faculdade de Medicina de Lisboa, o 3.º Curso de Pneumonologia para pós-graduados, promovido e organizado pela Clínica de Doenças Pulmonares daquela Faculdade, de que é director o prof. Tomé Vilar.

As inscrições podem fazer-se no Serviço de Doenças Pulmonares do Hospital de Santa Maria, piso 8.

POLÍGONO DE ACÚSTICA SUBMARINA DOS AÇORES

O ministro da Defesa, general Sá Viana Rebelo, visitou esta manhã a Direcção do Polígono de Acústica Submarina dos Açores, instalada na Guia, em Cascais.

Acompanhavam-no o secretário-adjunto da Defesa, contra-almirante Sequeira Araújo, e o comandante Gomes Trindade, seu chefe de gabinete.

Aquele membro do Governo foi recebido pelo representante do Governo português na Direcção do Polígono, comandante José de Ataíde, pelo dr. Wilcox, em representação do Governo americano, pelo capitão-tenente administrativo da Direcção, e restante pessoal em serviço.

Como se sabe, o Polígono de Acústica Submarina dos Açores é um empreendimento em que se encontram directamente envolvidos oito países da OTAN, a saber: Portugal, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Holanda, Alemanha Ocidental e Canadá.

A Direcção, cujas instalações o ministro da Defesa visitou, estabelece a ligação entre o Governo português e o Polígono, cujo laboratório de acústica submarina se encontra instalado na ilha de Santa Maria.

EMBAIXADOR DO CANADÁ

O Chefe do Estado recebe, amanhã, ás 11 horas, no Palácio Nacional de Belém, em audiência solene, o embaixador do Canadá, para entrega de credenciais.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

VARIEDADES TELE-RITMO

Pelas 22 e 05, apresenta-se o 2.º programa desta série com a participação de Dalida, Ballet Sul-Americano, Tá-Mar da Nazaré, o guitarrista Carlos Paredes e o violista Fernando Alvim, Trio Bossa-Jazz, Elsa, Luís Duarte, Emotion, Orquestra sob a direcção de Jorge Costa Pinto. Apresentação de Maria Fernanda e Carlos Cruz. Chefe de produção Mello Pereira. Cenografia de António Casimiro. Realizador Luís Andrade.

Vamos ver e ouvir Carlos Paredes, logo no Tele-Ritmo pelas 22 e 05

ACTUALIDADE DESPORTIVA

Com comentários de Alves dos Santos apresenta-se nesta rubrica os resumos filmados dos jogos de futebol ontem disputados entre as equipas do Sporting Club de Portugal - LASK da Austria, e do Porto - Hvidovre, jogos das primeiras mãos, primeiras eliminatórias da Taça das Cidades com Feira.

Sangue na Estrada

Joaquim Filipe Nogueira volta aos pequenos «écrans», apresentando mais uma edição do seu programa todo dedicado aos problemas da segurança rodoviária.

Rádio

PROGRAMAS PARA HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Separador; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 16.º Episódio do Folhetim «A Mão e a luva»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: A orquestra Duke Elligton; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 0 e 50: 1 Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 1.º Acto da ópera «D. João» (Mozart); 18: Musica do século XX; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica de Santa Maria (Açores), recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de tecla — Obras de Bach e Prokofieff — solistas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Missa «Ave Domine Jesu Christe» (Monteverdi) — solista, Coro «Os Cantores de Santo Eustáquio», dirigido por Emile Martin; 21: Parte de um Concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional, dirigida por Franco Mannino, realizado no Cinema Tivoli em Lisboa — Obras de Mozart e Mannino; 21 e 20: Poema Nostalgico (Luis Minaya) — Manuel Carrion (guitarra clássica); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata em lá menor «Arpagione» (Schubert) — solistas; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: O pianista Wilelm Kempff — na execução da Sonata opus 24, em lá menor (Schubert); 23 e 30: Concerto pelo Coro e Orquestra Sinfónica da RAI de Turim, sob a direcção de Claudio Abbado; 0 e 20: Variações sobre um tema de Frank Bridge (Britten); Orquestra de Câmara do Festival de Bath, dirigida por Yehudi Menuhin; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m 665 kc/s. — Às 19 e 12: Recital; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Elo e o seu mundo; 18 e 15: Canções do acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos...; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02; Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Bando sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar—383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20; Rabbalac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Orquestras; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Suplemento especial; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

II PROGRAMA

«Cinema no Mundo», «Danger Man» e «Imagens da Poesia Europeia»

Repete-se, pelas 21 e 30, a rubrica «Cinema no Mundo», apresentado há dias na rede Nacional. É um programa de Baptista Rosa, com variadíssimas rubricas de grande interesse.

Seguir-se-á às 22 e 25, um filme da série «Danger Man» e às 23 e 15, também em repetição o programa «Imagens da Poesia Europeia» pelo dr. David Mourão-Ferreira.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Abertura; 19 e 2: Desenhos animados; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Actualidade desportiva; 20 e 10: Sangue na Estrada; 20 e 30: Parada da Industria; 21: Telejornal; 21 e 35: Olho Vivo; 22 e 5: Tele-Ritmo; 28 e 15: Reportagem do exterior; 24: Marcha do Muncho e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Cinema no Mundo; 22 e 25: Danger Man; 23 e 15: Imagens do Poesia Europeia; 23 e 30: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 2: Juventude no Mundo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida sã em corpo são; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 35: Conheça o Portugal desconhecido; 21: Telejornal; 21 e 35: Convergência; 22 e 10: Noite de Cinema «Tenacidade»; 23 e 55: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim — «Sebastião entre os homens»; 21 e 55: «Zip-Zip»; 23 e 50: Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

UM PROGRAMA QUE NÃO DÁ FAMA

Ninguém sabe como vai ficar o programa feminino no mapa de inverno que se aproxima. Aqui para nós, é um programa em cujo melhoramento não ponho muita esperança. E bem preciso era, caramba, oh, se! Isto assim como vai não aproveita a ninguém. Aliás, o desânimo invadiu as hostes femininas. O que se faz ali, é por rotina. É um tique. É um sim porque sim. É encher dias.

Nas modas, Sandra apresentou umas calças de linha bastante «évasée» e que servem para tudo, para prático para solene, etc. Até servem para quando uma senhora *«tem de fazer compras na Baixa»*, porque *«fica elegante e sóbria para fazer as suas compras»*. A novidade consiste no facto de se fornecer o molde das calças a quem o pedir para a R.T.P., a qual parece disposta a contribuir para a beleza, a modernização e a moralização do vestuário. Já agora, e como quem dá o café deve dar o açúcar, podia a R.T.P. oferecer também a fazenda. Era êxito garantido.

Maria Helena veio depois conversar, ou melhor: fazer perguntas a Maria Amélia Damásio, futura enfermeira. As perguntas foram feitas com peso, conta e medida. As respostas também. Algumas, até já se sabiam antes de dadas. Já se conhecia, por exemplo, que a jovem seguira a enfermagem *por ideal, para fazer bem á Humanidade*. Não há dúvida que o ideal é muito bonito; mas ao lado do ideal bonito, há o peixe frito. Quando abandonaremos, para todo o sempre, as respostazinhas convencionais para irmos ao encontro das realidadezinhas bem reais?

O programa feminino encerrou com um florilégio de pensamentos sobre os saldos, colhidos em reportagem pela cidade fora. Opiniões dos saldos, saldos de opiniões? Talvez sim. Mas ainda foi o que de melhor, de mais natural e vivo aconteceu no programa.

O BARBEIRO DE SEVILHA

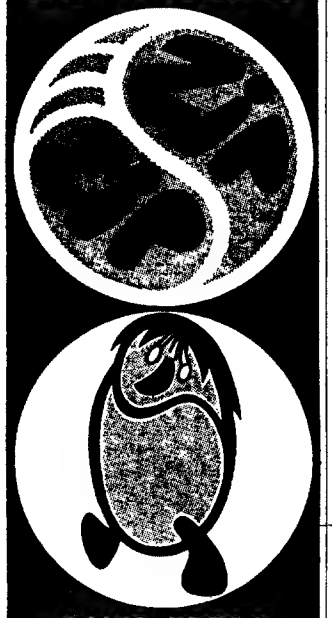
Voltou a ópera. Voltou o «Barbeiro de Sevilha». Voltou Álvaro Malta, substituto (temporário? Definitivo?) de João de Freitas Branco.

Da ópera não há nada a dizer e a respeito da ausência de João de Freitas Branco haverá que dizer ainda muito.

Quanto a Álvaro Malta,

(Continua na página seguinte)

COLCHÕES DE MOLAS



BAIXO PREÇO
ELEVADA QUALIDADE

Dupla Face: Verão/Inverno

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

E. A. MOREIRA & C.ª LDA

MORANGOS E ESPARGOS

Importadores de plantas e garras, lembramos todos agricultores interessados possibilidade de fazerem suas encomendas para virem a ser fornecidos na melhor oportunidade. Possuímos referências das qualidades francesas que distribuímos em todo o País com centenas de milhares unidades vendidas, nalguns casos, apenas a um cliente. Enviamos aos interessados catálogo com indicações do modo de plantar estas muito rentáveis culturas.

MARMOGAL LDA.

Rua Conde Almoster, lote 14-6.º-Esq. LISBOA

ESCOLA NAVAL

CONCURSO PARA A ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Na Secretaria da Escola Naval, Alfeite, receber-se-ão de 1 a 10 de Outubro p. f. os requerimentos acompanhados de toda a documentação necessária para a admissão de 26 cadetes para o curso de Marinha e de 3 cadetes para o curso de Administração Naval.

Poderão concorrer candidatos com as alíneas c) f) e h) do 7.º ano dos liceus; ao curso de Administração Naval poderão também concorrer com a alínea g) ou com o 2.º ano completo do curso de Contabilidade dos Institutos Comerciais.

As condições de admissão constam do Edital enviado aos Colégios, Liceus e Capitanias dos Portos do Continente e Ilhas Adjacentes, onde estão patentes, bem como as minutas dos documentos a entregar. Na Secretaria da Escola Naval prestam-se todos os esclarecimentos das 10.00 às 12.00 horas e das 14.00 às 16.00 horas, em todos os dias úteis excepto aos Sábados.

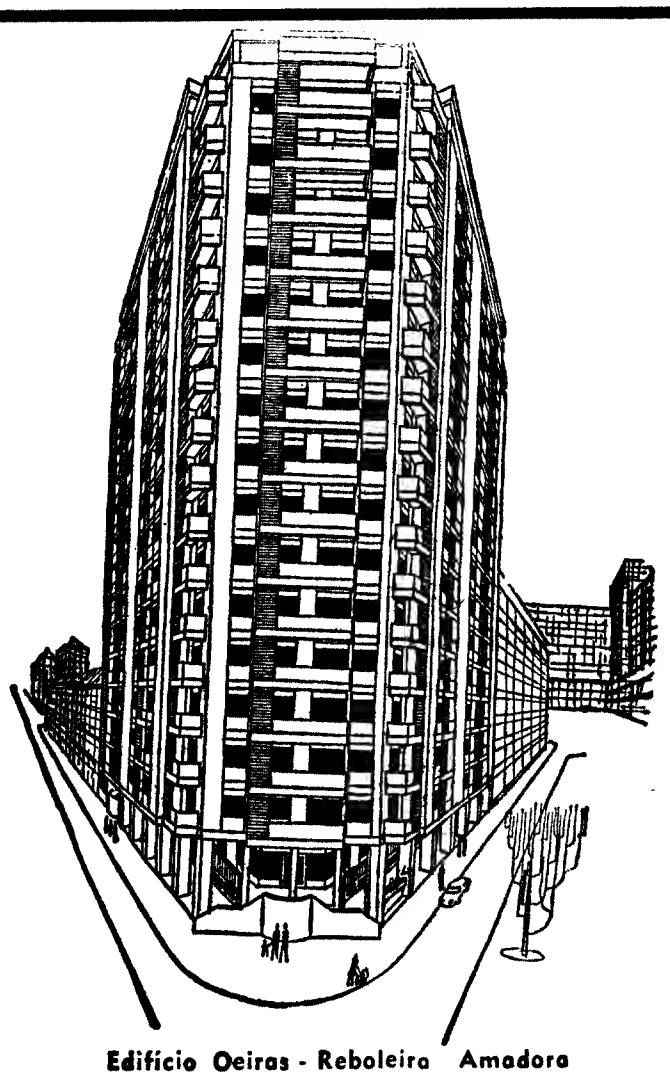
Das condições de admissão, salienta-se que podem ser dispensados das provas escritas os candidatos habilitados com o exame de admissão às Universidades e ainda os que tenham obtido nos respectivos cursos média geral de 14 valores ou superior.

As provas de admissão terão início no dia 13 de Outubro p. f. às 09.00 horas.

Escola Naval, Alfeite, em 22 de Setembro de 1969

O SECRETÁRIO,

António Carlos Sousa da Fonseca
cap. frag. a. n.



Edifício Oeiras - Reboleira Amadora

Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa. Comportará cerca de 200 fogos

compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10%, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

MORADIAS

Encontra V. Ex.ª em Paço de Arcos moradias de luxo prontas a habitar. Em Cascais moradias tipo turístico e em degrau.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, electrodomésticos, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. PIMENTA, na Amadora, na Av. Santos Matos e em Queluz na Rua D. Maria I n.º 30, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

3.000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa

Apartamentos em exposição em Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22 **REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70**

Novo comandante de divisão da P. S. P. de Lisboa

O comandante-geral da P. S. P. acaba de nomear comandante de divisão o capitão António Maia Correia, da arma de Infantaria, recentemente regressado da Guiné.

O capitão Maia Correia já cumpriu, igualmente, comissões de serviço em Angola e Moçambique.

TAUROMAQUIA

121 matadores em Espanha

MADRID, 25 — (A. N. I.) — Manuel Benitez «El Cordobés», é o «diestro» com maior numero de troféus conquistados na presente temporada e Miguel Marquez é o que maior numero de actuações teve até agora. «El Cordobés» cortou 184 orelhas em sessenta corridas, ao passo que Marquez cortou 180 orelhas em 89 corridas.

Os outros três matadores que registam maior numero de corridas e de orelhas cortadas (mais de 100), são os seguintes: Paco Camino, 80 corridas e 111 orelhas, Angel Teruel 71 e 106 respectivamente, e Francisco Rivera «Paquirri», 68 e 104.

Dos matadores estrangeiros com maior numero de corridas, no primeiro lugar está o mexicano Manolo Martinez, «El Mexicano de Oro», com 39 corridas. Seguem-no o português José Falcão, com 27, o venezuelano César Giron, com 20, o colombiano Hector Villa, «El Chano», com 18, o mexicano Alfredo Leal, com 17, «Joselillo de Colombia», com 13, o mexicano António Lomelin, com 11, e o colombiano Efrain Giron, com 9.

O numero de matadores que participaram na presente época, entre espanhóis e estrangeiros, é de 121.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

esbanjando (ostentando?) á-vontade, depois de breve introdução, contou a intriga barbeiral. Contou-a por vezes em discurso directo o que deu ao relato um novo sabor. Saliente-se que arriscou com frequência juízos de valor sobre a interpretação musical e teatral e sobre a encenação. Isso é muito importante como processo educativo das grandes massas telespectadoras, que ainda precisam (e quando!) de um padrão para avaliarem da sua capacidade crítica. De um padrão e de um incentivo. Há que restaurar, entre nós, a naturalidade do exercício da crítica. Restaurá-lo, como passo urgente e fundamental de uma saudável convivência.

M C

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

PRÉDIOS

VENDEM-SE NA AV. GOMES PEREIRA C/ LOJAS E 3 ANDARES DT.º E ESQ.º RENDIMENTO ANUAL 188.040$00 E 181.920$00 COM RENDAS ACTUALIZADAS E ANTIGAS.

TRATA

FERMIN GALLEGO

Av. 5 de Outubro, 23-1.º★Lisboa★Tel. 45934

✝

LÉCTICIA JÚLIA DE ABREU GARCIA DA SILVA

FALECEU

Seu marido Francisco Álvaro Garcia da Silva, sua irmã Eduarda Diniz de Abreu Sarmento, seu marido, filhos e neto, seus sobrinhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã dia 26, ás 11 horas, saindo da sua residência Rua Joseph Black n.º 30, (Alto do Dafundo) para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MAGNO — TELEF. 53 41 67

NITRATOS DE PORTUGAL

S. A. R. L.

Capital Esc. 200 000 000$00

RUA DOS NAVEGANTES, 53 E 48

LISBOA - 2

AVISO

Obrigações de 5 % — 1960
PAGAMENTO DE JUROS

Informam-se os Senhores Obrigacionistas de que o pagamento de juros referentes ao cupão n.º 18, se efectua a partir do dia 2 de Outubro, nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

O valor do referido juro, depois de deduzidos os impostos aplicáveis, é o seguinte:

Esc. 21$80	por cada obrigação nominativa
Esc. 16$95,8	por cada obrigação ao portador (cupão n.º 18)
Esc. 21$51	por cada obrigação ao portador registada (cupão n.º 18)
Esc. 24$79	por cada obrigação averbada ao Fundo de Reserva de Associações de Socorros Mútuos

Lisboa, 23 de Setembro de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Nas CALDAS DA RAINHA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Estabelecimento de Pedro Franco.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

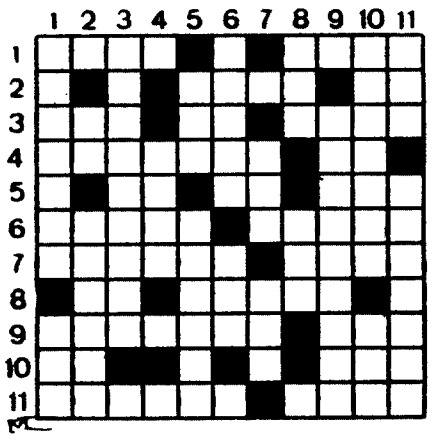
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5309

HORIZONTAIS: 1 — Aparelho de tecer. Sopro brando. 2 — Formoso. Dirigir-se. 3 — Passado. Preposição. Apre! 4 — Estupidos. Preposição. 5 — A ti. Graceja. Interpretas um escrito. 6 — Aliado. Atravesse. 7 — Estampilhara. Infortunio. 8 — Preposição. Expiração brusca, convulsiva e sonora, do ar contido nos pulmões. 9 — Chuvoso. Em as. 10 — Em porções iguais (abrev. quim.) Marteira. 11 — Não mencionam. Alimentaçao.

VERTICAIS: 1 — Mordes. Recusa. 2 — Conceda. Determinavam a grandeza. 3 — Expliquem. 4 — Invisivel. 5 — Governador muçulmano. Espécie de feldspato. 6 — Receio. Preposição e artigo (pl.) 7 — Textualmente. Ermos. 8 — Benigno. Chefe etíope. 9 — Resplandecente. 10 — Segurança. Preposição e antigo (p.) 11 — Reze. Mulher fraca ou inutil.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5308

HORIZONTAIS: 1 — Bem. Perfaça. 2 — Mi. Ru. Ag. 3 — NÃO. Alice. 4 — Roer. HÁ. 5 — As. Dea. Éter. 6 — REGRA. Aia. 7 — QUE. Ameiga. 8 — Urso. Erro. 9 — Ia. Pune. NÃO. 10 — Som. Árabe. 11 — Ter. Use. Ar.

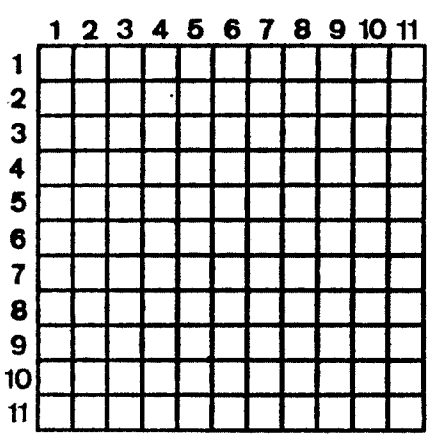
VERTICAIS: 1 — Franquia. 2 — Em. Os. Una. 3 — Mine. Rés. Se. 4 — Arde. Opor. 5 — Pró. Ega. Um. 6 — Eu. Carmen. 7 — Aéreas. 8 — FALHE. Ir. Ré. 9 — Agi. Tagano. 10 — Cheia. Aba. 11 — Ateara. Boer.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9152

HORIZONTAIS: 1 — Rio de Espanha e Portugal. Transferem para outro dia. 2 — Levas a reboque. Despojei. 3 — Elegancia. Deste modo. 4 — Içai. Borracho para vinho. 5 — O lado do vento. Requeimo. Preposição latina que designa movimento. 6 — Cabelos brancos. Base aérea portuguesa. 7 — Indignada. 8 — Peça dos pianos, órgãos harpas, que o executante move com o pé. Uma das ilhas Antilhas Neerlandesas. 9 — Estime. Prefixo que designa ar. Botequim. 10 — Sacar. Encolerizada. 11 — Pedra de altar. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Rente.

VERTICAIS: 1 — Soldado. Pé de animal. 2 — Habitante da Itália. Salvar. 3 — Poço de onde se tira água por meio de engenho. Abandonara. 4 — Residia. 5 — Sufixo que designa estado. Deixara só. 6 — Artigo definido. 7 — Nome de mulher. Tabelião. 8 — Perder a viveza da cor. 9 — Pronome demonstrativo. Estrumar. 10 — Toca apita. Cidade do Irão. 11 — Amimada. Lavras.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9151

HORIZONTAIS: 1 — Cravo. Atrás. 2 — Aoto. Remi. 3 — Serranfamos. 4 — Proas. Niari. 5 — Ia. Zarca. Fa. 7 — Feri. Vime. 8 — Falua. Ataca. 9 — Ir. Amima. Or. 10 — Atar. Cuar. 11 — Ramal. Farra.

VERTICAIS: 1 — Cáspio. Frar. 2 — Roera. Farta. 3 — Atra. Mel. Am. 4 — Voraz. Ruara. 5 — Asariam. 6 — Ar. Im. 7 — Inçavam. 8 — Traia. Itaca. 9 — Rema. Uma. Ur. 10 — Amora. Ecoar. 11 — Sísifo. Arrã.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», na sua edição de 25 de Setembro de 1939, publicava o seguinte anuncio:

NOITES DE INSÓNIA — Excesso de acidez e digestão vagarosa: eis as causas das suas insónias, das noites passadas em claro, que a deixam fatigada e sem energia, tornando-a irritável e de mau humor. Talvez V. Ex.ª tenha comido um alimento pesado e indigesto que, fermentando no estômago, haja provocado dilatações, pesadumes e flatulências. Frequentes vezes os pratos muito temperados produzem um excesso de acidez que irrita a mucosa gástrica. Não hesite: utilize Magnésia Bisurada.

Homenagem
ao chefe do distrito de Coimbra

A Casa da Comarca de Arganil promove, no domingo, uma homenagem ao governador civil de Coimbra, eng.º Horácio de Moura. Às 11 horas, haverá, na sede da colectividade, uma sessão solene, sendo inaugurada uma sala com o nome do homenageado; e ás 13 e 30, no restaurante da Feira Internacional de Lisboa, decorrerá um almoço.

VIDOR
a pilha inglesa de qualidade

«CONHEÇA A CURIA»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

LÍNGUAS=
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:
RUA MARQUES SA DA BANDEIRA, 16
(Junto à estação do Metro de S. Sebastião)
Tels. 51496 - 534054 - 534062

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA DAS FEIRAS

ESTA VALSA ESTÁ DANÇADA

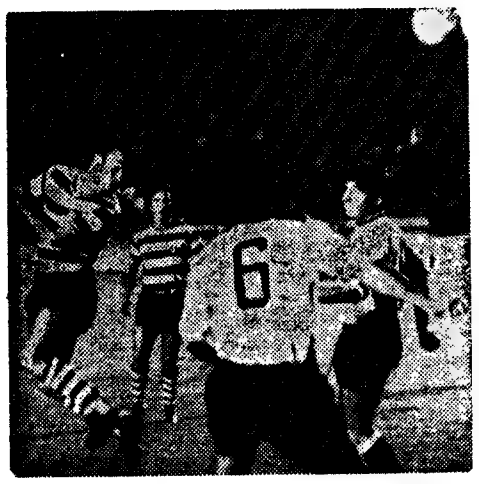
• Ao vencer os austríacos do LASK por 4-0, o SPORTING quase garantiu a passagem à segunda eliminatória

É caso arrumado. Por muito que se atenda à tal «gloriosa incerteza do desporto», mesmo lembrando célebres façanhas de recuperação imprevistas, não é crível que esta equipa austríaca do Lask possa recorrer da sentença de eliminação, ontem à noite proferida no Estádio José Alvalade. E mais assim é porque, além da vantagem de quatro golos alcançada pelo Sporting, a equipa portuguesa terá no segundo jogo, como teve no de ontem, a vantagem fundamental: a de jogar muito melhor.

O Sporting já pode pensar no seu próximo par. A valsa (austríaca) não terminou, mas quase.

★

Jogar muito melhor, é o que o Sporting está a fazer, não apenas em relação a adversários austríacos de categoria mediana, mas também em relação às suas próprias exibições nas últimas temporadas. É evidente que a equipa está totalmente transformada, nos seus processos, na sua capacidade de jogar em conjunto, na confiança e na condição física dos seus jogadores. Poderá ter (que equipa as não tem?) algumas oscilações ou quebras de «forma» ao longo da época, mas já nada destruirá a conquista do mais difícil que é o enraizar



O PRIMEIRO TENTO DOS «LEÕES» — Pedras (de cabeça) empurra a bola para o fundo das redes contrárias. Peres, Vicheel e Vielbbock estão fora da jogada

num grupo um estilo próprio, uma «personalidade futebolística», a consciência plena do que há a fazer, e como se há-de fazer, para as duas acções que comandam o jogo: defender a sua baliza e atacar a do adversário.

O que mais impressiona, neste Sporting que o treinador Fernando Vaz, num golpe surpreendentemente rápido, tirou da manga da sua experiência e ciência do jogo, é justamente a forma como essas preocupações são constantes e comandam todos os movimentos colectivos. Bola em poder do adversário — e aí está todo o «onze» a colaborar no esforço deguerrear a ameaça, começando a defender muito longe da sua baliza, antes que sejam chamadas à liça os defesas, propriamente ditos. E uma vez conquistada a posse da bola, não há tardanças nem hesitações, é todo um *assalto*, rápido, vigoroso, a caminho do golo. E o

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

Sporting marca como há anos não fazia; por outro lado, nos quatro jogos oficiais desta temporada, o guarda-redes Damas não foi batido uma vez sequer.

Para este estilo de jogo, em que se pede a aplicação e o interesse de todos a todo o instante, é indispensável uma boa resistência física e um alegre entusiasmo. A equipa do Sporting possui ambas as qualidades, a tal ponto que não vemos de momento outra que melhor possa utilizar as grandes armas do futebol que são o movimento e a desmarcação.

Desmarcar-se para marcar, parece ser a divisa que comanda todo o futebol atacante dos «leões». E como há sempre vários jogadores em corrida, na procura dos *espaços vazios*, no chamado *jogar sem bola*, há a efectiva possibilidade de jogar em conjunto e em progressão — coisas que muitas vezes é difícil encontrar de braço dado.

Para além destas qualidades, de natureza física e anímica, há um jogo disciplinado pelo entendimento entre os jogadores, os lances que se fazem com a segurança que vem de muitos «ensaios», os ardis tácticos que têm como melhor exemplo o aparente abandono do flanco direito do ataque — para subitamente se desferir por aí o golpe, através de Pedro Gomes, quase sempre.

Foi ontem a primeira vez que vimos o Sporting, em jogo inteiro, nesta temporada, e se bem que a equipa tenha tido alguns breves períodos de menos acerto, confirmou, sem dúvida, o rótulo de «novo» que lhe tem sido aplicado.

★

É verdade que o Lask está longe de ser uma boa equipa. Mas sabemos todos que muitas vezes um grupo manifestamente inferior consegue levar a água ao seu moinho, quando os seus propósitos são quase exclusivamente defensivos e as suas ambições não vão além do empatar ou «perder por poucos». Pois era uma destas duas coisas, de certeza-certezinha, que os austríacos traziam no pensamento. A verdade é que, a perderem por 0-1 até o jogo ter uma hora de vida, eles pareceram bem encaminhados para conseguir os seus intentos. Só que esse magro golo era vantagem irrisória, relativamente à supremacia sportinguista, que não se cansara de martelar uma defesa de certo modo tosca, mas suficientemente numerosa para ir, de qualquer modo, impedindo os remates de perto ou a passagem da bola.

O QUARTO GOLO DO SPORTING — Lourenço toca a bola para a rede do Lask, sob as vistas de Màrinho

Ao fim e ao cabo, não foi possível aos austríacos evitar a derrota por números decisivos, mas conseguiram — isso sim — anular os melhores lances de futebol. Por ironia das coisas, os quatro golos não tiveram beleza, o ar de ponto final em jogadas de bom conjunto como várias teve a turma sportinguista.

Repare-se, porém, neste pormenor: os dois primeiros tentos foram marcados de cabeça e por jogadores de «meio-campo» que oportunamente «apareceram» na frente: Pedras (1.º golo) para atirar para a baliza que Harreiter abandonara, a bola que subira depois de um ressalto do corpo do mesmo Harreiter, junto ao seu poste esquerdo; e Gonçalves (2.º) a cabecear com subtileza, no seguimento de um «canto» apontado por Peres.

Quer isto dizer — isto e o facto de Pedras ter sido o mais frequente rematador da equipa — que o Sporting tentou ladear a dificuldade criada pela tentativa de cerco aos seus avançados. Avançou outros...

O terceiro tento marcou-o Peres de «penalty» (derrube a Nelson, que fintara dois defesas e se avizinhava da baliza) e o quarto terminou num confuso saltar e ressaltar da bola, de avançados para defesas, e vice-versa, até que Lourenço a expediu para o ponto mais indicado.

O desafio, ao fim e ao cabo, quase não passou de um monólogo sportinguista. De tal modo que o guarda-redes Damas não fez o que possa chamar-se uma defesa, isto porque os contra-ataques austríacos morreram, de morte natural, nos pés dos defensores. É natural porque, embora o avançado-centro Wieger e o extremo-esquerdo Medvir se mostrassem hábeis, esbarraram contra a força da defesa do Sporting, contra a sua inferioridade em número e também contra a emprecisão dos seus movimentos de conjunto. Muita coisa junta para dois ou três homens só.

Uma «injustiça» da partida foi a de Nelson não ter marcado um único golo — ele que esteve nos lances de melhor futebol, que desconcertou a defesa austríaca com o seu drible «gingão». Também Gonçalves, Pedras, Pedro Gomes (meio defesa, meio avançado...) e Peres se evidenciaram na maré alta do porfiar sportinguista.

O árbitro, «mister» Smith, é inglês. Ora se as regras do futebol são as mesmas em toda a parte, não deixa, porém, de haver critérios diferentes, conforme a nacionalidade do dono do apito. Sendo o senhor Smith inglês, ninguém poderia esperar que ele não arbitrasse à inglesa, isto é, com uma certa liberalidade para o contacto físico, mesmo aparatoso, mas sem violência perigosa, ou clara infracção às regras. Muitos dos nossos espectadores se escandalizam ainda ante o aparato de uma queda ou a dureza de uma carga, em todo o caso legal. Por outro lado, certas coisas que no nosso futebol se aceitam com certa naturalidade (por exemplo, «placar» um adversário ou agarrá-lo pela camisola) são das mais detestadas e censuradas em países onde o futebol é mais «duro» do que em Portugal.

O trabalho do sr. Smith não foi perfeito, mas inteiramente aceitável. O «penalty» do 3.º golo do Sporting foi indiscutível. Se tivesse marcado outros que alguns espectadores lhe «pediram» — teriam sido mais que discutíveis.

QUATRO GOLOS
QUATRO MARCADORES

Jogo no Estádio José Alvalade, arbitrado pelo inglês T. N. Smith.

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, Caló e Hilário; Gonçalves e Pedras; José Morais, Màrinho, Nelson e Peres.

LASK — Harreiter; Kaiser, Sturmberger, Leitrer I e Viebock; Vichiel e De Bubernik, Wendinger, Wieger, Leitrer II e Medvir.

Substituições: na equipa austríaca, Wurdinger por Bauer (no início da segunda parte) e Leitrer I por Chico (a 2 minutos do fim); no Sporting, José Morais por Lourenço (68 minutos).

Golos: Pedras, aos 8 minutos, Gonçalve aos 60, Peres de «penalty» aos 72, e Lourenço aos 75.

Resultado final: Sporting, 4 - Lask, 0.

ATLETISMO NO BENFICA

No domingo, dia 28 (ás 10 horas) e na quarta-feira, dia 1 de Outubro próximo (ás 21,30 horas), realizam-se nas instalações do Sport Lisboa e Benfica, no Campo Grande, torneios de captação para sócios e simpatizantes de idade superior a 10 anos que desejem praticar atletismo.

PESCA DESPORTIVA

O Grupo Desportivo e Recreativo da Casa Hipólito (de Torres Vedras) vai levar a efeito no próximo dia 28 do corrente o seu segundo «Concurso de Pesca Desportiva de Mar» (para trabalhadores).

Disputam-se dezenas de troféus entre eles a taça «Comendador Hipólito», cujo valor ultrapassa uma dezena de contos.

Como no concurso anterior, espera-se elevado número de presenças.

PERIGO — Atribulação para as malhas austríacas, com este «tiro» de Nelson

ALFREDO (VITÓRIA DE SETÚBAL): TRÊS JOGOS DE SUSPENSÃO

O Conselho de Disciplina da F. P. F aplicou os seguintes castigos:

Repreensão por escrito — Carlos Baptista da Silva, do Sp. de Braga, por incorrecção para com o árbitro, no jogo com o V. Setúbal; Manuel Martins de Sousa, do V. Guimarães, pelo mesmo motivo, no jogo com o Leixões e José Augusto Costa Sénica Torres, do Benfica, pelo mesmo motivo, no jogo com o Belenenses.

Leandro Fernandes Monteiro, do Sp. Espinho, por desrespeito para com o árbitro, no jogo com o Salgueiros; Manuel Martins da Silva, do Vizela, por incorrecção para com o árbiro, no jogo com o Gouveia; Arménio Alberto, da Sanjoanense, pelo mesmo motivo, no jogo com o Académico de Viseu, e Augusto Esteves Durand, do Luso, pelo mesmo motivo, no jogo com o Atlético.

Um jogo — Jaime Marques Mena Pavão, do Benfica, por atitude incorrecta para com o árbitro, no jogo particular com U. Leiria.

Um jogo — João Manuel Santos, do Luso, por incorrecção (agravada) para com o árbitro, no jogo com o Atlético.

Três jogos — Alfredo Teixeira Moreira, do V. Setúbal, por agressão a um adversário, no jogo com o Sp. de Braga.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA DAS FEIRAS: HVIDOVRE, 1 - F. C. PORTO, 2

O PÚBLICO DINAMARQUÊS APLAUDIU HELDER ERNESTO

COPENHAGUE, 25 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — Indiscutível a vitória que os portugueses do F. C. Porto conseguiram ontem nesta cidade, diante do Hvidovre, em jogo da «Taça das Feiras».

Na verdade, foi a vitória da equipa mais bem estruturada, da que mais se notabilizou nos pormenores técnico-tácticos do jogo.

Os dinamarqueses foram os primeiros a marcar, mercê de um «penalty» que se afigurou justo, ainda que os portugueses o contestassem com certa vivacidade.

Mas, tecnicamente subjugados, os homens do Hvidovre acabaram por capitular, com a maior naturalidade, de nada lhes valendo o ânimo posto na luta nem a sua supremacia no aspecto atlético.

Os portugueses fizeram-se também valer da maior velocidade que imprimiram aos lances, mormente os que respeitavam aos contra-ataques, gizados com argúcia, e os quais sobremaneira causaram a perturbação entre as hostes adversárias, recheadas ainda de elementos ingénuos nestes hodiernos pormenores da ofensiva.

Tiveram os visitantes na dianteira um elemento que se distinguiu a grande altura, não só porque jogou mas também porque marcou os dois golos da sua equipa. Referimo-nos ao Helder Ernesto (que nos disseram ser ex-junior) o qual actuou como gente adulta, discernindo os lances a executar e espreitando os momentos favoráveis para com decisão alvejar as redes. O seu primeiro golo resultou de um portentoso «livre» desferido de fora da grande área. Um golo verdadeiramente espectacular que o público recebeu com uma ovação, este golo fez com que os dinamarqueses começassem a duvidar das próprias possibilidades ante uma equipa manifestamente superior em todos os capítulos do jogo.

Diga-se, no entanto, que tal domínio não tem o devido correspondente na execução do remate-grande pecha da avançada do Porto.

Nos primeiros 30 minutos, os portugueses tiveram flagrante ascendência que nunca perderam, embora menos nítida, mesmo quando sofreram o golo de «penalty».

E só na segunda parte puderam construir o seu merecido triunfo, graças ao jovem Helder Ernesto — o único que desferiu uns quantos remates perigosos, dois dos quais coroados de êxito. Como de costume, a marcação dos golos, em tais circunstâncias, traduz, igualmente, a valia da exibição de quem os conseguiu.

Tudo — ou quase tudo — os portugueses fizeram bem. Bola rasa, lance bem pensado, desmarcações hábeis, predomínio a meio-campo, segurança na defesa. Apenas no remate as coisas não lhes correram com a mesma clarividência e perfeição.

Em suma, e para terminar: Não está, nem por sombras, em causa do mérito do triunfo alcançado pelo grupo português, que no Porto, no jogo da segunda «mão» terão, naturalmente, o ensejo de ampliar e valorizar com uma exibição de maior apuro, técnico ainda.

A vitória de ontem foi alcançada fora de casa — e, assim, em competições deste género, quase sempre árduas, no que respeita a deslocações, justifica ainda mais elogiosas referências. Porque a mudança brusca de ambientes — alguns plenos de ineditismo — é, por vezes, a grande responsável pelos resultados surpreendentes.

SUSTO — Para os dinamarqueses, Nóbrega foi uma permanente ameaça, uma «fábrica» de sustos...

«CAPITÃO» — Por ausência de Rolando, o cargo de capitanear a turma do Futebol Clube do Porto pertenceu a Pavão

UM «BIS» DE HELDER ERNESTO

HVIDROVE — Hildebrandt; Larsen, Bjarne Jensen, Claus Petersen e Kaj Petersen; Espen Petersen, Soerensen e Olsen; Steen Petersen, Birger Petersen e Joergergen Petersen.

F. C. PORTO — Aníbal; Gaulter, Vieira Nunes, Valdemar e Sucena: Helder Ernesto e Pavão; Lisboa, Ronaldo, Pinto e Nóbrega.

Árbitro — Curt Nystrand (Suécia).

GOLOS — Soerensen (29 m.), de grande penalidade, e Helder Ernesto (62 e 70 m.).

FUTEBOL EUROPEU

Resultados de outros desafios de futebol a contar para os torneios europeus:

TAÇA DOS CAMPEÕES
Real Madrid, 8 - Olympiakos, 0.
Avenir Bezgen, 0 - Milan, 3.

TAÇA DAS FEIRAS
Zagreb, 1 - Charleroi, 3.
Lierse, 1 - Apoel, 0.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

C. F. «OS BELENENSES»

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA AVISO CONVOCATÓRIO

CONVOCO A ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA a reunir, em 3 de Outubro próximo, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos Náuticos, a Belém, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Elevar á categoria de «SÓCIOS HONORÁRIOS», S. Excelência o PRESIDENTE DO CONSELHO, Senhor Professor Doutor Marcello José das Neves Alves Caetano, e o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Senhor General António Victorino de França Borges, pelos altos serviços prestados ao Clube.

2.º — Distinguir os sócios que perfazem 25 anos de associados.

3.º — Eleger o Presidente da Comissão Directora do Estádio, Ex.mo Senhor Capitão Francisco Soares da Cunha, consoante proposta da Junta Directiva do Clube.

4.º — Apreciar uma exposição sobre a actual situação do Clube, a fazer pelo Presidente da Junta Directiva.

Se á hora designada não estiver presente o numero de associados para que a Assembleia possa funcionar, reunirá esta uma hora depois, com qualquer numero de sócios presentes.

Lisboa, 23 de Setembro de 1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Taça dos Campeões Europeus: Sporting-Sittardia (Holanda), no Pavilhão dos Desportos, ás 22 e 30.

MOTORISMO — Fecho das inscrições para o III «Rallye» Internacional da TAP.

TÉNIS DE MESA — Encerramento das inscrições para as Taças Imprensa, na Associação de Lisboa, ás 22.

ATLETISMO NO BELENENSES

A secção de atletismo do Clube de Futebol «Os Belenenses» organiza no próximo domingo, 28 do corrente, pelas 10 horas, no Estádio do Restelo, mais um torneio de captação para sócios e adeptos da colectividade.

LISBOA CLUBE RIO DE JANEIRO

No Lisboa Clube Rio de Janeiro encontram-se abertas as inscrições para as seguintes modalidades: Pugilismo, Ténis de Mesa, Andebol e Futebol (categorias de juvenis, juniores e seniores).

«TAÇA DA EUROPA», EM ANDEBOL

Sporting-Sittardia:

esta noite, no Pavilhão dos Desportos

A equipa do Sporting, que hoje às 22 e 30, defronta no Pavilhão dos Desportos, o H. V. Sittardia (encontro da primeira «mão» da Taça da Europa, em andebol de sete) realizou ontem o seu derradeiro treino. No decorrer da sessão, verificámos reinar excelente disposição e esperança num bom resultado, conforme se pode constatar pelas opiniões recolhidas:

MESQUITA — *É pena que este embate não se dispute primeiro em Sittardia, já que a nossa grande dificuldade é o desconhecimento do valor do adversário.*

BRITO — *Para podermos tornear a grande dificuldade que, decerto, surgirá no segundo jogo, vamos lutar por um bom resultado na partida de Lisboa.*

BESSONE — *Faremos um bom resultado, que poderemos ainda melhorar na Holanda, por então já termos mais dias de preparação e conhecimento do valor do grupo contrário.*

CARLOS CORREIA — *Contamos com o nosso valor e com a nossa habitual força de vontade para defrontarmos um adversário que desconhecemos, mas estes atributos talvez sejam suficientes para passarmos à eliminatória seguinte.*

RAMIRO — *Estamos em boas condições físicas, embora sem rotina de jogo. Ignoro quais são as nossas hipóteses, mas lutaremos por uma vantagem que nos dê boas possibilidades para o segundo jogo.*

VÍTOR DIAS — *Se o Sittardia for de valor igual ao Operatic (que defrontou o F. C. Porto) podemos acalentar esperanças de passarmos à fase seguinte.*

ARMANDO — *Apenas posso afirmar que tudo faremos para obter o resultado que desejamos.*

DANIEL — *Será difícil, mas se ganharmos o primeiro jogo (como espero) é possível que se verifique a nossa qualificação.*

CASTANHEIRA — *Faremos bom resultado! Talvez possamos mesmo resolver a contenda já neste primeiro jogo.*

ALFREDO — *Se tudo nos correr como esperamos, não vejo que seja impossível o nosso triunfo e passagem à fase seguinte.*

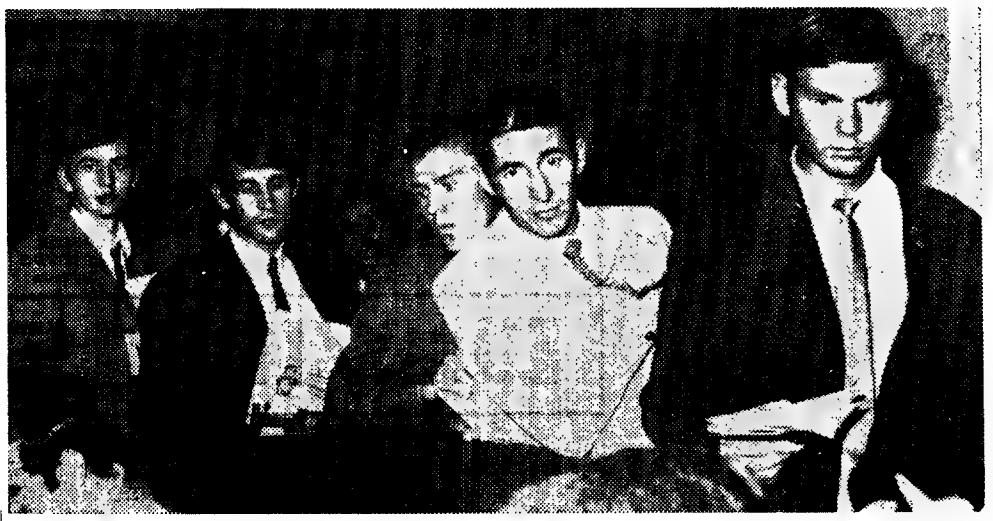
Ouvimos o treinador Matos Moura e o vice-presidente das actividades desportivas do clube, eng. Gomes Nunes, que nos afirmaram:

ENG. GOMES NUNES — *Todos lucraremos se passarmos à fase seguinte e estamos animados da melhor esperança que assim suceda. O andebol pode contar com os nossos jogadores, mas estes necessitam do indispensável apoio da massa associativa do clube.*

MATOS MOURA — *O problema é mútuo! Ambos os adversários se desconhecem! Os holandeses não terão ainda atingido o primeiro plano do andebol europeu, mas em face dalguns resultados que conheço, deve tratar-se de um conjunto bastante evoluído.*

Depois:

— *A minha equipa não estará ainda no seu melhor, como é lógico, já que a época ainda não se iniciou e não contarei com os irmãos Marques, mas posso declarar que o Sporting lutará até ao limite das suas forças para conseguir um resultado que nos permita passar à fase seguinte e, portanto, defrontar depois um adversário mais poderoso, o que só nos poderá valorizar pelos ensinamentos a recolher*



CHEGADA — Os holandeses do Sittardia, já em Lisboa

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3%	—	—	518$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	632$	—	—
Centenários 4%	1.480$	1.480$	1.490$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	—
Externa 1.ª série	—	—	760$
Externa 2.ª série	800$	800$	—
Externa 3.ª série	—	732$	—
Externa 4.ª série 6%	890$	880$	900$
Caminhos de Ferro 4.ª série	—	—	180$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A[illegible] 5% 58	—	925$	—
A[illegible] 5% 58	—	925$	950$
C[illegible] 4 1/2% 60	—	—	905$
C[illegible] 4 1/2% 57	—	1.015$	—
C[illegible] 5%	1.005$	1.006$	—
C[illegible] 5% 58	1.004$	1.002$	003$
Gás Electr. 4% 48	—	800$	—
Gás Electr. 4 1/2% 51	—	875$	880$
Gás Electr. 5% 54	—	—	900$
Gás Electr. 5% 58	—	—	890$
Gás Electr. 5% 59	—	—	890$
Gás Electr. 5% 61	—	—	—
Gás Electr. 5% 62	—	905$	—
Gás Electr. 5% 65	900$	—	900$
Gás Electr. 5% 67	1.010$	1.010$	—
Hid. Alentejo 5%	—	820$	830$
Hid. Lávado 5%	—	—	—
Hid. Lávado 6%	—	995$	000$
Hid. Douro 5%	—	815$	—
Hid. Douro 6%	1.002$	1.000$	003$
Hid. Norte Port. 5%	—	—	—
Hid. Estrela 6%	—	999$	000$
Hid. Zêzere 5% 55	—	—	860$
Hid. Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	—	1.000$	1.004$
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 1/4%	1.030$	1.025$	—
Moçambique 5%	—	750$	800$
Nac. Electr. 5%	—	830$	840$
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	—	830$
Petroquímico 5%	—	860$	865$
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Saco 5% 54	—	—	—
Saco 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 1.ª	—	800$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	850$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	850$	860$
AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.545$	1.545$	1.550$
Alentejo	890$	885$	900$
Angola	3.130$	3.130$	3.150$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.540$	3.540$	3.570$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. a.	—	—	—
L. & Açores p.	7.050$	7.030$	7.060$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.550$	6.550$	6.600$
Portugal n.	3.150$	3.100$	3.200$
Portugal o.	4.050$	4.000$	4.080$
Totta Aliança	6.300$	6.250$	6.350$
Ultramarino n.	2.900$	2.800$	2.900$
Ultramarino p.	3.165$	3.165$	3.175$
Seguros			
Alentejo	—	75$	77$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	—	570$	600$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	800$	795$	805$
Ag. Cassequel	830$	828$	830$
Ag. Incomati	—	1.980$	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	—	79$	81$
Cabinda	219$	218$	220$

Ultramarinas			
Diamantes Angola	1.980$	1.980$	1.985$
Ind. e Revus	—	—	610$
Inc. do Príncipe	—	—	—
Moçambique	149$	49$	150$
[illegible]	—	—	—
Sonete B	365$	362$	367$
Zambézia	80$	79$5	80$
Angolana	—	—	—
Diversas			
[illegible]	7.700$	—	7.700$
Cim. Leiria	—	4.000$	4.100$
Cim. Tejo	—	6.000$	6.100$
Soc. Navegação	—	1.500$	1.550$
[illegible]	1.330$	1.310$	—
Fin. Aliança	—	—	650$
Nac. Navegação	—	3.600$	3.800$
Petroquímico	—	2.160$	2.200$
Port. e Londres	1.430$	1.420$	1.450$
Port. Celulose	4.405$	4.400$	4.420$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	745$	744$	745$
Sacor	—	—	4.850$
Siderurgia Nac.	1.580$	1.560$	1.600$
Sacor	2.750$	2.710$	—
Tabacos de Portugal	1.580$	1.550$	1.600$
Tabaqueira	—	8.000$	8.600$
[illegible] Azoto	800$	795$	802$
Aguas Electr. - Gás			
Aguas Lisboa p.	—	405$	425$
Aguas Lisboa $4	—	420$	—
Aguas Lisboa $6	—	—	410$
Electr. Beiras	—	—	—
Gás Electr.	428$	427$	429$
Hid. Alto Alentejo	157$5	157$5	158$
Hid. Lávado	1.255$	1.250$	—
Hid. Douro	1.224$	1.224$	1.225$
Hid. Norte Portugal	—	—	305$
Hid. Estrela	—	—	—
Hid. Zêzere	1.265$	1.260$	1.270$
Nac. Electricidade	1.235$	1.230$	1.235$
Termoelectr. Port.	1.228$	1.226$	1.230$
U E P	195$	—	195$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
[illegible] Atlântico	—	190$8	196$5
[illegible] O E S	—	119$1	122$7

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	18/9/69	24/9/69	25/9/69
GERAL	141,3	138,9	139,3
METRÓPOL	136,9	134,4	134,8
ULTRAM.	173,4	171,9	172,7

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 a 4		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América		
— Dollars de 1 a 4	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,4	$04,6
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$90	5$30
Suiça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	—$—	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabe	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Tel. 321273 — RUA DO OURO, 72

DECORRE AMANHÃ EM LISBOA A REUNIÃO DA CONFERÊNCIA ROTÁRIA INTERNACIONAL

Para informar a Imprensa sobre os trabalhos da importante reunião da Conferência Rotária Internacional, que decorre amanhã no Hotel Tivoli, sobre a presidência do sr. C. P. H. Teenstra da Holanda, que foi presidente do Rotary Internacional no ano 1965-66, efectuou-se hoje uma reunião de representantes dos órgãos de Informação com membros da direcção do Rotary Club de Lisboa.

É a primeira vez que a Conferência Anual dos Dirigentes do Intercambio de Jovens da Região Rotária ENAEM — Europa, Norte África e Mediterrâneo Oriental — decorre em Lisboa.

Estarão presentes delegados da França, Inglaterra, Itália, Suiça, Austria, Alemanha Ocidental Holanda, Dinamarca, Noruega, Finlândia, Grécia, Turquia e Israel, além, é claro, da delegação portuguesa, que é, naturalmente, a mais numerosa.

Os Rotary Clubes de Mónaco, Marrocos e Argélia são representados pelo delegado da França, porque fazem parte de distritos rotários comuns.

Este encontro anual dos Dirigentes Rotários do Intercâmbio de Jovens destina-se a rever o trabalho efectuado na região em causa, durante o ano rotário anterior (Julho dum ano a Julho do ano seguinte); comentar os resultados obtidos, estudar a sua expansão e aperfeiçoamento e estreitar o conhecimento e a amizade entre pessoas votadas á mesma causa.

Procura-se, fundamentalmente, contribuir para o conhecimento e compreensão entre os povos, através do intercambio orientado de jovens de ambos os sexos, quer entre os países pertencentes á região rotária ENAEM, quer com outros países onde existem clubes rotários, ou seja, quase todo o Mundo não abrangido pela Cortina de Ferro.

Como tem sido usual, estão previstas algumas excursões turísticas complementares, para que os visitantes tenham oportunidade de conhecer Lisboa e arredores e também uma parte do centro do País.

UM PARQUE AUTOMÓVEL SUBTERRÂNEO EM COIMBRA

COIMBRA, 25

Na sessão da Câmara Municipal, sob a presidência do sr. eng. Araújo Vieira, foram tratados, mais uma vez, importantes problemas citadinos incluindo o arranjo da Praça da República e também de interesse para as freguesias rurais, especialmente no que diz respeito a escolas.

Finalmente, o vereador sr. dr Viriato Rodrigues Namora tratou mais uma vez, do magno problema da urbanização da Praça da República, inquirindo da presidência sobre o estudo do projecto de um parque auomóvel subterrâneo naquela praça.

O presidente, respondendo, disse que está em estudo a organização do caderno de encargos daquela importante obra, para que depois seja posta a concurso, provàvelmente já em Outubro, de modo a que não seja protelada por mais tempo a sua construção e, consequentemente, o arranjo urbanístico e de pavimentação daquela bela praça.

Ajudante de campo do Chefe do Estado

O Chefe do Estado escolheu para seu ajudante de campo o major Columbano Ferreira Libano Monteiro, que iniciou já as suas funções, substituindo o coronel Gaspar Pinto de Carvalho Freitas do Amaral.

GRANDE CONCURSO ELECTROLUX em sua "casa"

Para si minha senhora um dos 56 prémios do concurso que foi realizado exclusivamente para si! 237.672$00 de prémios

1º PRÉMIO UM AUTOMÓVEL DATSUN 1000 4 PORTAS

CONSULTE OU PEÇA-NOS TODAS AS INFORMAÇÕES

Electrolux

MARCA B DV-69

Esta é a nova pistola manual electroestática de segurança absoluta e que lhe garante um rendimento de trabalho muito superior ao normal. DeVilbiss — a pistola que conquistou o nosso mercado... e o de todo o mundo, apresenta equipamentos resistentes, construidos com grande precisão, eficiência e simplicidade. Poderá escolher entre o sistema convencional, sem ar (airless), ou de tinta aquecida (hot spray)... DeVilbiss ajudá-lo-á na escolha do melhor sistema para o seu trabalho e garante-lhe um serviço de assistência de acessórios e de sobressalentes. Peça uma demonstração.

COMPRESSORES DE AR | TANQUES DE PRESSÃO | AQUECEDORES DE TINTA | AIRLESS E BOMBAS DE TINTA | CABINES DE PINTURA | MÁQUINAS AUTOMÁTICAS

DEVILBISS

comece com DeVilbiss e «acabe» melhor

Agentes Gerais: Bethencourt Bros., Ltd. R. Sapateiros, 128-1.º LISBOA — SORIA, Lda. R. Sá da Bandeira, 214-216 PORTO

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje
COMISSÁRIO X, 3 PANTERAS AZUIS — POLITEAMA

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 32 63 05
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
UM FILME DE FABULOSA ENVERGADURA ESPECTACULAR
COMISSÁRIO X
3 PANTERAS AZUIS
com Tony Kendall e Brad Harris
Mais aventuras .. Mais mulheres... Mais acção .. Mais «suspense»...
Eastmancolor

HOJE, ÀS 18.30 — (M. 12 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPERIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30 h.
O último filme de CLAUDE CHABROL
A MULHER INFIEL
com Stephan Audran, Michel Bouquet e Maurice Ronet

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 56595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
UM ESPECTACULO DE GARGALHADA SEM FIM!
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNÈS

LIZ
(12 anos) Tel. 48560
Às 21 h.
Em continuação de ESTREIA
CEM ARMAS AO SOL
A RAINHA VIRGEM

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 h.
UM HOMEM EM LEILÃO
O EMISSÁRIO DA MAFIA

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
BRINCADEIRAS PROIBIDAS
com Georges Poujouly

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
VIUVA MAS ALEGRE
COM GEITO VAI... CLEÓPATRA

ODEON
(Adultos) Tel 326283
15.15 e 18.15 (P. r.) e ás 21.30
UM FILME DE MISTÉRIO... CRIME... E AVENTURAS AUDACIOSAS
PASSAPORTE PARA A MORTE
com Tom Tryon (o famoso protagonista de «O Cardeal») e Lorenza Guerrieri
Tecniscope — Eastmancolor

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 820768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Uma obra de JÚLIO VERNE adaptada por JEAN GIONO!
Technicolor. Techniscope
A ESTRELA DO SUL
com Orson Welles, George Segal e Ursula Andress

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Um filme audaz e inquietante!
QUANDO BEIJAS UM DESCONHECIDO
c/ Paul Burke, Carol Lynley e Martha Hyer
PERFECT COLOR

ALVALADE
(Adultos) Tel 763000
Às 15.45 e 21.45
Um filme audaz e inquietante
QUANDO BEIJAS UM DESCONHECIDO
c/ Paul Burke, Carol Lynley e Martha Hyer

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 15.30 e 21.45 h.
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e às 21.30
A LOBA SOLITÁRIA
com Danièle Gaubert, e Michel Duchaussoy

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
Um novo filme de CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR MORRER
com Aniday — Caroline Cellier

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
Um filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
c/ Claude Rich, Olga Georges-Picot

EUROPA
(Adultos) Tel 661016
Às 15.00 e 21.30
O ÊXITO QUE CONQUISTOU LISBOA!
Technicolor — 70 m/m
BARBRA STREISAND e OMAR SHARIFF em
FUNNY GIRL

LIDO
Praça D João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
ANTES DO INVERNO CHEGAR
com David Niven e Ana Karina

Encontra-se em Madrid o cançonetista madeirense Gabriel Cardoso, que gravou dois progrmaas para a R. T. E. Em Guadalajara, o intérprete português participou, igualmente, num «show» que teve o comando de Juan Manuel Serrat

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
em 2.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
a mais bizarra concepção de sexo na era do espaço
BARBARELLA
com Jane Fonda e Ugo Tognazzi

VOX
(M. 21 anos) Tel. 128808
Às 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja dúvida na avaliação da idade.

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
6. SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

AVIS
(M. 6 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Uma sensacional comédia
O ÁS DO PEDAL
com Bourvil e Dominique Tarbes
Franscope — Eastmancolor
Autorizado para maiores de 6 anos á tarde e á noite
Douglas

OUTROS ESPECTACULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 40: «Os direitos da mulher» (17 anos).
TEATRO MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «Amor ás riscas» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Um homem sem medo» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «002 contra Al Capone» (12 anos).
ARCO-ÍRIS — Às 21: «Ursus o Gladiador» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «O maior espião da história» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Não provoquem a Rita» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «A Quadrilha do Grande Cérebro» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Uma certa rapariga» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21 h.: «Um homem chamado Gringo» (12 anos)
B ENCARNAÇÃO — Às 21 h: «A Borboleta Vermelha» (17 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Anseio de amor» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Aventuras do Santo» e «À margem da lei» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A loba solitária» (17 anos). CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Pão, amor e ciume» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Felizes» para sempre» (12 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O pirata e o rei» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Espia sem nome» e «A provocadora» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Rainha do amor» (17 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Bolas em fogo» «Ela e os seus maridos» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Doutor... Vamos a isto» e «Safira» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY Às 21 e 30: «O perfume do dinheiro» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «O homem, o orgulho e a vingança» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «A Batalha de Anzio» (12 anos)

«A Maçã», no Laura Alves

Atendendo ao êxito de «A Maçã», a peça de Jack Gelber que Carlos Avilez encenou e durante cerca de dois meses apresentou no «Gil Vicente» de Cascais, Vasco Morgado resolveu convidar o Teatro Experimental de Cascais a vir a Lisboa.

Constituindo uma das melhores encenações de Carlos Avilez «A Maçã», de Jack Gelber, é representada por Vítor Ribeiro, João Vasco, Zita Duarte, António Marques, Augusto Leal, Céu Guerra e Santos Manuel. Tem a força que obriga o público a abandonar uma apatia vulgar, para saltar a barreira e postar-se lado a lado com os actores, acedendo ao convite que lhe é feito logo no início para ser, ele próprio, o espectáculo. É tem muito mais: um conteúdo que obriga as pessoas a sentirem-se vivas, bem despertas, para aquilo que lhes pode surgir como um absurdo terrivelmente atraente. «A Maçã», estreia-se amanhã, no «Laura Alves».

Recintos de diversões

● Terminou o seu contrato na casa típica «Lisboa à Noite» o guitarrista Liberto Conde, que ali actuou com êxito durante cinco anos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 117 (633288) ● Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade, Av. do Brasil 18-A (712070) ● Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) ● Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ● Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Poço d'Aguá (710131).
ALCANTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841122) ● São José, R. dos Anjos, 4 (50730)
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 53 (842 52).
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afreixo Peixoto, 2-B (724941) ● Ontide, Av. João XXI, 3-A (726848)
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — Miranda, C. Pequeno, 356-B-C (770776) ● Segres, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) ● Cordeiro, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495) ● Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ● Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (44158).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zire, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B-7, á Rua Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (32121) ● Unifa, R. do Vitória, 21 (323793).
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256).
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) ● Sousa, Est. Benfica, 429-43 (780027).
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPO DE OURIQUE — Porfirio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) ● Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680204).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181).
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (533411).
ESTRELA e LAPA — Paiva e Parente, R. de St. António á Estrela, 96-98 (665196) ● S. A. E. Silva, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661001).
GRAÇA — Arnaut, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ● S. Tomé, Est. do Desvio, lote 2-C (790704)
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).
MOURARIA — Feveros, R. do Palma 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiena — Rua Cidade V. e Cabral (ex-Rua 8, 4 Lote 43 zona poente (310026) São Paulo — Rua 2 Lote 823, (á Estrada de Moscavide) (Tel. 310711).
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708)
PICHELEIRA — Meriuz, Calç. do Picheleiro, 40-B-C (720703 ● 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência 91 (773728)
RESTELO — Tenaro — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosto do Restelo—próximo dos Moinhos) Telefone: 61184
S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc. Politécnica, 82-A (660280) ● São Bento, R. dos Prazeres de S. Bento, 73 (679673).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) ● Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (25 8520)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Nito — Av. Combatentes G. Guerra, 64 (Tel 212070)
CAXIAS — Neve — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Tel 2420839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto 86 (Tel 2430284)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Brandão, Av.ª da República, 11-C (247 054)
ESTORIL — S. João (Tel 260186)
MONTE ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087)
MONTE ESTORIL — Lopes — R. Hautar, (Tel 260008)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 47 (Telefone 280141) Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) ● Campos, R. Elias Garcia, 185 (930072) ● Clobel, R. António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (971023).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel 951841).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel 2940084).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 26 (T. 980155).
COLARES — Colares — Abreia (Tel 929088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T 2240200)
ALMADA — Nuno Álvares, Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 39 (270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 14 (22 43 02).
BARREIRO — Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (2273012)
COVA DA PIEDADE — Império, Rua do Boa Esperança, 31-A (274356)
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel 289029)
MONTIJO — Higiena, R. José Joaquim Marques, 142 (230870)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Rosado Pinto, P. de Bocage (22484 ● Nova, Rua Gen. Gomes Freire. (22052).
SEIXAL — Godinho — L. do Gre... 5 (Tel 22 8580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ● Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 866141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 ● 771169 ● Transfusões, soros ● oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informative), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ● Estação fluvial (T. Peço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado, havia nevoeiro em alguns locais e o vento era geralmente fraco. TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 29°,5; mínima: Viseu, 8°,5. TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 14°; Faro, 21°; Funchal, 22°; Lisboa, 17°; Pennas Douradas, 17°; Portalegre, 23°; Porto, 14°. TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 18°,5; na água do mar: 15°,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado do quadrante norte. Nevoeiro ou neblina em alguns locais no litoral oeste, para norte do cabo Carvoeiro.

Amanhã
Nascer ás 7 e 27
Ocaso ás 19 e 28

Hoje Dia 3 Dia 11 Dia 18

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 25** — 3 e 40 (4,2 m); 15 e 59 (4,5 m). **Dia 26** — 4 e 22 (4,3 m); 16 e 40 (4,5 m). **Dia 27** — 5 (4,3 m); 17 e 20 (4,4 m).
BAIXA-MAR: **Dia 25** — 9 e 23 (0,9 m); 21 e 51 (0,7 m). **Dia 26** — 10 e 08 (0,7 m); 22 e 30 (0,7 m). **Dia 27** — 10 e 40 (0,7 m); 23 e 06 (0,8 m).

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

Congresso Europeu de Estudos de Estrabismo

Está reunido em Londres o Congresso Europeu de Estudos do Estrabismo, no qual participa, como membro do Conselho Internacional Europeu de Estudos do Estrabismo, o dr. Henrique Moutinho.

O MINISTRO RUI SANCHES NO DISTRITO DE BRAGA

BRAGA, 25 — O ministro das Obras Públicas reuniu-se, esta manhã, com os presidentes dos municípios desta cidade e de Barcelos, após o que seguiu para Guimarães, onde deu início aos trabalhos programados para a sua visita a esta cidade, a Vizela e a Pevidém e, ainda, a Famalicão.

Na Camara Municipal de Guimarães, decorreu uma sessão de boas-vindas, seguida de uma reunião de trabalhos, finda a qual aquele membro do Governo, acompanhado do governador civil e dos técnicos do seu ministério, do director-geral dos Serviços de Urbanização, eng.º Macedo dos Santos; do eng.º Perdigão, director dos Serviços da Junta Autónoma das Estradas; e do dr. Vítor Manel Ruivo, seu secretário, se deslocou á zona de expansão da cidade e á rodovia de Covas.

Após o almoço o eng.º Rui Sanches visitou os terrenos das escolas primárias para a Escola do Ciclo Preparatório. Dali dirigiu-se para Vizela, onde igualmente visitou os terrenos para o novo mercado e os oferecidos por entidades particulares para a Escola do Ciclo Preparatório, procedendo depois, á inauguração do edifício da Junta de Turismo, após o que partiu para Pevidém, onde observou a zona do novo mercado e o alargamento do acesso á localidade.

Ao fim da tarde, o ministro das Obras Publicas deixa aquela localidade, seguindo para Famalicão, em cujo edifício municipal preside a uma sessão de trabalhos, em que aprecia com as autoridades e técnicos da edilidade e do seu ministério os problemas respeitantes a melhoramentos rurais, designadamente obras de estradas e caminhos municipais e supressão de duas passagens de nível; abastecimento de água ás freguesias a partir da captação do rio Este; acesso á estação do caminho de ferro; cobertura do rio Pelhe, para alargamento da área da feira semanal; construção do novo edifício para o liceu; estudo da nova rodovia da E. N. 14 e trabalhos de saneamento.

Após esta sessão de trabalhos o sr. ministro das Obras Públicas segue para o Porto, devendo regressar ainda hoje a Lisboa.

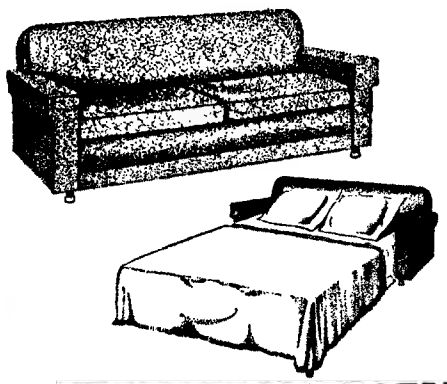
Vai construir-se o edifício para a Faculdade de Economia da Universidade do Porto

O ministro das Obras Públicas acaba de aprovar o projecto do edifício para a Faculdade de Economia do Porto, determinando que se abra imediatamente concurso público para adjudicação da respectiva empreitada.

A realização desta nova fase do empreendimento, de acordo com o que se encontra programado, coincide com a conclusão da empreitada relativa às terraplenagens e drenagem dos terrenos de implantação — que se situam na Asprela, nas proximidades do Hospital Escolar de São João —, que havia sido iniciada no final do último ano

O edifício que ocupa uma área de cerca de 8000 metros quadrados, tem cerca de 16 000 metros quadrados de pavimentos, distribuídos por 4 pisos, onde se situam as salas de aula, anfiteatros, seminários, biblioteca, sala do conselho escolar, salão polivalente para aulas e realizações de carácter social e cultural, gabinetes para professores, cantina e outras instalações para estudantes, além de outras instalações complementares.

As instalações projectadas podem receber em boas condições de funcionamento uma população escolar de cerca de 2500 alunos. Prevê-se que o edifício possa entrar em funcionamento em 1972.



EXCLUSIVO/VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31 B/C
LISBOA

A. P. A. fez 30 anos

Comemoram-se hoje 30 anos de actividade da A. P. A. — Agência de Publicidade Artística, Lda., organização veterana que tem sabido acompanhar a evolução da técnica publicitária nos seus vários sectores, firmando invulgar posição de prestígio.

Para assinalar o acontecimento, os administradores da A. P. A., srs. José Fernando Leitão e José Riscado, promoveram um almoço de confraternização com empregdos e colaboradores, que decorreu num ambiente de grande cordialidade.

A CANÇONETISTA norte-americana Bobbie Gentry

Bobbie Gentry «tomou de assalto» a Grã-Bretanha

LONDRES, 25 — (R.) — A formosa cançonetista norte-americana Bobbie Gentry tomou esta semana de assalto a Grã-Bretanha com o seu último disco «I'll never fall in love again», da revista musical da Broadway «Promises, promises», que na tabela de Londres passou a ocupar o quarto lugar.

Bobbie, cuja recente série da Televisão na Grã-Bretanha se tornou muito popular, conseguiu o seu primeiro êxito com uma balada do «Sul Profundo», com o título «Ode to Billy Joe». Agora prova a sua versatilidade ao produzir outro sucesso num estilo completamente diferente.

«Sugar, sugar», dos Archies, ocupa ainda o primeiro lugar nos Estados Unidos e passou para a posição cimeira em Hong-Kong.

NOVA EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES DO METROPOLITANO

Um decreto-lei, pelo Ministério das Finanças, autoriza a empresa Metropolitano de Lisboa, S. A. R. L., a emitir este ano e por uma só vez 40 000 obrigações nominativas ou ao portador, do valor nominal de 1000$00 cada uma.

Está no Tejo uma fragata inglesa

Em visita de rotina, entrou, esta manhã, no Tejo, indo atracar na Doca da Marinha, a fragata inglesa «Diana», do comando do capitão E. Llewellyn, que se apresentou, em missão de cumprimentos, no Comando Naval do Continente e a Embaixada da Grã-Bretanha.

À tarde, houve uma recepção a bordo.

«Diana» (com uma guarnição constituida por 305 homens) larga terça-feira.

APREENSÃO DE TABACO DE CONTRABANDO (500 CONTOS)

A Guarda Fiscal efectuou, na madrugada de ontem, na freguesia de Castanheira, conselho da Guarda, a apreensão de uma camioneta com um carregamento de tabaco estrangeiro das marcas «L.M.» (gigante e pequeno) e «Chesterfield», no valor aproximado de 500 contos.

SAIU HOJE
motor
O DESPORTO AUTOMÓVEL EM GRANDE PLANO:
● O SALÃO DE FRANCFORT visto por enviados especiais
● XI VOLTA À ILHA DA MADEIRA a análise duma prova
● GRANDE PRÉMIO DO CANADÁ Festival Brabham e vitória ICKX
● O CIRCUITO DE JARAMA e a vitória de JOSÉ LAMPREIA
● BELTOISE perfil dum campeão, por PHILIPPE TOUSSAINT
● AFINAÇÃO DE CARBURADORES tema dum artigo de BAPTISTA DOS SANTOS
ALÉM DAS SECÇÕES HABITUAIS:
TÉCNICA — OPINIÃO — ESCLARECIMENTO — INFORMAÇÃO
32 PÁGINAS 2$50

CRUZEIRO STAR
DO FIM DO ANO
no paquete «Santa Maria»
27/12 a 2/1
LAS PALMAS
TENERIFE
FUNCHAL
ISENTO DE PASSAPORTE
Excursões facultativas em todos os portos
Preços desde Esc. 2.190$00
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
Telefs. 539871-362501
UTILIZE O CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

M/6 anos
CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 22 HORAS
GRANDE FESTIVAL TAUROMÁQUICO
A favor da Sopa dos Pobres de S. João de Deus de Montemor-o-Novo

Telefs 771819, 761539, 321712 e 30769

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 581/25 DE SETEMBRO DE 1969

PÂNICO:

VEM

AÍ

ARRABAL

(nas centrais)

por

LUÍS DE SOUSA REBELO

WILLIAM SHAKESPEARE manifesta na sua obra um interesse absorvente pela História. Numa época de tão intensa vida política, como era a dele, uma tal fascinação não é, aliás, de surpreender. Os tempos iam, de facto, azados ao estudo dos problemas da acção colectiva e a escolha de assuntos históricos como tema literário (basta lembrar o exemplo dos nossos «LUSÍADAS») está então na ordem do dia.

Infelizmente as suas peças históricas, em numero de dez, são muito mal conhecidas entre nós. Estes dramas históricos, os chamados «history plays», cobrem mais de três séculos e meio de um período largamente agitado da história inglesa. O primeiro dessa série, o *Rei João*, trata de acontecimentos do fim do século XIII e o ultimo, o *Henrique VIII*, debruça-se sobre o reinado do pai de Isabel I, decorrendo a acção no século XVI. No período intercalar, que abrange mais de cem anos, o grande dramaturgo comprime em oito peças alguns dos episódios mais marcantes da luta pela conquista da Coroa, que veio a culminar na Guerra das Duas Rosas, assinalada pelas batalhas de Santo Albano (1455), Tewkesbury (1471) e Bosworth Field (1485).

A fina observação com que Shakespeare apresenta de uma maneira despojada e crua a luta pelo poder político tem despertado no ultimo quinquénio a admiração da crítica e das plateias de todo o mundo culto, que de subito descobriram nele uma estranha modernidade. Para essa descoberta muito veio contribuir a divulgação já tardia do teatro de Brecht, autor cuja fascinação por temas de conteudo histórico e por um drama de relevância política o havia aproximado do mesmo Shakespeare, que apaixonadamente leu, comentou e glosou na sua própria obra.

A LUTA PELO PODER

O esquema dramático que Shakespeare nos propõe nestas peças políticas é fundamentalmente bastante simples. Compreende ele duas grandes figuras que se opõem e digladiam na luta pelo Poder. De um lado, temos o monarca, que defende a sua posição, e do outro o pretendente ao trono, que eventualmente o há-de con-

quistar. Os dois adversários não solicitam a nossa adesão moral do mesmo modo, e as simpatias, que o primeiro começa por nos merecer, acabam geralmente por serem transferidas, a meio caminho da acção, para o outro, cuja ambição nos parecia reprovável. Se o soberano não trai a confiança dos seus subditos, nem a da facção aristocrática, que lhe é afecta, nem ainda a dos seus conselheiros, em cujo selo não poucas vezes cresce a víbora, que o há-de morder, ele detém legitimamente o poder, já que a legitimidade dinástica, quando recuada ás suas remotas origens, é em Shakespeare passível de contestação. No caso contrário, o monarca reinante, usurpa o poder, e o novo pretendente ao trono surge como o libertador da nação desgovernada por um mau rei. Quando este é finalmente deposto, a fim de ceder o sólio ao libertador, a punição não se faz esperar, quer ela se traduza na execução capital imediata, quer no encarceramento do monarca na Torre de Londres. Então o novo soberano, aureolado da glória de defensor do Direito e da Justiça, comemora o acto com uma alocução vibrante na qual promete, no decurso do reinado que ali inicia, o bem-estar geral e o respeito pelo bem comum.

Até agora a crítica tradicional pendia a ver no desfecho do drama histórico uma saída optimista, uma viragem dos acontecimentos no sentido ascensional de uma melhoria: «o upward turn». O castigo do «monarca-volvido-tirano» atribuía-o ao efeito da Némesis correctora dos excessos e da desmesura das paixões humanas.

Ora é precisamente contra esta concepção optimista que vai pronunciar-se o shakespeariansita polaco Jan Kott num livro que também entre nós fez fortuna (*Shakespeare — Nosso Contemporâneo*). Observou ele que o liberta-

dor, cônscio, por um lado, dos riscos que corre pelo seu acto de lesa-Majestade mas inflamado, por outro, de um ardor justiceiro, age ardilosamente e comporta-se a nossos olhos como um herói «positivo». Porém, logo que ascende ao trono e cinge a coroa, vai actuar exactamente como o seu predecessor. Basta-nos o exemplo de Bolingbroke para o confirmar. Herói sedento de justiça no *Ricardo II*, volve-se num déspota amaldiçoado na sua própria tragédia (*Henrique IV*). Há nesse processo uma inevitabilidade histórica, que faz de cada monarca uma mesma personagem sob multiplas viseiras e o obriga a desempenhar um duplo papel. Os reis de Shakespeare obedecem, portanto, a uma compulsão, que provém da necessidade histórica inerente ao sistema feudal. Eles, porém, não o entendem assim, e persistem na sua luta, alimentando mal a seu grado o movimento circular, que caracteriza a luta incessante pela Coroa, e na qual Jan Kott detecta a obra de um «Grande Mecanismo».

O «GRANDE MECANISMO»

Na opinião deste crítico, cada uma destas peças de Shakespeare é apenas a repetição de um mesmo fenómeno. E a imagem do «Grande Mecanismo» sugere-lhe logo essoutra de uma alta escadaria, que um longo cortejo régio vai subindo. Lá no alto está a Coroa ambicionada. Cada passo dessa subida fica manchado pela perfídia e pelo crime. E quando o pretendente chega ao topo do escadório, depois de gozar a sua hora de autoridade, salta no abismo. Todos os pretendentes, sejam bons ou maus, destemidos ou cobardes, pisam os mesmos degraus. Todos eles vivem uma perene contradição entre a ordem da acção e a ordem moral. Tal contradição surge-nos aí como um destino humano, ao qual eles não podem escapar. Mais ainda: a leitura das peças históricas, quando feita na sequência cronológica dos reinados, deixa-nos a impressão (diz-o Jan Kott) de que, para Shakespeare, a história retorna sempre ao seu ponto de partida.

Esta luta pelo Poder trava-se quase sempre «entre gente de nome, com título e senhorio» (Kott) e, no caso da tragédia, ela implica «a morte de uma personagem de alta posição social» (A. C Bradley).

Ora, se aceitarmos estas premissas, formuladas tanto pela crítica tradicional, representada por A. C. Bradley, como por um exegeta moderno do quilate de Jan Kott, forçoso nos será con-

cluir que a luta pela Coroa só deve interessar a fidalgos e senhores poderosos. E dizemos «deve», levantando uma restrição, porque, como vamos demonstrar, nem sempre Shakespeare delimita exclusivamente essa luta pelo poder á classe aristocrática, nem o direito da sucessão aparece na obra do Dramaturgo imbuído de uma autoridade sacra e inamovível, nem tão-pouco se nos afigura legítimo sustentar que Shakespeare concebesse a história como uma mecânica sequência de sucessos idênticos e de qualidade inalterável.

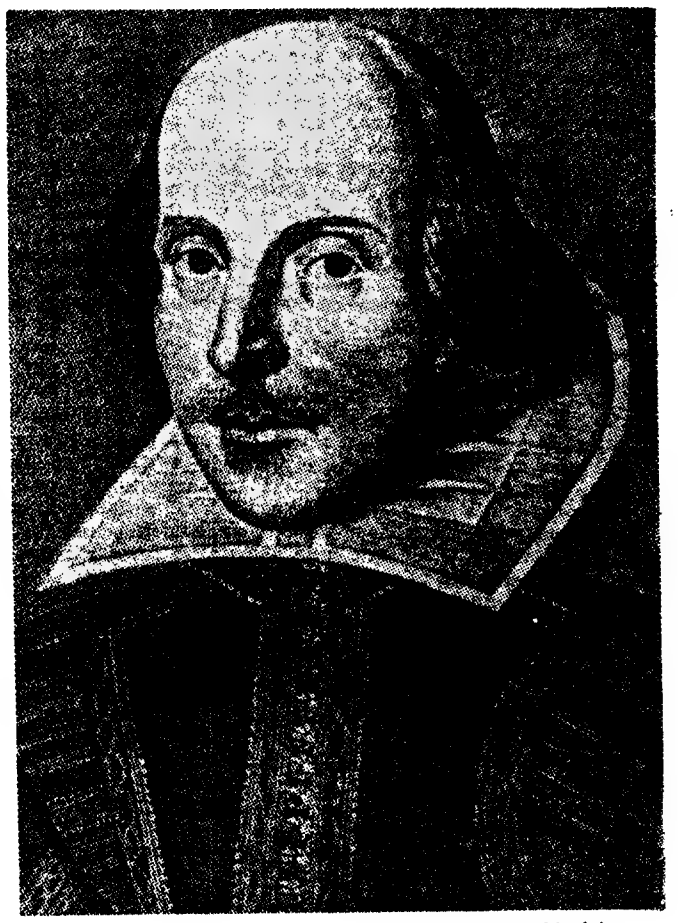
Comecemos, pois, por este ponto, o do direito exclusivo da Aristocracia ao Poder, porquanto os outros com ele se conexionam intimamente.

Ora, se é um facto que todos os monarcas das «histórias» saem da nobreza, se também é certo que entre a gente deste grupo social se encontram os pretendentes dignos de cingir a Coroa, quer eles assim o julguem por conta própria, quer por conselho doutros grandes senhores, seus amigos e confederados, ou dos guerreiros-árbitros da dourada disputa (os fazedores e desfazedores de reis, como o Conde de Warwick «setter up and plucker down of Kings» Henrique VI (3) II, 3 e III, 3), também não é menos verdadeiro que a luta pela conquista do Trono não pode ser posta em obra sem o concurso da arraia-miúda. Constitui esta o grosso dos exércitos, a carne de canhão, e é ela o instrumento que decide, no fim de contas, o resultado do litígio.

O POVO E A HISTÓRIA

Sucede, no entanto, que a plebe armada quase nunca se apercebe em Shakespeare da sua força real e do seu papel preponderante no funcionamento do chamado «Grande Mecanismo». Ela aparece assim como um aliado instável. E precisamente por esse motivo, os líderes, os capitães aristocratas, procuram dar-lhe, a ela, o sentido da luta; buscam sondar frequentemente o ânimo dos seus homens e persuadi-los da justiça que assiste á causa que defendem. As deserções podem ser um golpe fatal, causador do enfraquecimento das hostes e da con-

(Continua na pág. seguinte)



Shakespeare: um interesse absorvente pela história

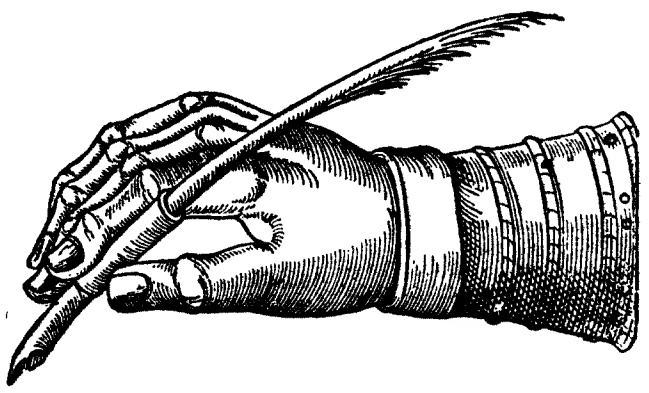
Shakespeare e a História

(Continuação da 1.ª página)

sequente derrota militar. E os chefes de então, tal como os de hoje, sabem a importancia das relações publicas e da propaganda, numa era que não conhece a televisão, nem a rádio. Daí as alocuções ás tropas e os discursos políticos e patrióticos que abundam nas peças históricas.

Mas, lá no fundo da alma, estes mesmos líderes nutrem um profundo desprezo pela ralé: consideram-na capacíssima das mais aviltantes cobardias e das piores barbaridades. A plebe é para os nobres uma massa estulta e grosseira, pitoresca, sem duvida, na frescura da sua espontaneidade e na simpleza da sua mentalidade, mas incapaz de se dirigir e muito menos de se governar por si mesma. São os nobres também, que, pelo seu exemplo, incutem á plebe armada a coragem e o heroísmo de que ela, ás vezes, dá provas. É, por conseguinte, de cima, num sentido, vertical, que se exercem as forças que fazem levedar a História.

Mas será porventura sempre esta a concepção que encontramos nas «histórias» de Shakespeare? Acaso não se divisa aí a possibilidade, ainda que talvez remota, da intervenção de uma outra força? Não aflora também nas peças históricas a noção de que da arraia-miuda pode vir a salvação da comunidade e até uma direcção nacional, que o monarca e a nobreza, tão experimentados



nas lides bélicas, se mostram, em certos momentos de crise, incapazes de prover?.

Cremos que sim. No *Henrique VI* (1.ª parte) a marcha e a condução da guerra patriótica contra os ingleses torna-se favorável à França, depois que a voz de uma camponesa, de uma mulher humilde, começa a ser ouvida pelo seu Príncipe. Joana d'Arc é um dos primeiros rebeldes populares na trilogia do *Henrique VI*, alguém que ousa elevar-se acima da sua condição, não para se insurgir contra a autoridade constituída, senão para libertar o seu país. E por isso mesmo, por causa das imperiosas necessidades da guerra patriótica, logra esta zagala privar com o seu Rei e com orgulhosos cortesãos. Escutam-na, ouvem-na e seguem o seu conselho.

Mas, uma vez passada a conveniência política, que tornou necessária tal aliança, como vai ser encarada a colaboração da arraia-miuda, quando esta exorbita da esfera que a aristocracia lhe predeterminou e aspira a compartilhar do direito da soberania?

Para o sabermos, passemos agora à segunda parte do *Henrique VI*. Na luta pela Coroa, que aí se inicia, o duque de Iorque resolve recorrer a um plano caviloso que o favoreça, a ele, como pretendente.

UM LEVANTAMENTO POPULAR

Entre os soldados sob o seu comando nas campanhas da Irlanda, um houve que se distinguiu pela bravura e rijeza de ânimo, que nem sequer a tortura jamais logrou dobrar, um tal Jack Cade de Ashford, natural do condado de Kent. Ora Iorque consegue convencer o pobre homem a reivindicar a Coroa em nome de um John Mortimer, já falecido, mas de quem Cade é a imagem viva. Com esse fim em mira deverá Cade acaudilhar o povo miudo e levá-lo à sublevação. Para Iorque um tal alevante teria uma dupla vantagem: dar-lhe uma ideia do apoio popular com que ele poderia contar para a sua causa e ensejar uma intervenção armada, caso os fumos da glória e o êxito do levantamento subissem à cabeça de Cade. Senhor então dos destinos da luta e jugulador da revolta, Iorque, poderia apresentar-se como o árbitro do destino e exigir, apoiado na força, a abdicação do soberano.

Sobrevém então o incidente que vai propiciar a eclosão da revolta: o assassínio do Duque de Gloucester, Protector do Reino e tio de Henrique VI. Os mesteirais, a gente miuda, os «commans», principiam a inquietar-se com os boatos que circulam. E enviam uma delegação ao Rei, a fim de lhe significarem as suas suspeitas e de lhe pedirem o justiçamento dos culpados, caso elas tenham fundamento. E logo aí se nos oferece a oportunidade de observar a atitude da Nobreza perante os «commons». Contidos no limiar da Câmara Real, a exposição das suas queixas não é feita por um dos deles, mas por intermédio do Lorde de Salisbúria, imediatamente apodado pelos outros fidalgos de embaixador» de uma «jolda de funileiros» (III, 2).

Entretanto o levantamento cheflado por Cade estala, ganha ímpeto e aproxima-se da cidade de Londres. Os nobres inquietam-se e procuram suprimir rápidamente a rebelião, que é tratada no Acto IV, quase exclusivamente, desde a segunda á décima cena. A maneira como Shakespeare apresenta aí estes acontecimentos traz o cunho da veracidade política. O Dramaturgo desenvolve, com a sua habitual e densa brevidade, os incidentes capitais que abicam na revolta e tornam esta possível. Com efeito, Cade não teria quem o seguisse, se não houvesse uma oposição popular patente, que a morte de Gloucester cristaliza. A entrada do agitador no momento oportuno, o modo como ele conduta essa ira para uma insurreição ajudam-no a subir a crista da vaga popular e a garantir uma vitória efémera aos revoltosos. Para isso contribuem as ideias políticas de Cade, que os rebeldes adoptam como programa de acção, apesar do seu carácter utópico e demagógico. Cade não é um imbecil e muito há nas suas palavras que reflecte a forma fruste de um pensamento socialista primitivo, onde se repercutem os ecos da rebelião camponesa trecentista de Wat Tyler e dos motins populares de 1587 contra as tribulações do reinado de Isabel I, necessárias ao prosseguimento da guerra contra Castela.

Com efeito, Cade promete aos seus correligionários «a propriedade em comum de todos os bens» *(all things shall be in common)*. E embora Iorque se tivesse servido dele como um instrumento do seu plano, Cade acaba por acreditar deveras na sua missão. A tal ponto que um áparte de Cade nos leva a suspeitar de que Iorque talvez tivesse ensinado o padre nosso ao vigário. Porque o cabecilha exprime, de facto, algumas das aspirações dos estamentos mais oprimidos da sociedade, como bem o corrobora o asserto de um dos seus sequazes, esse John Holland, para quem «nunca mais houve bom tempo na Inglaterra, desde que nela apareceram os gentis-homens» (IV, 2).

UM POLÍTICO HÁBIL

Os camponeses chefiados por Jack Cade são ainda, no entanto, uma turba heterogénea e caprichosa e não saberão resistir á filáucia de uma velha raposa política, como Lorde Clifford. Sobressaltado com o vigor do levante popular e o teor das suas reivindicações, Clifford vai apelar para o patriotismo daqueles labregos, pintando-lhes o horror da rebelião que debilita o reino e o poderá deixar á mercê de uma invasão francesa. O estratagema surte o seu efeito. Como uma pluma ao vento, assim mudam num ápice as simpatias da multidão, que logo esquece os motivos do seu descontentamento e se promtifica a alistar-se nas hostes dos senhores que se havia acostumado a servir.

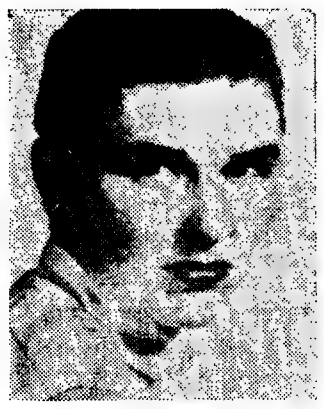
Abandonado pelos seus, Cade nem por isso esmorece na luta e, ao ver tudo perdido, oferece corajosamente o rosto á morte, fazendo preceder simbólicamente a sua queda de todas as queixas de um homem que na vida só comeu o pão que o diabo amassou.

Ora, chegados aqui, podemos desde já tirar a lição deste episódio. Tal como o exemplo de Joana d'Arc já nos havia mostrado, a rebelião de Cade impõe a necessidade de contar com o povo no fazer da história. E tanto basta para que em Shakespeare o conceito do chamado «Grande Mecanismo» esteja ameaçado de destruição: forças há que surdamente conspiram contra ele, não sendo de rejeitar a ideia de que, dada a oportunidade, elas o possam desmantelar.

A história em Shakespeare não se pode conceber, por conseguinte, restritiva como o giro mecânico sustentado na tese restritiva de Kott, mas antes como um fluxo do devir, onde já se desenham as tendências de uma transformação das estruturas do Poder.

(Do ensaio *Shakespeare para o Nosso Tempo*, pp. 816-820.)

LUÍS DE SOUSA REBELO



Grace Metalious

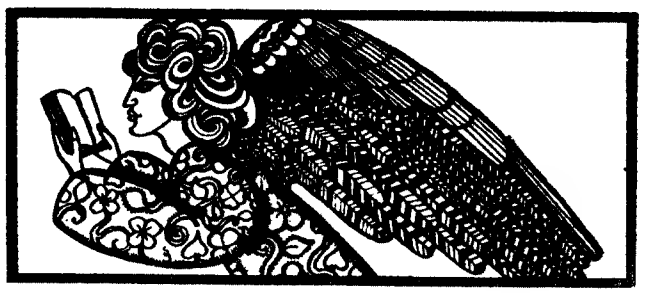
PARAÍSO SEM ADÃO
Romance de Grace Metalious
Tradução de Henrique Silva
Colecção Contemporânea — Portugália Editora

LEMBRAM-SE de **Amar não é pecado** (título, versão Arcádia Editora, de **Peyton Place**), de Grace Metalious? Êxito colossal, em livro e cinema (filme mediocre, ao que me dizem vozes autorizadas; não vi). Eis uma dama que não precisa de conselhos, sabe-a toda, usa receituário completo e garantido. Até dá gosto.

Paraíso sem Adão estará provàvelmente destinado a um êxito de leitura semelhante. Não passa, salvo o devido respeito, de uma folhetinesca xaropada, com as ousadias picantes **quantum satis** para manter o consumidor desperto e à espera de mais e melhor. Talento às carradas. Segurança na efabulação, no jogo dos caracteres, no enquadramento epocal e geográfico, no recorte das situações (com **flash-backs** oportunos), no acerto e sobriedade dos diálogos. Em suma: boa técnica. Se me permitem um símile, que excede a minha especialidade mas será lugar-comum sublinhar: aquilo mesmo que se costuma esperar num filme americano. A técnica ao serviço da banalidade, com frequência ao revés da mistificação. Nenhuma invenção, nenhuma ousadia a sério, nenhum **frisson nouveau** a espevitar, a marcar para sempre o leitor. Repito a pergunta: lembram-se de **Peyton Place**? eu quase nem nada e li-o todo. E só mais uma pergunta: era assim tão necessária esta edição portuguesa da obra de Grace Metalious? Que tenha público, acredito. Mas, sem contumácia de qualquer espécie, senti-me ao fechar o volume e esta nótula mais e mais arreliado.

MAR
Romance de Ligia Bastos
Edição da Autora, 1969, Porto

COISA ABORRECIDA esta: percorrer perto de duas centenas e meia de páginas do livro de uma estreante (e não só estreantes) logo nos atiçam à leitura sem que o recensor crítico possa ser acoimado de crueldade ou superior desdém por quem começa. Na verdade, há (pareceu-me notá-lo) em Ligia Bastos um acanhamento ou modéstia chamemos-lhe (à falta de melhor) **provincianos** mas sem papalvice, uma visão das realidades não isenta de espírito de observação se bem que os problemas que aflora pertençam ao banal do quotidiano citadino, «um pendor de verdadeira humanidade» (palavras do prefaciador, seu Pai) que nos coage à lástima mais do que à classificação **a** que o seu romance merecia. Principalmente, por ingenuidades de factura, lentidão exasperante, circunlóquios deslocados, sentido caricatural que peca, em clichés serôdios, de um possidonismo e, pior, puritanismo insuportáveis em 1969 — mesmo oriundos da Província



Se esta nótula não se destinasse apenas a informar os leitores do **D. L.** sobre o nível das obras que nos chegam à banca para recensão e se se tratasse de um Consultório Literário, atrevia-me a dar a Ligia Bastos algumas simples sugestões que, talvez, transformassem este **Mar** numa noveleta de costumes, pequenina e acessível, nem pior nem melhor do que muitas das suas confrades por aí publicam com aceitação benévola, em certos casos mais escandalosos até entusiástica e laureada. Assim, só lhe recomendo que as leia, revitalize o seu estilo, varra teias de aranha e preconceitos (já não estamos no tempo do **Feliz Independente** nem da **Toutinegra do Moinho**) e nos dê obra menos insignificante. Arreliados por si com a nossa literatura feminina, voltamo-nos à pressa para as saias da estranja.

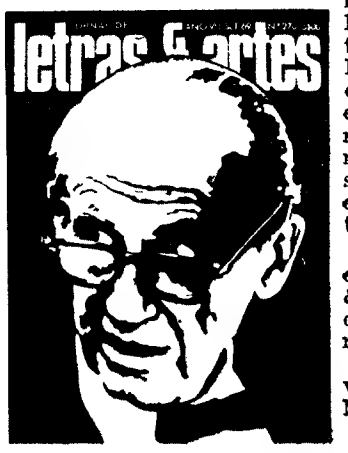
L. P.

«Letras & Artes»

UM «LETRAS & ARTES» arejado e interventor, este 270 agora publicado e referente a Setembro.

Já nestas colunas chamámos a atenção para a «viragem» positiva que foi processada na revista de Azevedo Martins pelos elementos que compõem a actual redacção. O «L & A» está, como nunca esteve, gràficamente apetecível (graças a Manuel Simões, artista que os leitores do DL já conhecem pelos «cartoons» últimamente publicados n'A MOSCA) e, também como nunca, vem demonstrando uma coerência de processos e um propósito de acção (cultural) que já o identificam (e o salientam) no conformista panorama das publicações literárias portuguesas.

Neste n.º de Setembro (quanto a nós, o mais equilibrado da fase que foi iniciada com o n.º 268) o «L & A» homenageia, oportuna e significativamente, Walter Gropius e o cineasta Leo McCarey: o primeiro através dos depoimentos críticos dos arquitectos portugueses Luís Noronha da Costa («Gropius morreu — os tecnocratas estão contentes mas não sabem quem ele foi») e Álvaro Cabral de Melo («Gropius de aqui») a que se juntam uma notícia biográfica sobre o justamente famoso arquitecto alemão e uma sua alocução («A árvore da vida contra a espiral da venda») pronunciada na «Royal Society of Arts», de Londres, em 9 de Novembro de 1961; e o segundo, de quem há pouco pudemos ver «O Alegre Mundo de Bucha e Estica» e «O Extravagante Sr. Ruggles», com um texto de António-Pedro Vasconcelos («Leo McCarey — 2 ou 3 filmes que eu vi dele»), uma selecção de opiniões suas a respeito do cinema e de alguns dos seus criadores e uma Biofilmografia.



Na secção «Exposições de Lisboa», Fernando Pernes escreve sobre Luís Noronha da Costa (exp. na «Quadrante»), Eduardo Nery (exp. na «Buchholz») e Bernardo Marques (exp. retrospectiva no S. E. I. T.). Manuel Gusmão prossegue o estudo, notável, «Da violência em poesia», iniciado no número anterior. Jorge Silva Melo escalpeliza, com justeza e brilho, a peça «A Maçã», de Jack Gelber, encenada por Carlos Avilez; e João de Freitas Branco no artigo «Lições Bartokianas em Budapeste», escreve sobre as leituras de Bartok e as suas relações com Zoltan Kodály.

As secções «Pare, Escute e Olhe» e «Um mês de L & A», de um tom crítico desassombrado, concluem o n.º do «Letras & Artes».

Há que contar com a revista. Há que pisar no acelerador.

S. L.

«Quando as atitudes se tornam forma»

Folhetim artístico de José-Augusto França

McLuhan: fazer arte é próprio do homem

...A ARTE muda de conceito, ou o conceito de arte.

Este é o título de uma exposição organizada na Kunsthalle de Berna e realizada depois em Krefeld — e agora em Londres, nas novas instalações do Institut of Contemporany Art, em pleno Mall, a dois passos do tradicionalíssimo render da guarda do Palácio de Buckingham.

Nada, porém, menos tradicional que estas «atitudes» tornadas «forma». Menos convencional, também, se poderá supor — recomendando-se, no entanto, atenção para o que, afinal, é apenas uma mudança de convenção. Que convenção toda a arte é, ou tudo quanto, necessàriamente codificado, o homem faça.

«Atitudes» — ideias, impulsos, se definem, então, ao nível material de algo (coisa, objecto, forma ou não-forma) que as traduz, com elas se confundindo numa imediatidade já antológica. O «ser» do criador aparece-nos aqui liberto de uma função psicológica, situação que logo provoca a anulação de critérios gestálticos. A «forma» tornada está fora deles voluntàriamente os ignorando.

Que «arte» é esta, então? Em que jogo se perdem ou ganham os seus autores, fora de definições históricas? Uma forma que o não é, que se recusa a sê-lo, e que se recusa, mesmo, a permanecer, tomando como valor (correspondente à imediatidade) uma *obsolescência* que nem sequer irónica é — uma «forma» assim, efeito de «atitude», pode definir uma «obra de arte»? E o seu processo genético pode definir uma «situação artística»?

É EVIDENTE que aos seus autores estas questões são indiferentes: eles estão empenhados numa antiarte. Mas, por isso mesmo, eles assumem uma responsabilidade no domínio estético, que antiarte é arte também, fatalmente. A posição polémica de «anti» depende, lògicamente (e experimentalmente), daquilo contra o que se define e marca. A «antiarte» está, indispensàvelmente, condicionada pela «arte» — e nestas obras mesmo não-de-arte é necessário ver, històricamente como estèticamente, o valor artístico. Porque elas *não podem ser* outra coisa senão arte. O dia chegará, anuncia o profeta Marshall McLuhan, em que tudo quanto o homem faça, em toda e qualquer categoria de actividade, possa ser considerado arte. Por outras e já mais aplicáveis palavras, todo o «environant» é artístico. Por um lado o defenderam os homens da Bauhaus, e essa mesma é a ética do «design»; por outro lado o entendeu a «Pop art», um em situação de reforma, outros em posição de crítica — ambos em polémica contra o mundo tal qual é. Mais longe levam os criadores de «atitudes» essa polémica, o recusarem (e tal é o fulcro da questão) o *valor-imagem*. Após a recusa do ícone, que marcou uma mutação na arte contemporânea, eis a imagem que é renegada, por inútil, num novo programa de relação arte-vida.

AS «formas» em que as «atitudes» se tornam regressam aparentemente à situação informal dos anos 50, em plena crise semântica — mas só aparentemente o fazem. Na realidade, encontramo-nos num ponto diferente: a forma de que se está tratando foi objectivada, deixou de resultar de um processo mental indirecto (que é, psicològicamente, o de toda a imagem), e passou a ser legível em quanto coisa, num directo universo de coisas, logo de valor ontológico.

Que coisa? Muita e variada.

Barry Flanagan, de Londres, encostou uns metros quadrados de pano a uma parede, segurando-os com três paus; Bill Bollinger, de Nova York, apoiou apenas uma rede contra a mesma parede; Giovanni Anselmo, de Turim, meteu dentro de um grande recipiente de bordos baixos uma massa branca pegajosa, da qual emerge meia-dúzia de tijolos; Sarkis, de Paris, encheu de água um outro recipiente de ferro; Jannis Kounelis, de Roma (sabemo-lo por fotografia exibida) levou para a Galeria L'Attico uma dúzia de cavalos e amarrou-os à parede, disso fazendo exposição; Alain Jacquet, de Paris, modelou um pequeno relevo sobre a parede, imitando escrupulosamente a textura desta, de modo a tornar apenas perceptível a sua intervenção; Robert Smithson, de Nova York, compôs um monte de terra dividido por espelhos em posição estrelar; outro, um monte de cinza, com pedras em cima; Bonce McLean, de Londres, estendeu pelo chão longas tiras de papel pintalgado; Paolo Icaro, de Génova, pintou com tinta branca transparente quase invisíveis listas numa parede já branca; Walter de Maria, de Nova York, propôs «Art by Telephone», colocando no chão um aparelho com o seu comprido fio, que toca de vez em quando; Michael Buth, de Colónia, estendeu longas cordas de uma parede a outra; Robert Morris, de Nova York, apresentou «esculturas de feltro», com tiras deste material enrodilhadas pelo chão e pela parede — obra semelhante a outra já recolhida nas colecções da Tate Gallery. As atitudes de Klein foram lembradas, Oldenburg mandou de Nova York os seus objectos pseudo-comestíveis — e de Antuérpia, ou da Índia, de Berne ou de Los Angeles, de Amsterdão, da Alemanha, de Massachussets ou de Itália vêm as 120 obras expostas.

Obras, apesar de tudo, num *conceito aberto* que se impõe.

Que se impõe há muito tempo já, e de maneira geral, no plano de uma criação poética post-romântica. Ainda há pouco vimos como Noronha da Costa valorizava o projecto sobre o objecto; há vinte anos, Vespeira escrevia «é mais importante o que acontece para que o quadro seja realizado do que o próprio quadro». Ao *fazer* opõe-se, assim, o *ser*, tal como os anarquistas desejam. Mas o *ser* surrealista, depois de pôr o inconsciente à mostra, transferiu-se, ou generalizou-se (lição hippy, se quizermos, mcluhaniamente) e tem uma *fixação exterior*, de menor dosagem catártica, que nesta exposição se traduz. A catarsis aristotélico-freudiana algo de novo está sucedendo, em nova convenção ou novo código, que impõe uma *neutralidade* de tendência totalizante às «atitudes» de cada qual...

...Resta acrescentar que a exposição do I. C. A. foi subsidiada pela Companhia Philip Morris, dos tabacos, numa linha de mecenato activo e, sem dúvida, inteligente e corajoso, que pode servir de exemplo.

Uma carta de Duarte Ivo Cruz

De Duarte Ivo Cruz, autor da obra «Introdução ao Teatro Português do Séc. XX», que foi analisada neste suplemento pelo nosso colaborador Carlos Porto, recebemos a carta que passamos a transcrever:

«Crítico de teatro há onze anos, de modo algum pretendo negar ao colaborador desse jornal, sr. Carlos Porto, o seu direito a uma crítica livre e independente. No entanto, o comentário intitulado *Qual Teatro?...*, assinado C. P., e dedicado ao meu livro *Introdução ao Teatro Português do Séc. XX*, que o suplemento literário do «Diário de Lisboa» publicou no passado dia 14 de Agosto, surge-me por tal forma ambíguo e contraditório, que se me afiguram úteis certos esclarecimentos para informação do público que por estes assuntos se interessa. Só por isso venho solicitar um pouco de espaço desse conceituado jornal.

Na verdade, o comentarista C. P., depois de assinalar o meu esforço e boa vontade, refere e lamenta que a *Introdução* «(...) sendo histórica, não seja, igualmente, crítica». Logo a seguir, porém, considera a mesma *Introdução* «excessivamente discutível (... mesmo perigosa), já que o autor procedeu a uma valorização arbitrária de certas obras e de certos autores», e, no final, acrescenta que o livro «deixa-nos desconfiados em relação à óptica que o autor teria utilizado, e em relação ao seu discernimento crítico». Afirmações como esta põe-me perplexo, pois referem-se a uma obra que (segundo o comentador) *não é crítica...*

Mais adiante, C. P. acusa-me de considerar «grandes dramaturgos», determinados autores da sua pouca simpatia; e refere ter eu, pelo contrário, esquecido ou não ter dado o devido relevo a outros dramaturgos, nomeadamente «àqueles a que, finalmente, nos habituamos a considerar (...) como os verdadeiramente grandes criadores do nosso teatro contemporâneo». Cabe aqui perguntar, para já, como se adquirem, e qual o alcance destes «hábitos críticos»: conhecem-se duas ou três obras, e habituamo-nos logo? Ou lê-se no jornal, ouvem-se os amigos dizer que determinado autor é bom, e fica, imorredoiro, um hábito de admiração? Por minha parte, recuso-me a ter desses hábitos: recuso-me a julgar um artista pela rotina qualitativa das suas obras, recuso-me a avaliar uma obra pela ideia pré-concebida que poderei fazer do seu autor.

De qualquer modo, C. P. indica um punhado de autores, aos quais eu não teria dado devido relevo, e compara o número de páginas ou linhas dedicadas a esses autores (que eu deveria ter o hábito de considerar grandes), com o número de páginas dedicadas aos outros, àqueles que eu não devo admirar. Assim, vê-se que os dramaturgos que C. P. se habituou a respeitar, são: Luís de Sttau Monteiro (a quem eu dedico «menos de duas páginas»), Cardoso Pires («duas linhas»), Luzia Maria Martins («quatro»), José Rodrigues Miguéis (! — «uma»), Miguel Franco («uma»). É curioso que, tirando Sttau Monteiro, a referência a todos estes dramaturgos inscreve-se no derradeiro capítulo da obra, onde se lê que «pouco nos resta, agora, para comentar e desse pouco, quase tudo se enquadra nas carreiras, e vocações, apenas no arranque inicial». Refiro-me, é evidente, ao teatro: pois repare-se, dos autores em causa, *todos eles têm apenas uma unica peça, tirando Luzia, que tem duas...*

De qualquer maneira, não se nega, no meu ensaio, o valor de algumas dessas peças. Estranha-se agora, no entanto, que o crítico C. P. ignore, ou não se tenha habituado a considerar grandes, certos dramaturgos que, por direito próprio, ocupam largo número de páginas da *Introdução:* Bernardo Santareno (quatro páginas), Luís Francisco Rebello (quatro páginas), Régio (seis páginas), Torga (três páginas), Alfredo Cortez (sete páginas), Almada (mais de três páginas), António Patrício (idem), Raul Brandão (quase cinco páginas). Estes dramaturgos, Carlos Porto não tem, ao que parece, o hábito de os admirar... ou, pelo menos, não o recomenda para uso de terceiros.

Parece-me que o cronista C. P. faz certa confusão entre o valor objectivo de cada dramaturgo, e a função cultural desempenhada no contexto evolutivo do nosso teatro. Ora, o meu livro não é uma tábua de valores: é, sim, uma tentativa no sentido de colocar, na perspectiva do teatro português do século XX, aqueles autores que, no seu tempo e na sua estética, alcançaram uma posição criadora, paradigmática, ou simultâneamente criadora e paradigmática. E isto, é evidente, situando os autores apenas como dramaturgos, não como escritores em geral. O caso de Rodrigues Miguéis, de Cardoso Pires, como de Virgílio Ferreira, de Jaime Cortesão ou de Aquilino Ribeiro surgem-nos flagrantes: grandes escritores, grandes romancistas, novelistas ou ensaístas, o seu teatro é breve e (tirando Cardoso Pires) muito pouco relevante.

Outros aspectos poderia, ainda, focar (por exemplo, uma confusão entre o poeta e dramaturgo João de Castro Osório e o jornalista e dramaturgo D. João de Castro).

Resta-me acrescentar, leio sempre que posso as crónicas e críticas teatrais assinadas por Carlos Porto, ou C. P. Parecem-me em geral interessantes, se bem que nem sempre esteja de acordo com o respectivo conteúdo: será por o seu autor expressamente ter reconhecido no «Diário de Lisboa» de 22 de Agosto último, que é «crítico amador», que «faz crítica nas horas vagas», pelo que «falar sobre teatro profissional» o coloca «numa posição de certo modo ambígua»?

Resposta de Carlos Porto

As considerações com que o Sr. Duarte Ivo Cruz rebate as afirmações contidas no meu comentário ao seu livro «Introdução ao Teatro Português do Século XX» em nada alteram a realidade dos factos em relação às virtualidades (ou sua ausência) da obra. Deixemos aos leitores o cuidado de eles próprios ajuizarem.

No que se refere ao meu confessado amadorismo, neste caso não tem nada de ambíguo (a ambiguidade provinha do facto de estar a debater problemas profissionais com profissionais). Suponho que o sr. Duarte Ivo Cruz é na qualidade de historiador de teatro tão amador como eu sou na qualidade de crítico, pelo que não existe lugar para nenhuma espécie de ambiguidade.

(Teatro) Pânico:

VEM AÍ ARRABAL

por Carlos Porto

A LEITURA do teatro de Arrabal constitui por si só uma experiência terrível mas transmite-me, ao mesmo tempo, uma desagradável sensação de impasse que provém, creio, da ambiguidade que o marca e que, à primeira vista, julgo intransponível. Ressalta essa ambiguidade do seguinte: o teatro do autor espanhol não é um teatro de texto, pelo contrário, é essencialmente uma proposta de teatro, não como uma prática burguesa, entenda-se, mas como uma cerimónia, uma festa ritualística e exorcismática em que dificilmente se poderá saber onde começa e acaba o elemento místico, o elemento erótico, o elemento escatológico. Em consequência este texto exige a sua encarnação que terá de ser assumida não só pelos oficiantes habituais como pelo próprio público.

Manuela de Freitas e Norberto Barroca: Arrabal em ensaio na «Casa da Comédia»

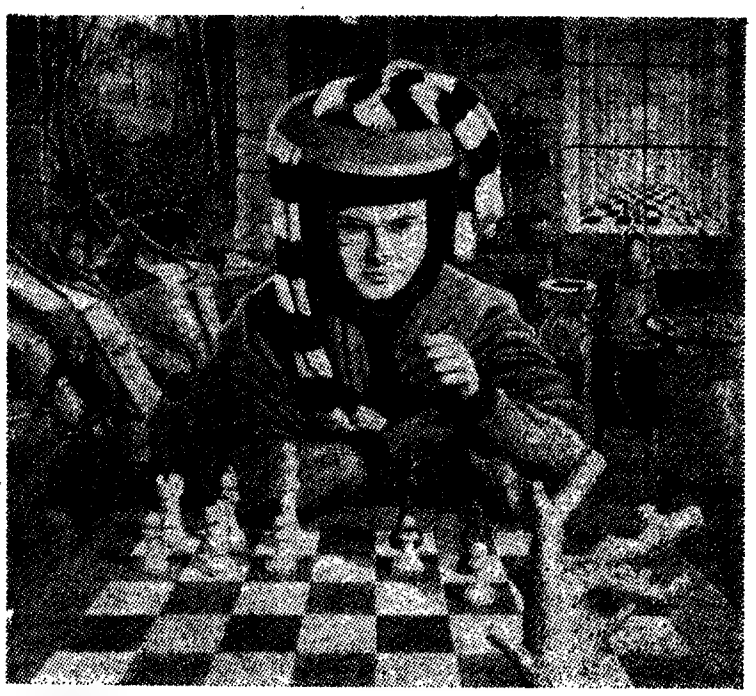
Todavia, não sou capaz de imaginar este teatro posto em cena de forma a levar até às suas últimas consequências (e só assim interessará verdadeiramente) as propostas nele contidas. Assim feito, um espectáculo Arrabal não poderia deixar de ser uma rotura tão completa com as nossas estruturas mentais, uma tão formidável agressão das estratificações dos nossos hábitos da nossa sensibilidade, do nosso «gosto» — dos nossos princípios —, que não sei como seria possível aguentá-lo sem soçobrar em plena loucura.

É claro que poderá haver um compromisso entre o que é sugerido nos textos de Arrabal e aquilo que a encenação realiza — poderemos então ter um espectáculo até interessante, vanguardista e tudo, mas que não poderá, suponho eu, deixar de constituir uma «traição».

Os limites deste teatro mágico, absurdo e excessivo escrito por Arrabal parecem-me contidos exactamente nesta impossibilidade de o tornar passível de uma leitura como espectáculo pois só como explosão purificadora se poderá efectivamente realizar.

Embora seja reconhecíveis neste teatro fronteiras já razoàvelmente tradicionais: o teatro de absurdo (Ionesco, no que diz respeito a problemáticas linguísticas; Beckett, no que se refere à modelação das personagens), Jarry, Genet, o surrealismo, Valle Inclán, não sei quem mais, a verdade é que Arrabal transforma todas essas possíveis influências em qualquer coisa de tão ferozmente pessoal que o seu teatro representa um universo paralelo cujo acesso implica riscos quase insuportáveis.

Agora que dois teatros marginais — a «Casa da Comédia» e o «Teatro Experimental de Cascais» — anunciam espectáculos com peças de Arrabal, aqui se propõem alguns textos que tentam facilitar a intrusão do leitor interessado mas não familiarizado, no universo arrabaldiano. Estes textos juntam-se assim aos artigos sobre Arrabal já publicados neste suplemento e para os quais remetemos os leitores: «Teatro Espanhol & Arrabal», por Josué da Silva (Supl. n.º 544/2-1-69); «Festas e Ritos do «Narcisismo», por Júlio Moreira (Supl. n.º 533/6-3-69).



ARRABAL:

O HOMEM PÂNICO

O HOMEM PÂNICO

(...) Nesse caso, qual o papel do artista em tudo isto?: O seu papel é o principal. O artista cria o inesperado. O artista cria, servindo-se de dois valores:

a) memória: em forma de biografia, de sensibilidade, de inteligência, de imaginação.

b) acaso: quer dizer, confusão, inesperado. Isto, a que uns chamam originalidade e outros, mais modestamente, genialidade.

(como vimos, na Mitologia, as musas são filhas do tempo — do acaso — e da memória).

Ao utilizar o acaso na sua obra, o artista é o único homem na Terra que procura iluminar o imprescindível, o futuro, o amanhã. O artista é, pois, uma vez mais, o magro, o profeta. O artista desde sempre criou sobre os dois problemas vitais fundamentais: encontrar os mecanismos da memória e as regras do acaso.

Quanto mais a obra do artista estiver informado pelo acaso, pela confusão, pelo inesperado, tanto mais rica, agitadora e fascinante será.

Uma visão do Mundo centrada nestes dois problemas chamar-se-ia, portanto, uma revisão PÂNICA. Pan=todo.

Eis aqui um programa possível, programa que, certamente, terá que ser transformado mais tarde.

ACTIVIDADES DO HOMEM PÂNICO:

— Arte.
— Jogo
— Festa.

(Algumas personalidades deste século, entre elas o admirável Tzara, atacaram a arte; por motivos já explicados, o homem panico toma parte na actividade artística).

TEMAS E FONTES DO HOMEM PÂNICO:

— Eu.
— Alegoria e símbolo.
— Mistério.
— Sexo (o h. p. não é erótico mas sim pornográfico).
— Humor.
— Criação de quimeras.
— A realidade até ao pesadelo (incluído).
— Sujidade e sordidez (tão humanas!).
— Aplicação do domínio do importante e limitação do campo do sério (quer dizer: aportação de noções consideradas desprezíveis no mundo dos «bem instalados» e paralelamente abalar os valores estabelecidos.

(Continua na 6.ª página)

ARRABAL VISTO POR...

GENEVIÈVE SERREAU

O TEATRO de Arrabal é um teatro de libertação, orientado voluntàriamente, não em virtude de uma ideologia explícita, mas por uma mera reacção de defesa vital e apenas com a arma do riso, para a libertação do homem. Há nele um incrível apetite de esperança, um apetite que não se encontra em Beckett, ocupado exclusivamente em esgotantes trabalhos de sapa. Arrabal está, pelo seu lado, encerrado na jaula dos leões. Tem medo. E, como as crianças que têm medo (como Charlot), ri: procurando, ao mesmo tempo, domar as feras para evadir-se do seu próprio medo. Este riso, um pouco crispado, que toma o público como testemunha de uma debilidade demasiado evidente para escondê-la, reconhece lentamente o seu poder e a sua eficácia. Na realidade, em princípio, basta rir de qualquer maneira, para que o riso, elevando-se, afirmando-se, se converta numa arma terrível (...)

O universo em que se movem as personagens de Arrabal é, incontestàvelmente, o mundo de hoje. A sua existência mesma é um desafio aos valores morais estabelecidos, à ordem que fundamenta as estruturas esclerosadas sobre aquelas em que se afunda docemente a nossa civilização.

Mas, geralmente, o universo de Arrabal pertence, também à infância (esta categoria desconhecida do pensamento e da linguagem) que, instintivamente, utiliza os valores propostos pelos sistemas dos adultos, com a única finalidade de apropriar-se do mundo, de medir-se com ele, de centrar sobre ele o seu insaciável apetite de viver.

Com uma ciência e uma precisão incomparáveis, Arrabal fala, como poeta, a linguagem nua da infância, directa como uma pedrada; linguagem cheia de sol, que não deixa nada atrás dela, nem sombras, nem segundas intenções, nem equívocos, nem falsos mistérios. A sobriedade extrema desta linguagem (como a sábia simplicidade da sua composição dramática) testemunha em Arrabal (excelente matemático) uma procura da forma pura que, no fim, encontraria na abstracção a beleza de uma forma algébrica ou de um desenho animado de McLaren. Desde já, a sua originalidade e a sua eficácia no domínio teatral é a de inaugurar um estilo cómico.

ROBERT KANTERS

Melhor que Beckett e que Ionesco, Arrabal revela um tom novo que lhe permite fundir humor e poesia.

MARTIS ESSLIN

O absurdo do mundo de Arrabal não nasce (...) do desespero do filósofo que tenta penetrar os segredos da existência, mas de personagens que vêem a situação humana com olhos de simplicidade infantil, que não compreendem o que vêem. Como as crianças, as suas personagens são, por vezes, cruéis, porque não compreenderam, ou nem sequer notaram, a existência de uma lei moral. Também como as crianças, sofrem as crueldades do mundo como flagelos incompreensíveis (...).

A preocupação de Arrabal com o problema da bondade, com as relações entre o amor e a crueldade, a sua análise de todos os critérios éticos consagrados pelo ponto de vista de um inocente perfeitamente pronto a aceitá-los, desde que os possa compreender, tudo isso lembra os vagabundos de Beckett de «À Espera de Godot». Arrabal, que insiste no facto da sua obra, expressa os seus sonhos e as suas emoções pessoais, reconhece a sua profunda admiração por Beckett.

CHARLES V. AUBRUN

Não se vem ao teatro para olhar, dormitar, pastar, ruminar. Aqui o espectador — o que espreita — não tem nada que fazer aqui. É indispensável entrar no jogo; é necessário arder com os actores, jogar-se a si próprio.

A operação é muito simples. As pequenas cenas trágicas e *guignolescas* que tramam e tecem a nossa vida mental e o nosso comportamento quotidiano, os esboços de farsas que rebentam com o ordinário, como bolhas, à superfície da nossa conduta real, os nossos projectos histriónicos, os nossos discursos ocultos, os nossos actos recalcados, e as virtualidades infinitas da nossa natureza, toda esta imaginária luxuriosa e virgem aparece subitamente à nossa frente sobre os palcos, imaterial como a nossa sombra, e, todavia, tão concreta que o conjunto oscila e transforma-se: é a nossa débil realidade vivida que se torna na sombra derrisória deste mundo imaginário.

Eis porque estou aqui. Eis porque amo o teatro de Arrabal. Quase que não há outros que assegurem tão radicalmente a purgação das minhas paixões, como diria Aristóteles.

ALAIN SCHIFFERS

Arrabal, admirador de Goya, de Valle-Inclán, de Bunuel, permanece antes de tudo um espanhol, guloso de ritos macabros, grotescos, eróticos. Místicos e sacrílegos ao mesmo tempo.

AS VERDADES POSSÍVEIS

Entrevista com Helder Macedo

Helder Macedo: tentar corrigir as regras

HELDER MACEDO nasceu em 30 de Novembro de 1935. Viveu até aos 12 anos em Moçambique e dos 12 aos 22 em Lisboa. Vive em Londres desde 1960.

Colaborou, sobretudo entre 1957 e 1959, em diversos jornais e revistas portugueses com poesia e crítica literária. Foi um dos organizadores de «Folhas de Poesia» em 1957. Está incluído na «Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa» (Colecção Círculo de Poesia — Livraria Morais), e na «Antologia da Poesia Portuguesa do Pós-Guerra» (Colecção Poesia e Ensaio — Ulisseia).

Publicou dois livros de poemas — «Vesperal», em 1957 (Colecção Folhas de Poesia), e «Das Fronteiras», em 1962 (Colecção Pedras Brancas); o terceiro, «Poesia (1957-1968»), sairá brevemente na Colecção Círculo de Poesia, da Livraria Morais.

DL — A longa permanência lá fora parece ter quebrado em Helder Macedo, o homem e o poeta, o contacto com o público leitor, se não mesmo com a problemática (sociocultural) do país de origem...

HM—Sim, vivo há quase dez anos em Londres e desde 1962 que não publico nenhum livro em Portugal. Mas tenho continuado a escrever — e residir no estrangeiro não significa que não continuo atento e activamente empenhado no que se passa em Portugal. E não se trata de qualquer ligação sentimental de exilado voluntária á pátria distante, nem de nenhuma outra atitude de igual ineficiência esteticista. Simplesmente o país é meu e eu sou dele. Não gosto nem desgosto que assim seja — não tenho escolha. Mas este simples facto significa que a maneira como o país se exprime me diz respeito e que a minha expressão é dele. Nem ele tem outra alem da que lhe derem os portugueses que têm — e até que não têm — alguma coisa a exprimir. Não estou, é claro, a falar apenas em expressão artística que é uma entre muitas formas possíveis de expressão. O que quero dizer é que não há países em abstracto. Há pessoas com uma tradição comum e a obrigação, sob pena de morte por sufocação, de transformar, isto é, de manter viva essa tradição. Mesmo que por razões objectivas ou subjectivas, precisem de fazê-lo de fora.

DL — Retira, portanto, á expressão (ou á actividade) artística um carácter primordial quando afirma ser ela uma das muitas formas possíveis de expressão...

HM — Não dou á actividade artística mais importância do que a qualquer outra actividade. Dou-lhe a importância de coisa única que ela é — que não pode ser substituída nem é substituta. E se pode ser substituída é melhor substituí-la logo. Se se pode, por exemplo, dizer em conversa o que um poema diz, não vale a pena perder tempo com o poema e é melhor conversar. E convenhamos que é muito mais interessante fazer amor do que escrever versos ácerca de fazê-lo ou não fazê-lo tê-lo ou tê-lo feito, ir ou não ir fazê-lo. Não há nada mais irrelevante do que o «caso pessoal». Um poema tem o direito de ser tudo menos irrelevante porque é, ou deve procurar ser, um veículo para conhecimento. No entanto só o veículo pode estabelecer aquilo em que esse conhecimento consiste. O que significa que a estrutura dum poema não lhe pode ser imposta, mas tem de ser estabelecida pelo próprio poema. O contrário disto é, salvo erro, o academismo — que pode muito bem aparecer com a máscara do experimentalismo. O que se chama experimentalismo pode ser, ou não, experimental conforme a estrutura proposta por uma obra pertença apenas, ou não a essa obra.

DL—Sendo assim, o que entende por experimentalismo?

HM — Quanto a mim, experimentar, em arte, é tentar modificar a percepção do mundo. Em política, tentar modificar a organização social do mundo. Em ciência, modificar o mundo. Todas estas actividades são necessárias, válidas em si mesmas, e estão relacionadas umas ás outras. São paralelas, reflectem-se. Mas nenhuma pode tomar o lugar da outra.

DL —E em relação, concretamente, á sua obra?

HM —Estou interessado, na minha poesia, em encontrar a maneira certa de cada poema de acordo com as exigências do seu significado. Por outro lado, sou incapaz de escrever um poema sobre o que possa solucionar sem o escrever. Procuro, assim, em cada poema instituir um todo orgânico que construa uma hipótese estruturada sobre o que desconheço. Neste sentido, e só neste, a minha poesia é experimental. Não procuro nela, mas através dela. É essa procura que me instituí como poeta. Uma procura que no entanto, não visa a encontrar verdades absolutas, coisa que não concebo, mas a estabelecer verdades possíveis.

DL — «Estabelecer verdades possíveis»: sob que signo, por que vias?

HM — Comecei a escrever aos 11 anos. Dos 11 aos 20, fiz poesia subjectiva — isto é, queixei-me ou alegrei-me em verso. No meu primeiro livro, já a minha subjectividade não era o objecto da minha poesia. Tinha percebido que ninguém é significativo enquanto excepção mas apenas enquanto exemplo. Aliás não há excepções. O que pode haver é regras erradas. Por isso troquei o halo do poeta de eleição pelas ferramentas profissionais que me permitissem tentar corrigir as regras. De então para cá, essa tentativa tem sido o único propósito e a única justificação da minha poesia.

DL — Como é que um poeta português (Helder Macedo) observa a paisagem humana (de Londres) onde se encontra integrado?

HM — Gosto de viver em Londres. É uma cidade capaz de tomar não importa que forma. É como um universo inventado por Bernardim Ribeiro, toda a gente veio de longe e a paisagem é a projecção da imaginação de cada um. Até esta coisa absurda de falarem inglês — quando é óbvio que os ingleses não têm a ver com Londres mais do que qualquer outro londrino—ajuda a ficção. Dá o ar de que é tudo para ser filmado e que, mais dia menos dia, vão mudar o cenário, para o próximo filme. Os londrinos são gregos, chineses, italianos, irlandeses, africanos australianos espanhóis, indianos, portugueses e até ingleses—cada um inventando a sua própria paisagem. Isto convém-me, torna mais normal escrever numa língua que ninguém fala á minha volta. Toda a gente, aqui, tem uma língua que alguém á sua volta não fala. Por isso é que todos concordaram na utilidade de usar apenas uma delas para ir á rua. Quanto aos ingleses, são excelentes organizadores mas cada vez têm menos para organizar. E como não gostam de ser eles a fazer, sentem-se um pouco desempregados, de momento. Mas fica-lhes bem. Descobriram que os quatro séculos de puritanismo que têm na cabeça foi uma enorme perda de tempo. E deixaram de querer ter razão, que é o melhor que pode acontecer a alguém.

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

O «LETRAS & ARTES» AO ATAQUE

O último número (270, Setembro de 1969) do «Jornal de Letras & Artes» gràficamente renovado, abriu o tiro em leque. Para já, e só no campo literário registamos as seguintes salvas: «o mais reeditado cadáver do nosso romance» (Fernando Namora); «poeta que da nossa praça se agiganta. Até à televisão, deve ele pretender que este livro é mais um contributo seu para o desforço do povo, o que é mais um descarado truque demagógico, muito nítido em certos poemas» (José Carlos Ary dos Santos); «patriarca da sátira (...) que com o seu último livro se deitou definitivamente á sombra do seu próprio mito» (Alexandre O'Neill); «caiu redondinho no chão (...) tudo é inábil e inconsequente na sua poesia» (Armando Ventura Ferreira); «morre apesar do diagnóstico em contrário do *Século Ilustrado* em 61 e do Eduardo Prado Coelho que ainda a quer salvar em 1969» (Carolina Lima Vaz); «tem uma morte virada para um surrealismo irresponsável» (Fernando Grade); «Anjo da Guarda da mediocridade» (Eduardo Pado Coelho); «escreveu uma anódina parvoíce teórica, quando se poderia supor que é capaz de melhor» (Natália Correia). *«Não há morte nem princípio»*, de Mário Dionísio, é mimoseado pela etiqueta de «romance que vem revelar o que era o falhanço pressentido de Abelaira».

PIERRE EMMANUEL

De um dos maiores poetas vivos franceses, Pierre Emmanuel, saíram reedições de dois volumes de versos: *«Poèmes de guerre»* (Seghers, 6 frs.) e *«Babel»* (Desclée de Brouwer, 24,90 frs.). *«Poèmes de guerre»* junta na mesma capa as «plaquettes» *«Combats avec tes défenseurs»* e *«La liberté guide nos pas»*, produtos da Resistência. *«Babel»* data de 1951 e é agora acrescentado de um prefácio do autor. Ao mesmo tempo as Éditions du Seuil lançam dois poemas longos de Emmanuel, *«Notre Père»* e *«Beatitudes»*, num luxuoso caderno com ilustrações de Loo.

JORNADAS DE POESIA

«Poésie Vivante», que a si própria se classifica como «uma tribuna internacional de poetas», organiza de 14 a 17 de Novembro, em Charleroi, Bélgica, as III Jornadas Internacionais de Poesia. O programa dos quatro dias inclui uma homenagem ao poeta belga Marcel Thiry e debates sobre «Perspectivas da poesia», poesia dialectal, ciência e poesia, problemas da tradução e o francês como língua de trabalho. A mesma *«Poésie Vivante»* acaba de propor para o Prémio Nobel da Literatura o poeta checoslovaco Ondra Lysohorsky. Ora bem, quanto a isso...

SENGHOR PARA O «NOBEL»?

Será Léopold Sédar-Senghor o próximo «Nobel» da Literatura? Pelo menos fazem-se grandes apostas no seu nome, aliás já citado em ocasiões anteriores.

Os leitores do Prontuário podem anotar entretanto mais oito possíveis: Aimé Césaire,

Samuel Beckett, Giuseppe Ungaretti, André Malraux, Pablo Neruda, o australiano Patrick White e o norueguês Tore Viggen. A circunstância de Césaire ser também muito citado parece indicar que a Academia de Estocolmo descobriu a poesia africana (ou afro-americana) de expressão francesa, o que pode ter as suas consequências: levar outro «Nobel» para o Terceiro Mundo.

MAX AUB EM ESPANHA

«Escritor espanhol e cidadão mexicano», o famoso romancista Max Aub (n. Paris, 1903) voltou agora a Espanha para escrever uma biografia de Luís Beñuel. Exilara-se em Fevereiro de 1939. Desde então tem vivido no outro lado do Atlântico. Título significativo no suplemento literário do *«Pueblo»*: «no le mitifiquemos con beatería; no le demitifiquemos bárbaramente.»

VITRINE DO MÊS

OBRAS QUE SE RECOMENDAM

GRACE METALIOUS

PARAÍSO SEM ADÃO

Pela autora de **PAYTON PLACE**, um livro que representa a consagração de Grace Metalious: pela ousadia do tema, singeleza comunicativa do enredo, a dramaticidade aberta e latente, **PARAÍSO SEM ADÃO** é talvez o ponto mais alto da obra da popular romancista.

Col. **CONTEMPORÂNEA** — 356 págs. — 65$00

ANATÓLIO SCHWARZ

O CÓDIGO DA VIDA

Fundamentalmente consagrado a um dos mais apaixonantes problemas da biologia — **o enigma da hereditariedade — O CÓDIGO DA VIDA** aborda ainda, numa linguagem clara e acessível, entre outros temas de candente actualidade: a transplantação de órgãos, a cura das doenças do coração.

Col. **PROBLEMAS** — 248 págs. — 45$00

ENZO BIAGI

CREPÚSCULO DOS DEUSES

Uma amálgama impressionante de reportagem e evocação dos anos sombrios do hitlerismo: as vozes de Dönitz, Paulus, Rommel; Himmler e Göring; e o reverso da medalha — Anne Frank, Ernest Wiechert, e tantas vítimas anónimas.

Col. **DOCUMENTOS HUMANOS** — 184 págs. — 40$00

ALMEIDA GARRETT

FOLHAS CAÍDAS

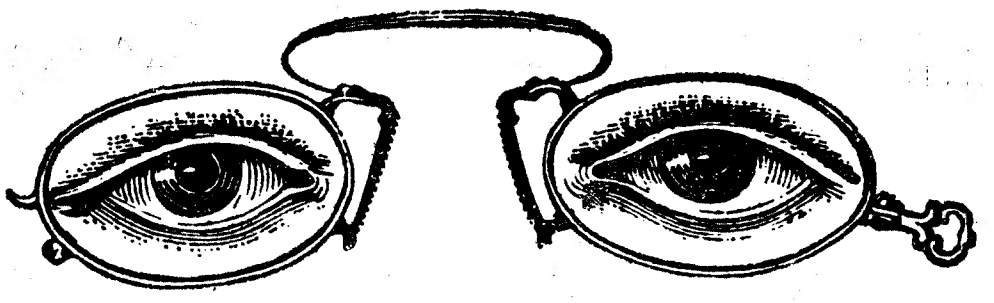
Do brilhante e extenso estudo introdutório de José Gomes Ferreira, datado de 1954, citam-se as palavras de Garrett de apresentação a **FOLHAS CAÍDAS**: «Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais deles do que de nenhuns outros que fizesse».

OBRAS LITERÁRIAS DE ALMEIDA GARRETT — (2.ª edição) — 166 págs. — 50$00

PORTUGÁLIA EDITORA

AV. DA LIBERDADE, 13-3.º LISBOA

Entrevista com José Atalaya



(Continuação da 8.ª página)

ca a «ilustrarem» as reportagens espaciais. Outras dimensões espaciais vieram dar novos significados ás distâncias terràqueamente internas e de significados meramente terrestres

No entanto:

Creio que não há necessidade de divorciar inteiramente a música electrónica dos instrumentos e sistemas de composição tradicionais. Devo acrescentar que a maioria dos compositores de música electrónica não pensa assim. Inclusive o próprio Grossi...

As «VARIANTES RÍTMICAS» estão baseadas nas primeiras notas de uma canção popular portuguesa: «Água do Rio Que Lá Vai».

Utilizou algum instrumento tradicional?

— Não. Apenas 4 sons sinusoidais, correspondentes ás notas LA, MI, FA, SOL, (ou seja, respectivamente, 440; 659,2, 698,5; 784 ciclos/segundo). A partir desses quatro sons obtidos no gerador de frequências, fiz uma composição que dura apenas 4 minutos, mas que significou quase 40 horas de laboratório. Tive depois a satisfação de saber que este estudo sobre variantes rítmicas tinha sido escolhido para a apresentação anual da actividade do estúdio, juntamente com obras de autores já consagrados, como Albert Mayr, Riccardo Andreoni Mauro Mortolotti, que iriam estar presentes dai a dias no Congresso Internacional dos centros experimentais de música electrónica.

DA ESTRUTURA DA OBRA:

— Ouve-se de início a primeira parte do tema popular, sem qualquer deformação rítmica ou melódica. É como que a apresentação do tema na música tradicional. Valorizei contudo esta linha melódica de sons sinusoidais com a sobreposição daquilo que os italianos chamam de «suoni colorati» (sons coloridos). Trata-se de aplicar a um gerador de «som branco», que produz um sinal com densidade de espectro uniforme e que contém todas as frequências compreendidas entre 20 e 20 000 Hertz, um dispositivo de filtragem através do qual podemos «isolar» frequências compreendidas entre 5/8 do tom. Relacionei estes sons coloridos em ciclos de quintas. Assim a apresentação do tema é envolta em sonoridades que não poderiam ser obtidas por qualquer instrumento musical.

Depois:

— Seleccionei 4 entre dezenas de variantes obtidas prèviamente com o temporizador por forma a dar ao discurso musical uma ordenação lógica e estética. Fiz sobreposições, que fizeram gerar situações harmónicas as mais variadas. Ao modificar as velocidades dos magnetofones podemos abordar o campo da politonalidade com resultados surpreendentes, como imagina As primeiras articulações rítmicas baseiam-se em sucessivos intervalos correspondentes aos sons lá-mi, mi-fá, fá-sol. Depois a articulação rítmica insere-se na própria melodia. Segue-se os efeitos de pluri-tonalidade e, por último, articulações rítmicas do acorde LA-MI-FÁ-SOL, com complexas operações de filtragem que não posso descrever aqui. No final há uma subtil e ténue evocação do tema, com o regresso a utilização do som branco filtrado. Creio que, por não se ter feito nada no género, naquele estúdio, e, apesar de pouco ortodoxa (uma escala menor era a base da composição) é que o trabalho veio a público.

— A obra foi alguma vez ouvida, na nossa terra?

— Foi uma vez na televisão, numa série de programas que produzi para o IMAVE relacionados com a música electrónica.

— Não acha que há uma certa divergência entre a música de vanguarda instrumental e a electrónica, na medida em que a primeira caminha para uma cada vez maior mobilidade e variabilidade das estruturas enquanto a música electrónica fixa na banda magnética adquire uma permanente imutabilidade?

— Não creio que possamos negar a validade pelo facto de não poderem ser interpretadas. Uma obra de música electrónica dispensa o intérprete, é como um quadro ou uma escultura. No entanto admito que sobretudo, por meio do emprego de computadores possa chegar-se a um estado e M El., igualmente sujeita ao intérprete.

DO EMPREGO DE COMPUTADORES:

— Assim como, hoje, o homem de ciência não os pode desprezar, num futuro muito próximo o músico consciente da sua missão, servir-se-á tão naturalmente do computador como Beethoven do piano. É bem significativo, a este respeito, que o Conservatório Luigi Cherubini, de Florença, já tenha iniciado, em Janeiro, cursos de música electrónica, mediante o emprego de computadores. Os cursos são gratuitos e aceitam-se inscrições de estudantes estrangeiros, dado que na Europa o Conservatório de Florença é um dos mais adiantados no campo da pedagogia.

— Seria então possivel que estudantes portugueses frequentassem os cursos de Pietro Grossi?

— É necessária uma preparação básica de que certamente muitos compositores portugueses dispõem. O que eu fiz, o pouco que eu fiz, está perfeitamente ao alcance de compositores como Jorge Peixinho, que já trabalhou nisso na Holanda, ou de Joly Braga Santos que tomou contacto com o estúdio de Scherchen. A técnica dos computadores está no início, mas é de tal modo aliciante o manancial das suas possibilidades, que mereceria a pena que alguns bons músicos portugueses ampliassem ou recordassem um pouco os seus conhecimentos de matemática e se interessassem numa técnica que permite em poucos segundos fornecer material utilizável estèticamente e que num laboratório vulgar, levaria meses e anos a realizar, mesmo que se disponha dos meios electrónicos considerados aperfeiçoadissimos há dez anos. Refiro-me aos estúdios de Colónia ou de Pierre Schaffer em Paris. Em pouco tempo todo esse material estará quase obsoleto. Para lhe citar um exemplo concreto, bastar-me-ia referir aos resultados obtidos por Grossi aplicando a informática a um CAPRICHO de PAGANINI e às INVENÇÕES a 3 vozes de BACH. É bem possível que Grossi venha a Portugal em breve, a convite do Instituto Italiano de Cultura e nos mostre tal como fez recentemente em Inglaterra, na Alemanha, na Suiça e na França, até que ponto a Itália está adiantada nesse campo, podendo já quase competir com os Estados Unidos.

— Em Portugal, julga que o Conservatório, a Emissora Nacional ou a Fundação Gulbenkian se poderão interessar pròximamente?

— Música Electrónica e computadores no nosso Consertório?!!!

— Sim, o nosso Conservatório é mesmo de conserva.

— ... Quanto à Emissora Nacional e à Fundação Gulbenkian com o tempo veremos.... Por enquanto apenas divulgação e em doses muito racionadas.

Há que vencer a inércia dos próprios músicos (alguns, não todos evidentemente...) que não conseguem conciliar a sua formação profissional baseada em Bach, Beethoven, Stravinsky Schöenberg com os dados que lhe são fornecidos pela electrónica São dois mundos perfeitamente conciliáveis. Eu pela minha parte continuo a amar o meu Verdi, o meu Mozart, o meu Beethoven — como tenho evidenciado na minha actividade de chefe de orquestra — o que em nada pode limitar a minha aceitação plena dos recursos da máquina, maravilhosa evidentemente!

Estou convencido que dentro de muito pouco tempo, será desnecessário falar de «musica electrónica». Haverá apenas MÚSICA. O emprego de meios electrónicos será tão banal como o do clarinete e contrabaixo numa orquestra sinfónica Para quê então a designação de «música electrónica?»!

JOSÉ ALBERTO GIL

O Homem Pânico

(Continuação da 4.ª página)

— Emprego de todos os postulados, todas as filosofias, todas as morais (reivindincando o que cada uma delas é conveniente).
— E, claro está, acima de tudo:
— Acaso.
— Memória.
— Confusão.

FORMA DA OBRA ARTÍSTICA DO HOMEM PÂNICO

— Anti-«suspense», pro-epopeia.
— Fatal ambiguidade (e não ambiguidade fatal).
— Anti-ironia.
— Contradição.
— Matemáticas e sistematismo.
— Adaptação das formas clássicas provocando as de hoje, e vice-versa.

CARACTERÍSTICAS DO HOMEM PÂNICO

— É o homme «sensato» («l'honnête homme») do seu século.
— Talento louco.
— Entusiasmo lúcido.
— Polifacetismo renascentista.
— Repele a aventura arriscada (não se suicida, por exemplo).
— Exerce uma crítica do conhecimento ao mesmo tempo que procura os seus mecanismos.
— E acima de tudo REPELE O GRAVE.

ARTE DE VIVER DO HOMEM PÂNICO:

— Amor à vida, cobardia, etc.
— Culto da felicidade.
— Ternura e bondade porque são úteis e agradáveis.
— Morais no plural. Repelindo assim uma moral única, a pureza e outras fórmulas policiais que acabam por conduzir à condenação (por exemplo, ao extermínio quando se trata de uma moral política, à «exclusão» quando se trata apenas de uma moral de movimento literário ou artístico) de quem não as pratica.
— Antipureza, portanto.
— Conforto na liberdade.
— Solidão em grupo sem torre de marfim.
— Aceitação de concepções e de artes de viver totalmente opostas às suas.
— O herói panico é o desertor.

FANTASMA DO HOMEM PÂNICO:

— Paranoia (e não esquisofrenia).
— Megalomania e modéstia.
— Desesperança mas não angústia.
— Enfermidades e deformações.
— Ciúmes, fetichismo, necrofilia, etc. Mitologia (tudo o que se ama).
— Mitomania.

O HOMEM PÂNICO CULTIVA ALGUNS LUGARES COMUNS:

— Humanismo, universalismo, progressismo, pacifismo, antirracismo, arreligiosidade, apatriotismo, etc.

PAN: tudo.

PAN: Deus grego. Na sua infancia era brincalhão, mais tarde assustava os homens com as suas bruscas aparições.

DEFINIÇÃO:

O panico (nome masculino) é uma «maneira de ser» presidida pela confusão, pelo humor, pelo terror, pelo acaso e pela euforia. Do ponto de vista ético, o panico tem como base a exaltação da moral no plural e do ponto de vista filosófico o axioma: «a vida é a memória e o homem é o acaso». O panico realiza-se na festa panica.

Na mesma época, os escritores Jodorowsky, Topor e Sternberg e os pintores Gironella e Romero chegavam por caminhos surpreendentemente paralelos as mesmas conclusões. Outros escritores e artistas mostraram-se próximos das nossas posições. E hoje em dia vê-se com frequência o subtítulo «obra panica», «livro panico», etc. Previno-os desde já: «panico» não é um grupo, nem um movimento artístico ou literário, pretende ser uma «maneira de ser», «um estilo de vida», «uma forma de acção».

ARRABAL

Excerto de uma conferência proferida na Austrália em 1962
In «Fernando Arrabal» — Col. «Primer Acto».

Richard Matheson | DIÁRIO DE UM MONSTRO

RICHARD MATHESON, o autor de *«I am Legend»*, romance antidrácula que renegou em português as boas virtudes do título e passou a chamar-se *«Mundo de Vampiros»*, é um contista apreciado nos Fiction de todas as línguas A fama dos seus primeiros tempos deve-a porém ao *«Diário de um Monstro»*, onde a força do estilo cuidadosamente primário ajuda ao monólogo de um infeliz mutante. Conquistado um lugar ao sol da ficção-científica, RICHARD MATHESON passa a publicar com regularidade os seus textos (e vários deles até lembram Kafka aos críticos da especialidade), a viver à maneira do bom americano, na roda dos filhos e muito preocupado com os afazeres de fazendeiro.

X. — A mamã hoje disse que eu era um monstro. Tu és um monstro disse ela. Bem vi a zanga que havia nos olhos dela. Pergunto a mim mesmo o que é um monstro.

Hoje caiu água lá de cima. Caiu por todos os lados, vi muito bem. Vi a terra da janela. A terra bebia água. Era como se fosse uma boca cheia de sede. Bebeu agua e ficou suja. Não gostei nada.

Sei muito bem que a mamã é bonita. Aqui no sitio onde eu durmo com todas as paredes a fazerem frio à minha volta, tenho um papel e ele esteve mesmo para ser comido pelo fogo quando ficou preso no irradiador. Lá no alto há *Filmes e Vedetas* que têm figuras de outras mamãs. O papá disse que elas são bonitas. Disse uma vez.

E também disse que a mamã é bonita e eu tenho bom aspecto. Mas olha lá para ti e depois vê disse ele com aquela cara feia de quando vai bater. Agarrei-lhe no braço e disse: cala a boca papá. Ele deu um puxão no braço e depois foi para longe. Para onde eu não podia chegar.

Hoje a mamã desprendeu a corrente um bocado e eu fui até à minha janelinha. Foi assim que eu vi a terra beber água lá de cima.

XX.— Hoje estava amarelo lá em cima. Já sei que os olhos doem quando eu olho. Quando olho fica vermelho na cave.

Julgo que era à igreja. Eles fogem lá do alto. São engolidos pela máquina grande e depois ela foge. Atrás fica a mamã pequena. É muito mais pequena do que eu Eu cá sou muito grande É segredo eu parti a corrente da parede. Posso ver quando quiser a janelinha.

Hoje quando já não estava amarelo lá no alto comi a minha comida e depois também comi baratas. Ouvi risos lá em cima. Gosto de saber o que são aqueles risos. Tirei a corrente da parede e andei à roda. Fui sem fazer ruído até à escada que vai lá acima. Ela chora quando eu estou a pisar nela. Eu subo com as pernas a arrastar porque não posso andar em cima dos degraus Os meus pés agarram-se à madeira.

Depois da escada abri uma porta Era um lugar branco como o branco que às vezes costuma cair lá do alto. Entrei e fiquei sem fazer barulho. Ouvia risos mais fortes. Andei para os risos e abri um bocadinho a porta e depois entrei. Havia pessoas. Nunca vejo pessoas. É proibido ver. Eu queria estar ao pé delas e rir também.

Depois veio a mamã e fechou a porta em cima de mim. A porta bateu-me e doeu. Caí no chão e a corrente fez barulho. Gritei. A mamã deu um assobio dentro dela e pôs a mão na boca. Os olhos ficaram grandes. E depois ouvi o papá chamar. O que é que caiu disse ele. E ela disse: nada uma travessa. Vem ajudar a apanhar os bocados disse ela. Ele veio e disse é tão pesado que precisas. Bateu-me. A minha água correu de um braço. O chão ficou todo verde. Era uma porcaria.

O papá disse: volta para a cave. Eu queria voltar. Os meus olhos doíam da luz. Na cave não doem.

O papá amarrou-me à cama. Lá em cima houve risos muito tempo. Eu não fazia barulho e olhava para uma aranha toda negra a correr em mim. Pensei no que o papá tinha dito. Ó meu deus disse. Ele só tem oito anos.

XXX. — Hoje o papá tornou a prender a corrente na parede. Tenho de experimentar a partir outra vez Ele disse que era muito mau por ter fugido. Não tornes disse ele porque senão eu bato até fazer sangue. Depois senti muitas dores.

Dormi durante o dia e depois encostei a cabeça à parede que faz frio. Pensei no lugar branco lá de cima. Doía.

XXXX. — Tornei a partir a corrente da parede. A mamã estava lá em cima. Ouvi risos muito fortes. Olhei pela janela. Vi muitas pessoas pequeninas como a mamã e também papás pequenos. São bonitos.

Faziam muito barulho e corriam por todo o lado. As pernas deles andavam muito depressa. São iguais ao papá e à mamã. A mamã diz que todas as pessoas normais são assim.

Depois um dos papás pequenos olhou para mim. E mostrou a janelinha. Eu saí e desci pela parede até abaixo Encolhi-me no escuro para eles não verem. Ouvi falar ao pé da janelinha e ouvi pés correrem. Lá em cima bateu uma porta. Eu ouvi a mamã pequena que chamava lá em cima. E depois ouvi passos grandes e fui a correr para a cama. Pus a corrente na parede e deitei-me para baixo Ouvi a mamã vir. Ela disse estiveste à janela. Ouvi zangado Não se pode ir à janela disse ela. Partiste outra vez a corrente.

Agarrou na bengala e bateu-me. Eu não chorei. Não sei chorar Mas a minha água molhou a cama toda. Ela viu e fez um barulho com a boca e foi para longe. Ela disse: Ò meudeus meudeus por que fizeste isto? Eu ouvi a bengala cair no chão. A mamã correu e depois foi lá para cima. Dormi todo o dia.

XXXXX. — Hoje houve outra vez água. A mamã estava lá em cima e ouvi a mamã pequena descer a escada devagarinho. Escondi-me na caixa do carvão porque se a mamã pequena me visse ficava zangada

Tinha um bicho pequeno com ela As orelhas tinham bicos. A mamã pequena dizia coisas ao bicho.

Depois o bicho vivo sentiu-me. Correu para o carvão e olhou para mim. Levantou os pêlos. Fez um barulho zangado nos dentes. Eu assobiei para ele fugir mas ele saltou para cima de mim.

Eu não queria fazer mal. Eu tive medo porque ele mordeu ainda mais forte que os ratos. Eu agarrei no bicho e a mamã pequena gritou Apertei com muita força o bicho. Ele fez barulhos que eu nunca tinha ouvido. Depois larguei. Estava todo esborrachado e todo encarnado em cima do carvão.

Eu fiquei escondido quando a mamã veio e chamou. Eu tinha medo da bengala. Depois foi-se embora. Eu saí e levei o bicho. Escondi o bicho na cama e deitei-me em cima dele. Pus a corrente na parede.

XXXXXX. — Hoje é outro dia. O papá pôs a corrente muito curta e eu não posso sair da parede. Dói porque ele bateu. Desta vez tirei a bengala das mãos e depois fiz o meu barulho. Ele fugiu a correr do sitio onde eu durmo e fechou a porta à chave.

Não gosto. Todo o dia há paredes que fazem frio. A corrente levou muito tempo a partir. E eu fiquei muito zangado com o papá e a mamã Vou mostrar como estou zangado. Vou fazer a mesma coisa que na outra vez.

Primeiro vou fazer o meu grito e risos. Depois vou encostar-me à parede. Depois vou pôr a cabeça em baixo e fazer a força toda com as minhas pernas e vou rir e vou fazer correr verde em todos os lados e eles vão ficar tristes por terem sido maus para mim

Mas depois vão querer bater outra vez e eu vou fazer mal como fiz àquele bicho vivo. Vou fazer muito mal.

(Nota e tradução de Aníbal Fernandes. Ilust. de Carlos Fernandes. In «Antologia do Conto Abominável», ed. Afrodite, recentemente posta no mercado).

SALDOS
Na Livraria Quadrante
última semana
preços especiais
Av. Luís Bivar, 85 - C

Arte e impersonalidade

(Continuação da 8.ª página)

prio facto de ser expressão do vivido». E, assim, a «verdade» passou a ser incluída na categoria de sinceridade; isto é, a sinceridade tornou-se critério de verdade, pois que a verdade passou a ser *do homem*.

MAS a evolução desta *sinceridade* (que é um dos eixos da concepção da *arte como representação*) tem um limite onde vai embater. Por um lado, é a descoberta do inconsciente que a revolução freudiana impõe. Por outro lado, é a progressiva individualização «até chegar à extrema e quase irrespirável atomização dos romances da fase final de Henry James — até se chegar ao monólogo interior de «Mrs» Blom no *Ulysses*, de Joyce, onde o fluxo da consciência (antes se diria do subconsciente) estará para além da sinceridade, visto ser a sinceridade total do mais íntimo e não controlado». Conclui-se, agora, que «o homem não pode conhecer-se a si próprio como esfera perfeita, e que, para lá de certo limite, o aprofundamento no sentido da pura diferença conduz ao vazio, e não à 'pura visão» do humano».

É ESTE um ponto fulcral. Tal como o paciente, que, na sessão analítica, nunca pode mentir, porque já a mentira é para o psicanalista *sintoma de verdade*, também a obra de arte está para além de um simples critério de verdade e de mentira em relação a uma impossível sinceridade.

Este tema é decisivo a viragem para uma concepção *antirepresentativa* da obra de arte — com que se irá abrir o campo da modernidade. A obra de arte não se estabelece como *representação dum saber*, mas como *relação com a Verdade*. Isto é, prescinde do critério de *sinceriedade* e adapta os de *autenticidade* e de *densidade estrutural*. É esta a mudança que constitui o eixo do estudo de Casais Monteiro. Baseia-se numa citação de Rousseau, que diz que «on est toujours très bien peint lorsqu'on s'est peint soi-même, quand même le portrait ne ressemblerait point», e num comentário de Starobinski, que observa que «não há auto-retrato que não seja parecido, porque a aparecença não se acha de modo algum na imagem representada, mas na presença do eu no interior da sua palavra».

Não se trata pois de um regresso ao classicismo, que se defina por uma absurda recusa dos valores humanos propostos pelo romantismo, mas de uma «autonomia da expressão estética, na qual a do não-pessoal evidentemente se integra».

O RESTO da obra é o desenvolvimento dos dois conceitos indicados: *autenticidade e estrutura*. O capítulo sobre *autenticidade* desilude-nos um pouco porque, ocupando-se de certos problemas marginais, não chega a abordar o essencial. Mas o essencial aparece a tempo no último capítulo, onde, depois de analisar as obras de Eliot e de Pessoa como teóricos da *impersonalidade* em arte, e depois de ir buscar a Kierkegaard a génese da ironia romântica que revela o valor das máscaras — Casais Monteiro conclui que não é a consciência que se deve reconhecer naquilo que as máscaras dizem, mas é o eu que deve ter consciência de que o *autêntico se exprime através dele* E assim: «*O autêntico* é, efectivamente, a identidade de *um* com algo que admita-se ou não ser transindividual, só pode tornar-se real através desse um. A nossa identificação com o romance ou o poema em que nos *encontramos* tem como fundamento a presença adivinhada de uma comunidade (e não apenas uma comunicação) que não é soma de unidades abstractas, mas participação diversificada, na qual nós não somos *iguais*, mas sim identificáveis; não redutíveis, mas assemelháveis. O choque do autêntico é uma revelação da unidade que todavia só se manifesta pela expressão da diversidade.» Assim se articula o *efeito de autenticidade* e o *trabalho da estrutura*, estabelecendo a obra de arte na *impersonalidade* que a constitui. E Casais Monteiro termina: «os fios da autenticidade, da estrutura e da impersonalidade apareceram formando uma teia sem princípio nem fim».

A REFLEXÃO de Casais Monteiro, mesmo se por vezes nos parece demasiado prudente ou tímida reveste-se de uma importância capital: ela aborda um dos temas essenciais para uma *teoria da modernidade*, permitindo compreender com mais clareza o que há de pré-modernidade na grande maioria da teorização de inspiração «presencista» (ainda hoje é claro).

E é reconfortante verificar que Casais Monteiro, embora recusando e muito justamente, as estéticas especulativas e idealistas, e procurando-se basear na experiência de produção e leitura, não deixa nunca de reconhecer «*ter sido a impregnação filosófica que permittu à teoria e à crítica encarar as obras em si próprias*». Verdade que habitualmente se esquece para depois se acabar por utilizar, em nome de uma imaginária obra-em-si, a babugem das ideologias em circulação. É importante ver um trabalho de reflexão sobre literatura colocar-se sob a inspiração da admirável frase de Thibaudet em 1927: «Prevejo uma crítica literária (a qual não existe ainda, ou, pelo menos, ainda não alcançou perfeito à-vontade e confiança em si própria) formada entre os filósofos, preparada por uma cultura filosófica, da mesma forma que a antiga crítica e uma parte da actual foram formadas pelo humanismo e pelas disciplinas literárias». É que ainda hoje há muitos que não sabem *ver* o que Thibaudet tão bem soube *prever*.

(*) Adolfo Vítor Casais Monteiro, *Estrutura e Autenticidade como Problemas da Crítica Literária*, S. Paulo 1968.

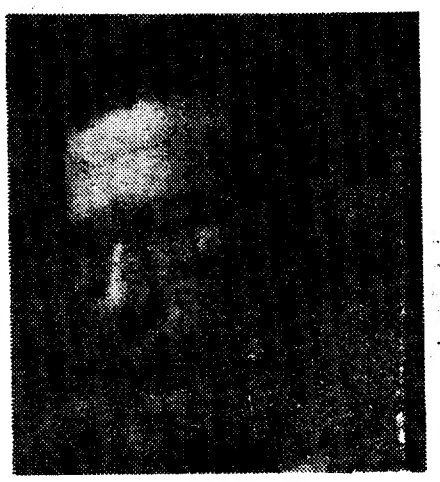
ARTE E IMPERSONALIDADE

crítica

Por EDUARDO PRADO COELHO

UMA dissertação universitária possui caracteristicas que a distinguem de outras manifestações do trabalho intelectual. Porque o adjectivo «universitária» comporta uma série de conotações que designam claramente uma *ideologia da ciência*. As qualidades exigidas acabam, muitas vezes, por ser *exibidas* por aquele que se procura mostrar adequado à instituição. Que tal exibição se sobreponha ao próprio dinamismo interno da prática científica esse é um destino a que alguns se submetem. São muitas as inibições, limitações e deformações que tais usos provocam. Contudo, são, também, inegáveis as vantagens e a prova delas está no alto mérito de muitos dos estudos que nestes moldes se têm realizado.

NO caso da presente obra de Casais Monteiro (*), trata-se de uma tese para o concurso de docência livre na disciplina de Teoria da Literatura da Faculdade de Filoso-



fia da Universidade de São Paulo. As condições em que o trabalho foi produzido explicam, em grande parte, o misto de interesse e de decepção que acompanham a sua leitura. O interesse resulta de se nos oferecer um estudo de teoria literária, coisa rara para ensaistas portugueses, que só muito prudentemente se aventuram em tais domínios (com algumas excepções, aliás, notáveis). É assim que uma obra que encara os conceitos de «autenticidade» e de «estrutura» no campo da teoria literária constitui para nós uma agradável surpresa. Considerar tais questões implica já um conhecimento meditado e amadurecido das principais obras da literatura de todos os tempos. E implica, ainda (ponto que as instituições de formação e divulgação cultural parecem descuidar), uma informação sólida e actualizada do saber filosófico, sociológico, linguístico, económico, histórico e psicanalítico, hoje imprescindível para uma abordagem segura do fenómeno literário.

MAS falemos da decepção. Deriva ela do modo cauteloso com que Casais Monteiro conduz a sua exposição. Falta, por vezes, uma certa audácia no prolongamento das hipóteses. Casais Monteiro avança sempre com todas as reservas, escudado em citações, testemunhos e manuais (em particular, o Wellek e Warren, além de livros de Jean Starobinski e de Henri Peyre, este particularmente discutido). A fundamentação, por vezes excessiva, leva a situações desnecessárias. Por exemplo, aproximar o conceito de «autenticidade» do pensamento heideggeriano é, talvez, inútil, e tal inutilidade ainda mais ressalta pelo facto de Casais Monteiro não chegar a estabelecer a relação profunda que, provàvelmente, existe.

Mas, se de algum modo podemos falar de decepção, ela é uma decepção *interior* ao próprio prazer que provoca a leitura deste trabalho: ela é um prazer em dada altura frustrado uma insatisfação devida aos limites, às fronteiras que asfixiam a força e amplitude de um projecto. Porque, na verdade, a obra de Casais Monteiro é um estudo exemplar, e uma notável contribuição para as ideias literárias em Portugal.

PARTE Casais Monteiro da ambiguidade que rodeia as designações de «teoria da litratura» e de «estética literária». Apontando uma tal confusão, pretende Casais Monteiro afastar todas as estéticas literárias que se dirigem de teoria (da «ideia») para a obra de arte (para o «real»), e não da obra de arte para a teoria. O que Casais Monteiro verifica é que a tendência teórica e especulativa se opõe a uma tendência prática e técnica, mas que ambas são incapazes de considerar a obra de arte na sua especificidade.

A solução proposta é a de «aceitar-se» francamente aquilo que a designação de Teoria da Literatura sugere e é considerar o seu estudo como um campo de investigação específico, cujas «leis» será necessário procurar e determinar a partir da própria obra literária.

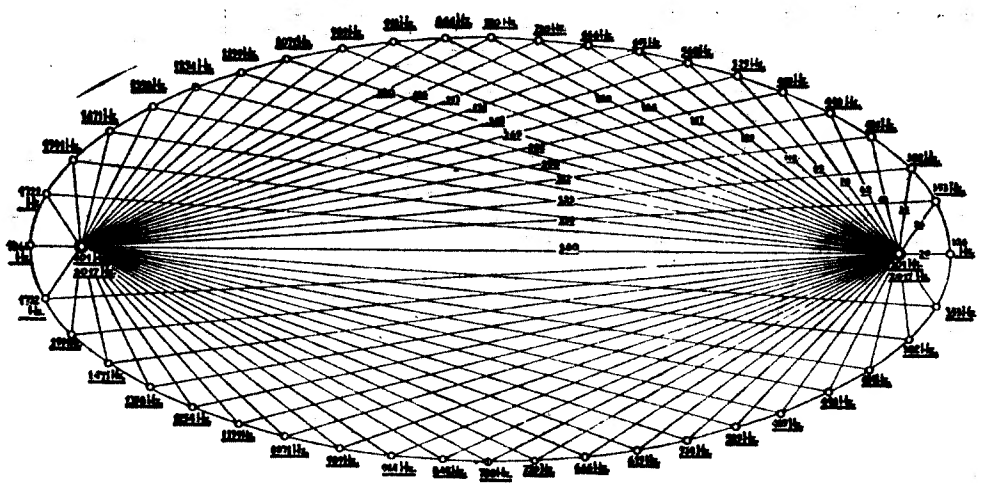
O QUE aqui se verifica é o habitual círculo teórico das origens: saber quais as obras *literárias* que podem servir de base para uma *teoria* implica uma teoria *não teorizada* que nos indique que elas são *literárias*. Tanto mais que até ao século XIX existem textos que assumem, por vezes, uma *função literária*, mas não existe um *espaço literário* (no sentido com que Blanchet utiliza a expressão). É, ainda, evidente que uma «teoria não teorizada» é uma *ideologia*.

NOTEMOS, contudo, que esta orientação proposta por Casais Monteiro, aparentemente de teor empirista, é, depois, atenuada ao longo da obra. O que Casais Monteiro não quer é que os métodos de outras ciências se introduzam ilegitimamente em domínios que lhes são alheios. O que pretende é manter a especificidade do objecto e a autonomia do método. E é isso que ele ilustra com o seu trabalho. O sentido desta investigação é sempre, decididamente, anti-idealista, valorizando-se Aristóteles, teórico do fazer, em prejuízo de Platão, teórico de essências.

PARA Casais Monteiro, a constituição de uma consciência literária opera-se no século XVIII, no momento em que a natureza das coisas é substituída pela natureza dos homens, e aparecem o romance e o lirismo com afirmações de finitude. Desdivinizar as ideias é descobrir a dimensão histórica da cultura. E, se é verdade o que Foucault nos diz quando proclama que «antes do fim do século XVIII, o homem não existia», é porque a literatura e o homem emergem simultâneamente, e tal simultaneidade não constitui um acaso. É com Rousseau e a ideia de «sinceridade» que o processo se verifica. Aí se inaugura o período romântico.

Mas a *sinceridade* é apenas a primeira manifestação da *autenticidade*. O que Casais Monteiro pretende demonstrar é que a sinceridade em Rousseau, seu ponto de origem, se não pode confundir com a sinceridade como critério de valor que a estética romântica tem defendido até aos nossos dias, ao afirmar que «à expressão do vivido se atribui um valor estético cuja garantia é o pró-

(Continua na 7.ª página)



Elementos de uma estrutura (geométrica) musical

AS LUSAS SEMIFUSAS

Entrevista com JOSÉ ATALAYA

VAMOS TENTAR uma aproximação àquele simpático senhor das barbas que explica na TV por que é que a trompa está enroscada ou porque é que o clarinete é bicudo. Mas o contexto que mais nos interessa e onde se situa José de Atalaya é o da Música Electrónica.

A Itália é um dos países mais avançados na pesquisa de novas sintaxes musicais no domínio da fonologia electrónica. Dois importantes centros nesse panorama são o S. M. E. T. (eStúdio de Música Electrónica de Turim) e o S. 2F. M. (eStúdio de Fonologia Musical de Florença), que estão, como veremos mais adiante, empenhados num novo tipo de estrutura musical, por caminhos ligeiramente diferentes.

Por JOSÉ ALBERTO GIL

J. A. — .. Eu estava em Itália, em missão de serviço da Emissora Nacional e do IMAVE, na qualidade de bolseiro da Fundação Gulbenkian. O meu objectivo essencial era o de aperfeiçoar a minha formação profissional como director de orquestra com o maestro Piero Bellugi. Tive, então oportunidade de conhecer pessoalmente o compositor Pietro Grossi, director do S 2F M, e fiquei impressionado com o ardor que Grossi se dedicava ao desenvolvimento da música electrónica em Itália. Encorajou-me depois a trabalhar na sua equipa. Depois de conhecer as possibilidades do estúdio e a conselho de Grossi decidi explorar ritmicamente o temporizador utilizando apenas sons sinusoidais...

O temporizador permite interromper o circuito em fracções pequenissimas e controláveis, criando assim ritmos com as mais diversas possibilidades

...Como sabe, a música electrónica encontra-se ainda numa fase experimental, embora existam já obras «acabadas» de elevado valor estético e que podem considerar-se clássicas no género. De início as minhas realizações não eram mais do que experiências, tentativas. A descoberta de um mundo maravilhoso. Depois, Grossi aconselhou-me a estruturar tudo o que eu estava a fazer. Incitou-me a fazer aquilo que, mais se poderia designar por uma composição electrónica. Aproveitei uma pausa no meu trabalho com Piero Bellugi (que entretanto tivera que substituir Charles Münch numa série de concertos da RIAS de Berlim) e produzi, no Estúdio S 2F M, as «VARIANTES RÍTMICAS».

Além de numerosas actividades, como director da Orquestra do IMAVE, realizador de programas na E. N. e RTP, aparece-nos agora José Atalaya na sua face de criação.

— *Mas não me considero um compositor de carreira. Estudei composição durante oito anos com Luis de Freitas Branco e cheguei a fazer três canções sobre poemas de Eugénio de Andrade, apesar de nunca me ter interessado em mostrá-las...*

paralelamente:

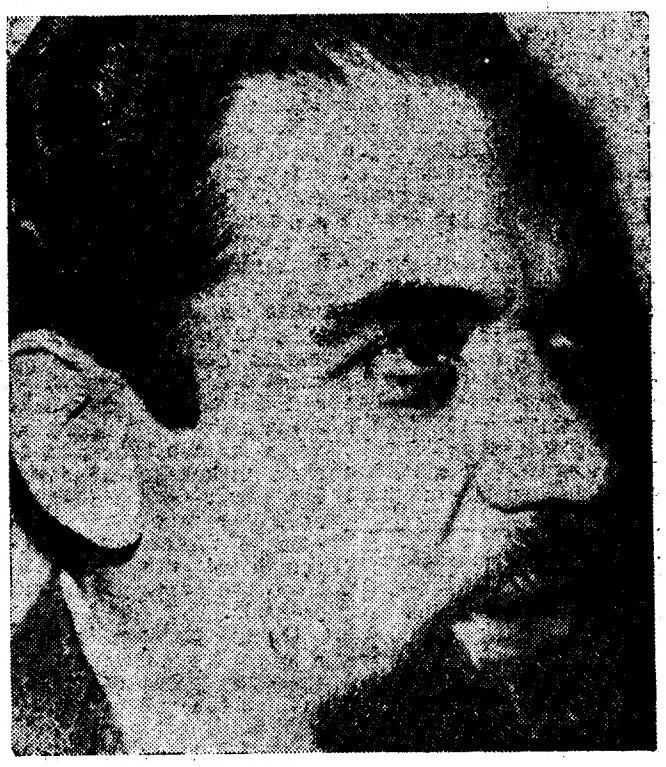
...fui estudante de engenharia e fiquei muito impressionado com as possibilidades da música electrónica. Além disso seria difícil com os meios tradicionais fazer algo que não nos estivesse sempre a recordar um Stravinsky, Webern ou Bartok. Usando desses meios electrónicos senti-me capaz de CRIAR qualquer coisa. Os problemas da utilização de meios novos são de tal ordem que nos encontramos quase perante um infinito inexplorado.

DOS DIVERSOS MÉTODOS DE EXPLORAR E ORGANIZAR ESSE INFINITO:

O novo tipo de estrutura praticado pelos centros atrás citados consiste no estabelecimento de inter-relações quantitativas a partir duma estrutura geométrica. Um exemplo bem explícito está indicado na gravura. Como se pode ver os diversos elementos da estrutura musical, abstraindo das suas propriedades particulares de relações mútuas, e encontrando-se reduzidos apenas a uma escala de frequências organizam uma figuração geométrica em que as distâncias implicitam um tempo de execução. Enquanto nos outros aspectos da música um agregado sonoro implica estruturas de transformação e os significados que lhe são inerentes, aqui trata-se de estabelecer critérios de transformação ou evolução de outra ordem ou, mais precisamente, de distâncias mútuas, de um tempo palpável.

Não é sem alguma razão que se põem extractos de obras de música electróni-

(Continua na 6.ª página)



José Atalaya